

IVANA GUILHERME SIMILI

**MEMÓRIA DA PROSTITUIÇÃO:
LEMBRANÇAS DA "CASA DA ANTONIETA"**

Dissertação de Mestrado em História
(Área de Concentração: História e
Sociedade - Linha de Pesquisa: História e
Instituições) apresentada ao Curso de Pós-
Graduação em História, como exigência
parcial para obtenção do título de
MESTRE EM HISTÓRIA.

Orientadora: Elizabeth Darwiche Rabelo

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Faculdade de Ciências e Letras

Campus de Assis - Assis/SP

- 1995 -

**MEMÓRIA DA PROSTITUIÇÃO :
LEMBRANÇAS DA "CASA DA ANTONIETA"¹**

Ivana Guilherme Simili

RESUMO: O trabalho é uma reflexão sobre memória, feita através de lembranças de uma casa de prostituição, a da "Antonietta", que existiu em Assis entre 1.940 e 1.978. O objetivo foi revelar aspectos da história da prostituição, que foi marcada pela existência das casas de prostituição nas paisagens das cidades brasileiras, com vistas à compreensão da memória e do imaginário que se constituíram em torno desses lugares, cujos reflexos estão na maneira como são lembrados e esquecidos.

UNITERMOS: memória, lembranças, mulheres, prostituição.

¹- Dissertação de Mestrado em História (Área de Concentração: História e Sociedade - Linha de pesquisa: História e Instituições) apresentada à Universidade Estadual Paulista - Câmpus de Assis - Faculdade de Ciências e Letras - Assis - SP - 1995. Orientadora Dra. Elizabeth Darwiche Rabelo.

MEMÓRIA DA PROSTITUIÇÃO:
LEMBRANÇAS DA "CASA DA ANTONIETA"

Ivana Guilherme Simili.

ABSTRAT: This dissertation is a case study, on memory, written through the remembrances of a "whore house", the Antonieta's that was located in the city of Assis, São Paulo state, from 1.940 to 1.978. Its purpose was to reveal scenes of a prostitution history, that was constructed by the presence of brothels in the scenery of the Brazilian cities. It intends a comprehension of the meemory and imegery that were built around these plesure houses, that sill alive in the way that one remembers or forgets them.

Keywords: Memory, Remembrances, Women, Prostitution.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPQ pela bolsa de mestrado concedida, que me possibilitou dedicar mais tempo à pesquisa.

Agradeço à minha orientadora, Dra. Elizabeth Darwiche Rabelo, pela oportunidade de realizar o trabalho e pela atenção dispensada.

Aos professores: Anna Maria Martinez Corrêa, Paulo Alves, Sergio Norte e Zélia Lopes da Silva, pelo incentivo dado. E à Professora Mariângela Braga Norte, pela tradução feita do resumo.

Ao pessoal do Forum de Assis", do CEDRAU - UNESP e dos jornais "Voz da Terra" e "Gazeta de Assis", por terem contribuído para o acesso às fontes de pesquisa. Ao Valdecir e ao Lúcio do "Jornal Voz da Terra" pela ajuda técnica concedida.

Agradeço ao Matheus Spinelli, pelo empenho demonstrado na "arte final" do trabalho.

Agradecimentos carinhosos ao Celso De Tílio, à "Mãezinha" e às mulheres entrevistadas. Já que não posso dizer o nome de todas elas, que, por intermédio de uma, todas se sintam representadas: "Muito obrigada, D. Carmem!".

Aos amigos conquistados ao longo do trabalho ou antes dele, que sempre me deram o maior apoio profissional: Célia Camargo, David de Paula e Emery Marques.

Agradeço à Solange Ramos David, amiga reencontrada após muito tempo e a quem sou grata pelo apoio emocional e profissional.

Carinhosamente, agradeço aos meus pais Evan e Lurdes, aos meus irmãos: Ivan, Ivani e Ivanise.

Finalmente, pela compreensão e afeto, agradeço ao Agostinho, ao Vinicius e ao Glauco.

Com carinho: ao Agostinho,

Vinicius e Glauco.

MEMÓRIA DA PROSTITUIÇÃO: LEMBRANÇAS DA "CASA DA ANTONIETA"

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	09
 1ª PARTE - A TRILHA DA MEMÓRIA	
CAPÍTULO 1 - O ENCONTRO DAS LEMBRANÇAS.....	24
1.1 - MEMÓRIA E LEMBRANÇA.....	36
 2ª PARTE - QUADROS DE UMA CIDADE	
CAPÍTULO 2 - OS CAMINHOS DA PROSTITUIÇÃO.....	50
2.1 - A RUA.....	52
CAPÍTULO 3 - AS CASAS DA ANTONIETA.....	66
3.1 - A CASA DA RUA.....	68
3.2 - A CASA DA CHÁCARA.....	77
 3ª PARTE - O COTIDIANO DE MULHERES	
CAPÍTULO 4 - O DIA: TEMPO PARA DEVANEAR.....	84
4.1 - O CORPO E OS SONHOS.....	85
4.2 - OS PASSEIOS.....	93
4.3 - OS CLIENTES, OS AMORES E OS "CORONÉIS".....	104

CAPÍTULO 5 - O TEATRO NOTURNO.....	121
5.1 - OS BASTIDORES	
5.1.1 - O HORÁRIO E OS PREPARATIVOS.....	123
5.1.2 - O CAMARIM.....	129
5.2 - O ESPETÁCULO	
5.2.1 - O CENÁRIO.....	139
5.3 - O PRIMEIRO ATO	
5.3.1 - O SALÃO E O ESPETÁCULO.....	143
5.3.2 - AS MÚSICAS E AS DANÇAS.....	152
5.4 - O SEGUNDO ATO	
5.4.1 - A ALCOVA SILENCIOSA.....	160
5.4.2 - OS PANOS DA ALCOVA.....	174
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 176
 FONTES.....	 182
 BIBLIOGRAFIA.....	 183
 ANEXOS.....	 189

*Passado - prostituição / sua casa, suas
mulheres / seus frequentadores,
políticos / honras e bens e
importante*

INTRODUÇÃO

Os segredos e mistérios contidos em fragmentos espaciais dispersos pela paisagem de uma cidade, a maneira como estes lugares e alguns de seus habitantes são lembrados pelas pessoas, foram convertidos em inspiração para a realização desta pesquisa.

Na cidade de Assis, quando se busca descobrir seu passado prostitucional, investigando as lembranças que a população moradora há mais de ^{cinquenta} quarenta anos guarda, aparece sempre um nome de mulher: "Antonieta", vinculado a um lugar, "a casa da Antonieta".

Para evidenciar esse passado, as pessoas contam muitas histórias: diz-se que Antonieta foi a musa de Jorge Amado para o livro Tieta. Ligações para explicar essa inferência são feitas a partir de um outro fato: Jorge Amado tinha um amigo que residia na cidade e algumas vezes teria vindo visitá-lo e que, ao conhecer Antonieta usou desse contato para escrever um livro, cujo título expressaria o relacionamento.

No enalço dessas lembranças geralmente a figura da Antonieta é retratada como mulher poderosa que tinha muita influência junto a pessoas importantes, principalmente os políticos da época. Fala-se que quando de passagem por Assis, esses políticos não deixavam de visitar sua casa, que é sempre lembrada como tendo sido "uma das melhores da região", perdendo apenas para a da Eny, em Bauru.

Prioritariamente com os homens, as imagens inesquecíveis são as das mulheres que a casa abrigou, que são lembradas sempre com os predicativos de lindas, belas, bonitas.

Para confirmar essas qualidades femininas e as paixões que despertaram, algumas histórias fantásticas são contadas para demonstrar as loucuras que podiam ser cometidas. Uma delas dá conta de um apaixonado, piloto da Varig, que assustou a população de trinta anos atrás ao ousar vir para a cidade de avião, "desses grandes".

Estas histórias são algumas dentre as muitas que se ouve quando se procura saber sobre o passado prostitucional da cidade de Assis. Ainda que com teores diferentes, todas apontam para um ponto: foi ele grandioso porque representado pela Antonieta e sua casa.

Nelas são encontrados indícios que permitem pensar sobre a maneira pela qual a população de uma cidade, em contato com os universos prostitucionais - direta ou indiretamente - ou por aquilo que se ouviu falar, veio a constituir uma memória coletiva e um imaginário para a prostituição.

Antonieta morreu em 1978. Durante o tempo em que morou em Assis teve duas casas de prostituição. A primeira na Rua José Bonifácio, até mais ou menos 1956. A segunda na "zona do meretrício", que ficava na Rua J. V. da Cunha e Silva, no início da rodovia que liga Assis a Cândido Motta.

Porém, se foi essa realidade que forneceu as bases da memória e suas lembranças, o significativo é que nas narrativas que as pessoas fazem do passado, a realidade aparece encapsulada em histórias que mostram que o liame entre real, imaginação e imaginário é flexível e que interpenetram-se, permitindo que se interroge até que ponto essas histórias realmente aconteceram e da maneira como dizem. Será que Antonieta serviu mesmo de musa inspiradora para Jorge Amado?

Como era essa mulher de que muito se fala? Será que as famosas mulheres da Casa da Antonieta eram belas e fatais tanto quanto dizem? Quem eram seus frequentadores, no presente lembrado como tendo sido homens importantes e influentes? Como era essa casa lembrada como requintada e como melhor da região?

Na memória, o passado que importa é a versão que ficou. É na versão que fala da casa da Antonieta como tendo sido importante que a população acredita e aposta. E é esta versão que tenta, através de suas recordações, transferir para as gerações seguintes. São as narrativas grandiloquentes que no presente fazem sentido e que são reconhecidas como o que realmente aconteceu e existiu no passado.

É este passado que a população consegue enxergar ou imaginar nos escombros da paisagem onde funcionou a casa, na Rua J. V. da Cunha e Silva, na saída para Cândido Motta. No lugar em que funcionava a "*Chácara da Antonieta*", cuja área correspondia a um quarteirão e onde sua proprietária ficava controlando e participando dos intermitentes vaivéns de homens e mulheres, hoje sobraram uns poucos pés de eucaliptos, emoldurados por uma vegetação rasteira e alguns neófitos arboreados, que se encarregam de tirar o vazio do local e de lhe dar um certo ar bucólico.

Numa paisagem conta menos aquilo que designam do que aquilo que sugerem.² Esta paisagem de hoje sugere o passado que habitou o lugar - no pouco que ainda resta ou no vazio que foi deixado.

2- Ver CARENA, Carlo - Ruína/Restauo, In: *Enciclopédia Einaudi*, vol.1, (Memória-História), Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984, p. 107-129.

Estes restos são o suporte para aquilo que no presente é invisível e dizem para as pessoas que o passado que as histórias contam realmente aconteceu. Foi naquele lugar que se passou: ali está sua prova.

No presente as antigas edificações foram ceifadas, a área foi rearranjada, transformando-se o lugar onde existia a Casa e a zona do meretrício num outro espaço. No entanto, os olhares e as narrativas da população denunciavam que ceifar edificações, rearranjar o espaço com máquinas, valorizá-lo, não implicou em destruir as memórias ali sepultadas. Mudar o visual da antiga "zona" talvez fosse a maneira achada para tentar apagar da memória da comunidade a lembrança da existência da prostituição na cidade.

Um fato insólito, que demonstra as tentativas feitas no presente para apagar do espaço a memória prostitucional, é uma placa afixada em uma das casas da antiga zona, onde se lê: "casa de família". Nesta preocupação das pessoas que hoje ali residem, de se diferenciarem das antigas ocupantes, existe uma mensagem: *"os que aqui habitam agora são outras pessoas"*. Surpresa foi descobrir que a autora de tais dizeres era uma das mulheres remanescentes da zona do meretrício e que ocasionalmente alugava seus quartos para a prática prostitucional. A necessidade de construir uma nova imagem para aquele espaço pode ser percebida em atitudes como essas e leva a pensar sobre a influência avassaladora dos novos proprietários, que acintosamente começam a se misturar aos antigos e fazem valer suas representações morais e seus costumes.

É contra o passado de prostituição que existiu no lugar que se investe, para apagar uma imagem e sua memória e substituí-la por outra.

Por isso, a insistência em fazer crer aos transeuntes que nada do passado permanece naquele lugar torna aquela inscrição um símbolo da lembrança,

podendo ser lida da seguinte forma: "aqui existe em latência o vírus do passado, em forma de memória. Ela está presente e viva".

É em busca da memória da Casa da Antonieta que fomos nesta pesquisa, visando compreender como foi o convívio das cidades com o fenômeno prostitucional e como a população de uma cidade, em contato com esses lugares, veio a constituir sua memória e seu imaginário, cujos reflexos estão na maneira como se lembra e esquece da prostituição.

Para esta viagem ao passado escolhemos como nossas interlocutoras privilegiadas as mulheres que viveram no lugar a experiência prostitucional: como a casa da Antonieta é lembrada por elas? Como era viver na casa da Antonieta? Quais recordações possuem do lugar e das pessoas que nele viviam: Antonieta, as outras mulheres e seus freqüentadores?

A escolha das mulheres como fonte de informações se deveu à suposição de que, pelo fato de suas vidas terem entrecruzado com muitas outras nos espaços da casa, suas narrativas seriam reveladoras de como uma época e uma cidade reagia à existência e a convivência com estes lugares prostitucionais em suas paisagens.

Suas lembranças seriam a ponte entre o passado e o presente, entre os vivos e os mortos, possibilitando que lugares e pessoas fossem trazidos ao presente e recolocados em cena participando dos eventos e situações como se os mortos vivos estivessem e como se o longínquo fosse próximo.³ Possibilitariam, assim, que através de suas lembranças, o passado se tornasse presente e, ao ser imaginado, fizesse compreender um pouco mais, a nós mesmos, as concepções e valores com relação à prostituição.

* * *

³- Ver POMIAN, K. - Coleção, In: *Enciclopédia Einaudi*, vol.1, (Memória - História), Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984, p. 51-86.

A existência de casas de prostituição nas paisagens das cidades brasileiras foi, em décadas passadas, um fenômeno comum. Juntamente com o cemitério, a igreja e a polícia, elas compunham os cenários das cidades.

Conforme demonstra a historiografia,⁴ o surgimento desses espaços foi a solução encontrada pelas autoridades médicas e policiais para resolver os problemas que no século XIX são observados nas principais cidades brasileiras, com o crescimento vertiginoso de sua população.

Nesse momento, a necessidade de intervir na cidade e ordená-la torna-se premente. O conhecimento das teses defendidas por médicos higienistas franceses, sobretudo o Dr. Parent Duchâtelet, que preconizava a idéia de prostituição como um mal necessário, com a qual as cidades deviam aprender a conviver, leva a que os pressupostos do sistema regulamentarista fossem incorporados pelos discursos e aplicados à realidade brasileira.

Tem início a campanha moralizadora nas principais cidades e começam a se disseminar os bordéis, casas de prostituição e *rendez-vous*, onde as prostitutas deviam ser enclausuradas para que não colocassem em risco a moral e a decência pública.

Se, de um lado, esses espaços prostitucionais tornaram-se uma realidade nos cenários das cidades, de outro, conforme Margareth Rago,⁵ a falta de informações

4- Sobre a questão da medicalização das cidades ver: ENGEL, Magali- *Meretrizes e Doutores: o saber médico e a prostituição na cidade do Rio de Janeiro (1845-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989. SOARES, Luiz Carlos- *Rameiras, Ilhoas, Polacas: a prostituição no Rio de Janeiro do Século XIX*. São Paulo: Ática, 1992. RAGO, Luzia Margareth- *Do Cabaré ao Lar: A utopia da Cidade Disciplinar (1890-1930)*. RJ: Paz e Terra, 1985.

5- RAGO, Luzia Margareth - *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1.890-1.930)*. RJ: Paz e Terra, 1991.

sobre o número desses lugares prostitucionais é significativa, levando-a a pensar que o investimento social sobre a prostituição centrou-se mais na construção de um fantasma, que perseguiu as mulheres por décadas, do que sobre o espaço geográfico da zona do meretrício ou sobre as mulheres empiricamente consideradas.

→ Contribuir para desfazer parte do silêncio que repousa sobre esse período da história da prostituição, marcado que foi pela existência das zonas de meretrício e pelas casas de tolerância nas cidades brasileiras, é a razão desta pesquisa. Ao propor recuperar a memória da casa da Antonieta e ao fazê-lo através das lembranças de mulheres, possibilita o conhecimento desses lugares e seus personagens, permitindo perceber como uma cidade se relacionou com a prostituição.

Na concepção que norteou o surgimento ^{dos espaços} desses lugares prostitucionais no cenário encontramos os sinais indicativos da positividade a ser extraída desse convívio. A prostituição, ao ter seu lugar na paisagem, transformava-se em um fenômeno com visibilidade para destacar quais eram os valores morais e sexuais de uma sociedade. Para os homens, era o lugar de início da vida sexual, de extravasar uma sexualidade incontida com as prostitutas, com as quais, por vezes, vivenciavam relacionamentos duradouros. Acreditava-se que a função da prostituição, representada pela casa e pelas mulheres, era possibilitar às futuras esposas a garantia de suas virgindades.

Para as mulheres, a presença das casas de prostituição, ainda que colocada distante de seus olhos, era um elemento fundamental para ajudar na constituição da subjetividade feminina. A paisagem continha a prostituição e apontava qual era o lugar que devia ocupar na sociedade a mulher-esposa-mãe de família e a prostituta.

O lugar da primeira era em casa, cuidando do lar e dos filhos e da segunda, na casa de prostituição, na zona do meretrício.

O papel que as casas da prostituição desempenharam no imaginário feminino pode ser entrevisto nas imagens que podiam ser produzidas e que estavam associadas aos lugares da cidade, apontando-se às jovens o caminho que deviam seguir e a maneira como deviam conduzir suas vidas para não cair nesse mundo da "perdição".

➤ Mas, a proliferação das casas prostitucionais, ao transformar-se num fato, compelia as cidades a estabelecer com elas regras de convivência, levando a prostituição a ser aceita como um mal necessário para defender os valores morais e sexuais de uma sociedade que defendia a virgindade feminina, dotava o sexo de função genital procriadora, preconizava sua necessidade para arrefecer os instintos masculinos e resolver os problemas dos homens mal casados para jamais confundirem suas honestas esposas com as amantes voluptuosas.⁶ Era preciso traçar as premissas do relacionamento entre a população e esses espaços sob bases positivas.

Reportando-se a George Simmel, Maria Stela Bresciane comenta que as exigências psíquicas feitas ao indivíduo numa cidade grande e pequena são diferentes, fazendo com que nas últimas o psiquismo da população seja menos intelectualizado *"porque fundado de preferência na sensibilidade emotiva e nas relações afetivas"*.⁷

6- Ver CHAUI, Marilena - *Repressão Sexual, essa nossa (Des) conhecida*. SP: Brasiliense, 1988.

7- BRESCIANE, Maria S. - (ANPUH - UNICAMP). Comunicação Pessoal, 05 set. 1994.

Para que imaginássemos o que os passantes viam da rua, os enunciados sobre as casas foram utilizados para que produzíssemos imagens visando identificá-las, fazendo com que, semelhante a quadros, alguns ângulos da casa ressonassem em nós, fornecendo evidências para enxergarmos um pouco do que não existe mais e que compunha o cenário da vida cotidiana da cidade.

Mas, para além do visto existia o oculto, o que não era enxergado pelas pessoas de uma cidade e que, por isso, sempre causou muita curiosidade, exatamente pela combinação perfeita entre mistério e sigilo: o que se passava dentro de uma casa de prostituição? O que acontecia nesses lugares dos quais o se via era apenas uma arquitetura ou simplesmente paredes, figuras fugidias entre vãos de portas e janelas e de onde, quando muito ouviam-se ruídos?

Na parte III do trabalho - "O cotidiano de mulheres" meu interesse voltou-se para o mundo privado da Casa da Antonieta. As casas de prostituição tinham um sentido de organização em função daqueles que eram seus objetivos, que giravam sempre em torno de alguns interesses, cujo principal era o dinheiro a ser obtido dos clientes. Isso era colocado como determinante para as mulheres que, em função disso, deviam organizar suas vidas para estarem preparadas para recebê-los e atendê-los. quaisquer que fossem as demandas masculinas, em qualquer horário do dia e da noite. Por isso, procuramos evidenciar o cotidiano da Casa da Antonieta: quais eram suas práticas, valores e costumes? Em outros termos: qual era o universo cultural que habitava? O que era mostrado a seus freqüentadores para que formassem o elenco de imagens que hoje povoa suas memórias e o imaginário da cidade?

Tendo como pressuposto que era na vida cotidiana de uma casa e de uma cidade que aconteciam as representações, no Capítulo I - "O Dia tempo para devanear", procuramos os momentos vivenciados por mulheres na intimidade da

casa ou quando do contato com a cidade, para mostrar de que modo preocupações e prazeres coabitavam a vida cotidiana e ressonavam de muitas maneiras em suas vidas, proporcionando-lhes a vivência de sentimentos e emoções.

A matéria para o conhecimento dessa vida cotidiana estava nas lembranças. Observamos que, na memória das mulheres, as lembranças da casa eram traduzidas sempre em termos de momentos vivenciados. Com esses momentos é que trabalhamos na descrição que organizamos dessa dimensão temporal: o dia.

Como Gaston Bachelard concebemos que a matéria para a reflexão está no cotidiano presente e passado. Esse filosofar estava representado nas lembranças dos momentos vivenciados e foram eles que resgatamos ao restituí-los ao cotidiano da casa, ao *"cenário da vida do corpo, morada de afetos, fonte de poesis artística e filosófica"*.⁸

Nessa operação pretendemos fazer com que os momentos cotidianos pudessem resgatar para a vida cotidiana a sua poética. Para tanto, nos posicionamos frente às lembranças com aquele conceito de historiador de que fala Gaston Bachelard: *"Nunca somos verdadeiros historiadores; somos sempre um pouco poetas e nossa emoção talvez não expresse mais que a poesia perdida"*.⁹

Muito mais que conhecer o cotidiano de uma casa de prostituição, visamos explorar os momentos lembrados e a riqueza das imagens, para que fôssemos levados pela narrativa a imaginar como era a casa e a vida na Casa da Antonieta. Buscamos ser reportados ao lugar e suas pessoas, para ter provocada nossa imaginação e sermos induzidos a imaginar, através das mulheres, aquilo que as pessoas imaginaram, para tentar entender como reagiram no passado em contato

8- PESSANHA, José Américo Motta: "Bachelard e Monet: O olho e a mão", In (Org) Adauto Novaes, *O Olhar*. SP: Cia das Letras, 1988, p.156.

9- BACHELARD, Gaston - *A Poética do Espaço*. SP : Martins Fontes, 1993, p.17.

com aquele mundo e as recordações que guardam no presente. Quisemos não apenas vislumbrar a casa, mas penetrar nela, para fazermos companhia às mulheres nesse cotidiano, em seus cômodos, como se possível fosse compartilhar de seus momentos de recolhimento ou de andanças pela cidade, de suas emoções e sentimentos.

Mais que observar e descrever a vida cotidiana, quisemos imaginá-la, de maneira que fôssemos provocados a reviver pelas lembranças um pouco do clima de outrora. Pretendemos sentir aquela experiência que Lapicque escreve (citado por Lescure, p.132)¹⁰: *'Se, por exemplo, pinto a passagem do rio em Autenil, espero que minha pintura me traga tanto imprevisto, embora de outro gênero, quanto o que me trouxe o curso d'água verdadeiro que vi. Nem por um instante se trata de refazer exatamente um espetáculo que já pertence ao passado. Mas necessito revivê-lo inteiramente, de uma maneira nova e pictórica desta vez, e, assim fazendo, dar a mim mesmo a possibilidade de um novo choque'*.

Ao descrevermos a vida cotidiana em busca da casa e de suas pessoas, não tratamos de encontrar nas lembranças um substituto para o passado, exatamente "tal qual era". Mas ao buscarmos "como era" visamos acompanhar o refazer das lembranças, para obter um análogo em nossa imaginação, para a produção de um novo choque e sua emoção.

Reimaginar o passado ao mesmo tempo que se recupera, mostrou-se como um recurso interpretativo necessário para a construção do cotidiano e para a compreensão do sentido de que lhe dotavam as mulheres ao viverem na casa. Para trazer à tona as representações e seus sentidos e reviver um pouco da lógica passada é que recriamos o cotidiano com os momentos de mulheres.

¹⁰- idem, p.26

No segundo Capítulo - "A Noite - Ilusão e Compromisso", na perspectiva de abordagem do cotidiano e da problemática da memória, imaginação e imaginário, procuramos revelar as práticas noturnas da casa da Antonieta.

Pensando o cotidiano enquanto *"espaço onde rupturas e tradições se interagem, onde não existem rupturas que não preservam nada, nem tradições que não as atualizem nunca"*,¹¹ buscamos nas lembranças das mulheres os indícios reveladores das práticas e costumes femininos frente àquela que era uma tradição nas casas de prostituição: suas noitadas.

Entendendo que práticas da casa e das mulheres imbricavam-se nesses momentos, significando-se mutuamente, utilizamos a linguagem teatral para descrever as noites da casa da Antonieta. Concebemos as noites como produtoras de espetáculo, a casa em teatro, onde esse acontecimento tinha palco, as mulheres em personagens com papéis a desempenhar e com um roteiro da representação a desenvolver junto a seus interlocutores noturnos.

Ao reinventarmos as noites foi um universo de ações simbólicas que nos deparamos, em que mesclaram-se nas práticas e costumes, memória, esquecimentos e silêncios: emoções e sentimentos.

Entendemos como recurso interpretativo válido, buscar no simbolismo da linguagem teatral o simbolismo das noites de uma casa de prostituição para, ao reencenarmos as noites, recuperarmos, a só termo, os atores sociais, suas práticas e costumes e o universo cultural de um lugar.

Restituir as cenas noturnas do passado à linguagem teatral, representou a possibilidade de devolver ao seu lugar um dos sentidos de como as noites são

¹¹ ALBINO, Celina e WERNECK, Nisia - "Anotações sobre Espaço e Vida Cotidiana". *Espaço e Debates*. SP, n.17, Ano VI, 1991, p.34.

recordadas pela população, para desvelarmos esses significados e descobrirmos um mundo de práticas e costumes ressituidos nos espaços da casa.

Finalmente, na Parte I - "A trilha das Memórias", no Capítulo I - "O Encontro das lembranças", faço a exposição das fontes utilizadas e a discussão teórico-metodológica.

Como advertência aos leitores, gostaria de salientar que no corpo da narrativa há poucas notas bibliográficas. Essa falta tem uma explicação: investigamos memórias em busca de lembranças que levassem a conhecer o passado prostitucional de Assis, fixando nossa atenção na Casa da Antonieta e nas lembranças das mulheres.

Tentamos descobrir nas lembranças as pistas que nos levassem ao passado através do significado conferido pelas mulheres. Na procura desse significado, reinventamos o passado¹² através de alguns recursos, como imagens e artifícios linguísticos para evidenciá-lo. Nisto residiu nossa interpretação: ordenar as narrativas para que o significado contido nas vozes do passado fosse mostrado.

Por isso, abolimos os atos interpretativos com tópicos teóricos. Como explicar a maneira pela qual uma mulher de uma casa de prostituição conferia sentido à existência cotidiana, senão evidenciando a vida cotidiana para mostrar como o cotidiano é representado pelas lembranças da experiência? Como explicar os

12- O conceito de "reinvenção" é usado com o sentido de recurso interpretativo numa acepção Geertziana para quem: "Os textos antropológicos, são eles próprios interpretações, e, ainda por cima, de segunda e terceira ordem. Por definição, só um 'nativo' as faz de primeira ordem: é a cultura dele). Constituem 'alguma coisa criada' -o sentido original de *factio*-, o que não significa que sejam falsas, distantes dos fatos ou simplesmente experimentos mentais 'como se'. GEERTZ, Clifford - *A Interpretação das Culturas*. RJ: Guanabara Koogan SA, 1989, p.15-16.

significados presentes na memória, senão evidenciando-os para entender como foram constituídos ao longo da história da prostituição em Assis?

1ª PARTE

A trilha da Memória

*"Nada me dói lembrar. Nada... Tudo o que fiz,
não me arrependo de ter feito."*

Bete

CAPÍTULO 1

O encontro das lembranças

Muitas foram as mulheres que passaram pela casa da Antonieta. Tínhamos presente que muitas delas, dado o tempo decorrido, podiam nem mais estar vivas. Outras, dada a rotatividade que havia sido a tônica de suas vidas, podiam estar muito longe, desaparecidas em meio à profusão de pessoas e lugares. Havia ainda aquelas que tinham permanecido na cidade e cujo vínculo com a casa estava mais aceso, mas que por conta da passagem dos anos e das mudanças que vão sendo impostas à vida, nem ao menos quisessem lembrar de uma parte de suas vidas que pertencia ao passado e que para elas havia sido também enterrada junto com a casa ou com a Antonieta.

Porém, em meio a tantas perdas, impedimentos e esquecimentos, algumas das mulheres que viveram na Casa da Antonieta puderam ser conhecidas e a concordância de parte delas permitiu que seus depoimentos fossem colhidos.

Quando o que se propõe numa pesquisa é recuperar a memória de uma casa de prostituição a importância de que dotamos os depoimentos das mulheres estava naquilo que podíamos obter através da história oral e da maneira como pretendíamos utilizá-los. Conforme Paul Thompson: *"a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história a distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os "objetos" de estudo em "sujeitos", contribui para uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira"*.¹³

13- THOMPSON, Paul- *A Voz do Passado : História Oral*. RJ: Paz e Terra, 1992, p.137.

Para recolocarmos os atores em cena e para que a história da casa da Antonieta fosse mais viva e verdadeira era preciso encontrar as mulheres; para que fosse mais comovente e compreendêssemos o que diziam era preciso recolocá-las no cenário com suas vozes e para isso era necessário recuperar as lembranças da experiência de ter sido prostituta.

No relato de como aconteceu o encontro das mulheres e do processo de coleta da evidência oral podemos avaliar todos os passos de uma pesquisa e como uma história feita com esse tipo de documento pode ser mais viva, comovente e verdadeira.

Logo no primeiro contato observamos que uma coisa era conhecer as mulheres através daquilo que as histórias masculinas contavam: "*Milene era linda!*"; outra, bem diferente, era ter diante de si a memória viva: a pessoa em carne e osso, em que o passado deixava de ser uma abstração para se concretizar na pessoa com suas rugas e cabelos brancos.

Das cinco mulheres entrevistadas fomos encontrar quatro morando nos arredores próximos da extinta zona do meretrício e a quinta, ainda na mesma região, mas um pouco mais distante das demais, a questão de uns dez quarteirões.

Os depoimentos foram colhidos entre os anos de 1991 e 1994. A vida que hoje levam pode parecer um truísmo, mas, obviamente é muito diferente daquela que tinham quando moraram na Casa da Antonieta. Suas idades hoje variariam entre 50 e 78 anos, sendo que a mais idosa morreu no início de 1993.

Enquanto perdurou a relação de entrevista, uma era casada, uma desquitada, uma solteira e duas eram viúvas. Quatro delas têm filhos.

Os problemas que enfrentavam eram muitos: educação dos filhos, dificuldades financeiras, debilidade física provocada pelo passar do tempo e agravada ano após ano.

Resultado do trabalho

As conversas foram sempre amistosas, mas, para iniciá-las, foi preciso conquistar a confiança delas e isso exigiu certo tempo. Após muitas idas sem resultado, gravamos em torno de 12 horas de fitas.

Resultado

O tipo de assunto que com elas seria abordado exigiu muita cautela. Logo no primeiro contato lhes era explicado o uso que seria feito de suas narrativas. Explicávamos que seria para um trabalho de pesquisa sobre a Casa da Antonieta.

Preferimos não preparar um questionário prévio. Dizíamos que queríamos conversar sobre as lembranças que tinham da casa da Antonieta, entendendo que dessa maneira as deixávamos mais a vontade.

Muitas vezes o pedido redundava em exíguos comentários e, nesses momentos, nossa interferência dava-se como meio de provocar a continuidade da narrativa.

A vida que pulsa numa relação de entrevista pode ser observada na solução dos problemas que surgem. O principal foi o que dizia respeito à possível identificação das mulheres por parte das pessoas que viessem a ler este trabalho. O receio de constrangimentos era imenso e havia o risco de, ao sonegar a identidade das mulheres, descaracterizá-las totalmente, de forma que as pessoas que conheceram aquela realidade não conseguissem rever o que foi a casa da Antonieta. Essa dúvida tinha peso em qualquer decisão.

A solução encontrada levou em conta as opiniões a respeito do assunto. Uma das mulheres concordou de pronto que o nome com a qual era conhecida fosse usado. As demais titubearam e, em razão disso, com exceção da primeira cujo nome mantivemos - *Carmem*, optei por substituí-los e foram usados os codinomes *Beth*, *Lurdinha*, *Vera* e *Iracema*. Em alguns momentos, usamos para esta última a expressão "*gerente*", pois esta foi uma das funções por ela ocupada na casa.

Vale acrescentar que por terem sido muitas as mulheres que pela Casa passaram

com estes nomes, tornam-se inviáveis e nulas quaisquer tentativas de identificação e garante-se a correspondência, embora mínima, entre fatos e pessoas.

A única exceção aberta foi para um homem, que por ter sido durante décadas garçom da casa, foi também entrevistado. Para esse, preservou-se esse título, "*garçom*", para identificá-lo. Prestando esta espécie de serviço, pôde conviver com as mulheres e demonstrou, por suas lembranças, a perspicácia de um exímio observador naquilo que vivia e que era o seu cotidiano e também o da casa.

Havia ainda um outro problema que dizia respeito à maneira como as chamaríamos - eram "mulheres" ou "prostitutas"? Há que se perceber que as tratamos como "mulheres" em detrimento de "prostitutas". Como chamar de "prostitutas" a essas mulheres que tínhamos à nossa frente e com as quais conversávamos? Mulheres cuja vida era outra e cujo passado mal podia ser encontrado em seus rostos?

Se as tratássemos como "mulheres" estaríamos subtraindo a vivência, porque embora fosse uma vida de mulher, as lembranças falavam de uma experiência vivida como mulher mas que envolvia a prostituição. Havia algo nestas mulheres que as aproximava e as diferenciava com relação a outras tantas.

De outra forma, se a elas nos referíssemos como prostitutas, igualmente estaríamos olhando e classificando estas mulheres com o preconceito que povoa o imaginário popular e científico.¹⁴ E hoje, já não eram prostitutas.

Entretanto, se eram lembranças da vida numa casa de prostituição, eram elas em si demonstrativas das possibilidades contidas numa vida de mulher. Com isso,

14- "Construído no século XIX, a partir de uma referência médico-policial, o conceito da prostituição não pode ser projetado retroativamente para nomear práticas de comercialização sexual do corpo feminino em outras formações sociais, sem realizar um aplainamento violento da singularidade dos acontecimentos". RAGO, Margareth- *Os Prazeres da Noite*. op.cit., p.23.

se era a vida que nos fazia diferentes, era ainda como mulher que tinham vivido e eram lembradas. Por esta razão, optamos por escolher a expressão "*mulher*" quando a elas nos referirmos.

Em todos os passos da pesquisa, fica patente que uma coisa é lidar com documentos escritos e outra bem diferente é escutar as lembranças de mulheres que vivenciaram uma experiência, que fluíam de seus lábios e sobre as quais recaem muitos preconceitos. Como não se comover com seus medos e receios de exposição? Como manter distância das dificuldades por que passam - seus problemas físicos e financeiros - debilidade pelas doenças, falta de recursos?

São essas vidas, seus problemas e dificuldades, com suas emoções e sentimentos que ressonam nas lembranças. Captar essa matéria-prima humana para com elas reencenar o passado, faz com que se alcance um resultado mais próximo do vivenciado, no sentido de que falam da vida como quem traz essa vivência no corpo - com suas marcas e sentimentos.

Conhecer as mulheres e conversar com elas para a obtenção de evidência oral mostrou um aspecto interessante e que diz respeito ao ato de lembrar. Adélia B. de Menezes, ao refletir sobre o filme "Blade Runner", ressalta a ligação entre memória e emoção. à guisa de uma frase que insistentemente é colocada por um dos personagens: *"se lhes for dado um passado, será criada uma base para a emoção"*.¹⁵

Esse passado, que é base da emoção, existe na memória das mulheres da Casa da Antonieta. Esta emoção é que fez do ato de lembrar um momento de criação e recriação de sentimentos, pelo contato provocado pelas lembranças. Foi essa emoção que as mulheres evidenciaram ao falar sobre a vida no lugar. Foi ela quem

15- MENESES, Adélia Bezerra de- "Memória e Ficção". *Revista Resgate*. Unicamp, n.3, 1991, p.9.

deslocou a energia da memória para o coração, em que lembrar significou recordar em seu sentido etimológico: *colocar (de novo) no coração*.

É este ato de recordar com o coração que nos leva a reconhecer, como Aristóteles, que a memória pertence à alma e que a memória da Casa da Antonieta, como obra do espírito das mulheres que a povoaram, será a história de uma casa escrita com as lembranças da emoção.

Foi esta emoção de entrar em contato com o passado através de suas lembranças que as mulheres deixaram evidente ao contarem sua experiência prostitucional, expressando-se em sua linguagem e gestos. Em alguns momentos era uma fala contida, receosa, com medo das próprias palavras, com gestos calculados, pontuados por muitos anacolutos; por vezes, no entanto, era uma narrativa efusiva, em que não poupavam palavras e gestos para demonstrarem a presença da lembrança que eu procurava. Nesses momentos, a importância e significado que tinham alguns dos objetos que guardam, como um copo onde se tomava "Hi-fi", os vidros de perfumes preferidos e envelhecidos pelo tempo, eram mostrados, na tentativa de fazer com que eu entendesse o que diziam ou que procurasse entender o que nem diziam, através das coisas que povoam no presente suas casas. Esses objetos, muitas vezes, eram apontados sorrateiramente, quando palavras eram ditas e o olhar, timidamente, recaía sobre alguns dos móveis, como uma cristaleira repleta de peças de porcelana, cujo sentido só quem falava viu, não disse, mas talvez quisesse que eu entendesse.

Muitos detalhes puderam ser percebidos durante as entrevistas: os olhares observadores e atentos, reveladores ou insinuantes; os gestos, que muitas vezes tentavam teatralizar um comportamento, como o que acompanhava a lembrança da Antonieta ao receber os homens: como andava, sentava, ficava a observar as pessoas; o passar das mãos pelo rosto, a maneira muitas vezes irrequieta como

essas mulheres sentavam-se comigo para conversar; o abrupto transitar pelos espaços como meio de pausar a entrevista ou mudar de assunto, recorrendo-se a cafés, ou perguntas inusitadas; os sorrisos nervosos e carinhosos, as cobranças que me eram feitas quando chegava e que antecedia a entrevista; as expressões de carinho, como "minha filha"; foi um pouco do que vivi, para além do que ficou registrado nas fitas.

O uso da história oral em estudos históricos vem se tornando freqüente por pesquisadores que se detêm sobre os mais variados temas e com diferentes preocupações. Esse quadro é bastante revelador da mudança de postura observada entre os historiadores frente à concepção do que é um documento e cuja origem está num movimento ocorrido no seio da própria história.

No século XIX, concomitantemente à definição da história e seu campo - grandes acontecimentos, feitos e homens, estabelece-se sua premissa metodológica: o conhecimento histórico é feito sobre bases documentais textuais - nisto entendido documento escrito.

É interessante observar que, ao privilegiar a ação e poder masculinos e ao definir sua base - os documentos escritos, eliminava-se da história, a mulher. Nessa versão grandiloqüente de homens poderosos, grandes figuras históricas, a presença, participação e atuação da mulher acontecia de forma meramente coadjuvante, acessória ou exemplar e somente quando era necessária para reafirmar, por intermédio do feminino, os valores e preceitos notoriamente masculinos, fazendo-se necessário, para tanto, o recurso à nomeação de suas concubinas, cortesãs, prostitutas ou amantes.

Esse foi o legado da história para o século XX. Em oposição a esta concepção de história e sua prática é que nasce na França, a história Nova. *"A história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e*

As respostas para nossas inquietações estavam nas lembranças da experiência prostitucional e a evidência oral foi usada com outras memórias encontradas.

Enquanto algumas mulheres puderam ser conhecidas, com outras não foi o contato pessoal que permitiu o encontro de suas lembranças. Selma, uma das muitas moradoras que a casa teve, por exemplo, deixou como rastro um diário íntimo escrito de próprio punho, onde conta como era a vida numa casa de prostituição. Essa é a sua memória e as lembranças que quis deixar gravadas.

Se uma das principais dificuldades com que se deparam pesquisas que tenham como objetivo o conhecimento de experiências femininas é a obtenção de registros feitos por mulheres, de próprio punho, conseguir o diário íntimo de uma prostituta possibilitou apreender-se o fluir da vida de uma mulher.

Este diário pode ser tomado como um símbolo de transgressão, porque partiu da iniciativa e vontade de uma mulher escrevê-lo: ela fazia da própria vida um ato de transgressão. Era também uma maneira de driblar o tempo, esse indômito motor da história que impõe sobre as coisas esquecimento e perdas.

Se um século XIX, do qual ainda somos herdeiros, cindiu os espaços público e privado e destinou a mulher ao lar, à casa, seria de se esperar que a vida de muitas Selmas pudesse ser captada a partir dela própria, com suas anotações, cartas, correspondências, enfim. Entretanto, nesse "*sótão da história*", expressão de Michelle Perrot,¹⁸ nada se descobre porque nada por elas é deixado. A explicação para Perrot é constituída pela imbricação de dois fenômenos, cujo epíteto é a interdição e cujos sintomas, é importante destacar, acredito serem ainda observáveis nos discursos e práticas de mulheres. Primeiro, porque a leitura e a escrita sempre foram interditadas às mulheres ao longo dos tempos. Segundo,

18- PERROT, Michelle- "Práticas da Memória Feminina". *Revista Brasileira de História*. SP: Anpuh/Marco Zero, v.9, n.18, p.9-18, ag./set.89.

quando escreviam algo de si em diários, cartas, correspondências diversas, freqüentemente esse material era destruído por elas próprias com o passar dos anos. Queimavam-no por vários motivos e em várias situações, com o objetivo de expurgar um passado que pretensamente seria maculoso.

Sem se dar conta do que estava a realizar, Selma rompe com o silêncio a que foram confinadas muitas mulheres ao longo da história. Se suas antecessoras e, porque não, suas sucessoras, se vêem cerceadas em deixar suas marcas, seus registros dos passos que deram, quem foram e o que fizeram, ela ousa nos contar sobre o mundo do privado.

Com a ousadia de Selma em escrever sobre sua vida, a Casa da Antonieta ganhava movimento. Não era mais um mundo silencioso de mulheres caladas, mas de mulheres que, com as palavras, mostravam seu atrevimento e coragem em falar sobre matéria esquecida pela história: a intimidade de mulheres.

Há que se registrar que a forma como Selma escreveu em seu diário foi preservada. Nos limitamos a indicar algumas vezes os erros gramaticais cometidos, somente quando a palavra necessitava de precisão para captarmos seu sentido. Afora esses momentos, o texto foi conservado em sua íntegra.

Havia, ainda, as mulheres que deixaram as marcas de sua passagem e experiência nos depoimentos judiciais. A utilização de depoimentos judiciais, ao mesmo tempo que vem se tornando uma prática entre historiadores que buscam nesses documentos subsídios para os mais diferentes tipos de investigação, vem propiciando a construção de uma metodologia que tem derrubado antigos problemas. Atualmente, a questão dos filtros intermediários da Justiça, que por muito tempo limitou sua utilização, mostra-se como ultrapassada.¹⁹

19- Ver CHALHOUB, Sidney- *Trabalho, Lar e Botequim: O cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. SP: Brasiliense, 1986.

Através dos depoimentos judiciais tivemos contato com experiências de violência vivenciadas pelas mulheres. Fomos encontrar esses processos tipificados pela Justiça como "crimes", por recobrirem casos de roubos praticados na casa e de brigas entre as mulheres e destas com os homens.

Do feixe de documentos de que é composto um processo-crime, detivemo-nos nos depoimentos prestados pelas mulheres nas condições definidas pela Justiça como "vítima(s)", "ré (s)" e "testemunhas".

Quando examinamos os depoimentos das mulheres contidos nos processos, observamos que esses documentos continham evidências importantes sobre uma casa de prostituição. Isto se deve ao fato de terem sido obtidos em função da busca da "verdade"²⁰ que a Justiça procurava nos casos sob sua égide, bem como por serem colhidos com vistas a que o acontecimento esquadrihado respondesse às interrogações propostas e o problema pudesse ser resolvido. Relatavam, também, as situações nas quais as mulheres haviam se envolvido e que haviam sido determinantes na tipificação dos autos.

Além dessas memórias, duas outras compuseram o rol de lembranças: as provenientes do arquivo jornalístico e a de um "Contrato de arrendamento particular de imóvel" feito em 1960, entre Antonieta e Laudelina.²¹

Antonieta

* * *

20- Ver QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de- "Relatos Oraís: do 'indizível' ao 'dizível'. (Org) Olga de Moraes Von de Simson - Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil. SP: Vértice, Editora dos Tribunais, p.14-43, 1988.

21- Segundo informaram as mulheres entrevistadas, Laudelina morou na casa.

1.1 - Memória e Lembranças

A memória sempre foi um tema instigante. Pelos gregos antigos a memória era considerada uma identidade sobrenatural ou divina: era a deusa Mnemosyne, mãe das Musas, que protegia as Artes e a História e dava aos poetas e adivinhos o poder de voltar ao passado e de lembrá-lo para a coletividade: *"Heródoto de Halicarnassus apresenta aqui os resultados de sua investigação, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que feitos admiráveis dos helenos e dos bárbaros não caiam no esquecimento; ele dá, inclusive, as razões pelas quais eles guerrearam"*.²²

Salvar o passado do esquecimento, essa era a tarefa a que os gregos antigos se propunham ao imortalizarem seus feitos, as ações humanas em palavras, evitando que fossem apagados com o tempo e servissem de exemplo às gerações humanas futuras.

"A memória é, pois, inseparável do sentimento do tempo e da percepção/experiência do tempo como algo que esco".²³ Em seu nascedouro, Memória e história estão juntas: a memória é história e vice-versa. O legado grego à história é essa preocupação com o tempo.

No século XIX, a memória é transformada em preocupação científica. Em fins daquele século, Henry Bergson irá procurar descobrir a maneira pela qual a memória se constitui nos indivíduos e afirmará a existência de dois tipos de

22- GAGNEBIN, Jeanne Marie- "O início da História e as lágrimas de Tucídides". *Revista Margem*. SP: Educ, n.1, mar.1992, p.11.

23- CHAUI, Marilena- *Convite à Filosofia*. SP: Ática, 3.ed.,1995, p.126.

Ao assim definir a obra prostiana, Benjamim destaca um aspecto importante relativo à memória e que deve ser retido quando se trabalha com lembranças de experiência: lembrar da vida que se viveu não é recuperá-la como foi.

"*A Memória Coletiva*" de Maurice Halbwachs²⁷ pode ser tomada como contraponto às formulações teóricas de Bergson. Numa filiação sociológica que remete a Durkheim, este autor atrelará a constituição e permanência da memória aos "*quadros sociais da memória*". Entende ele que, embora a memória se manifeste no indivíduo, ela é "*antes de tudo uma combinação particular do universo histórico, social e cultural com o qual o indivíduo está em relação*"²⁸. Diz ele: "*Mas, nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nos estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós*".²⁹

Aplicada a teoria de Halbwachs às lembranças das mulheres é de se concluir que, embora os depoimentos sejam individuais e refiram-se às experiências vivenciadas, não existem lembranças individuais. Lembrar é sempre um ato coletivo, é lembrar-se de lugares e pessoas que fizeram parte de algum modo e em algum momento de suas vidas e que são lembradas como pertencendo a uma experiência.

É por este caráter das lembranças serem sempre coletivas que é possível conhecer, através da experiência individual, o coletivo - como os lugares e pessoas de uma época e sua cultura.

27- HALBWACHS, Maurice - *A Memória Coletiva*. SP: Vértice, 1990.

28- VERDUM, Ricardo- "Refletindo sobre a Memória com Maurice Halbwachs". *Ciências Humanas em Revista*. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, v. 5, n.2-Jul/Dez, 1994, p.142

29- HALBWACHS, Maurice- *op. cit.*, p.26.

Além de defender a relação entre memória e sociedade, outro ponto importante na teoria de Halbwachs é aquele que contesta a sobrevivência do passado em sua totalidade, pois a memória não é sonho ou contemplação do passado, mas é trabalho.

A teoria de Halbwachs é sintetizada por Ecléa Bosi nos seguintes termos: lembrar não é reviver, mas é refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje as experiências do passado. Diz ela: *"A lembrança é construída pelos materiais que estão à nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, por que nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e valor. O simples fato de lembrar o passado no presente, exclui a identidade entre imagens de um e de outro e propõe a diferença em termos de ponto de vista"*.³⁰

Disso resulta, e é o que nos interessa, que essas mulheres, ao rememorarem, mediatizadas por suas lembranças, um passado que pode ser um pequeno interstício de tempo como o que segue a anotação num diário, ou no transcorrer de um processo-crime, ou ainda após o transcurso de muitos anos como as narrativas orais, e daí a obrigatória aquiescência com Halbwachs, estarão sempre, num dado presente, reelaborando-o com explicações, entendimentos, justificativas da circunstância, do contexto e, principalmente, do momento e das razões por que foi evocado. E é por este constante refazer que uma lembrança não é a mesma percebida, apreendida, ouvida e guardada e não é a mesma de tempos atrás.

Por conseguinte, as lembranças que ficam na memória não permanecem nela petrificadamente, tal qual um banco de dados de computador, em que as

30- BOSI, Ecléa- *Memória e sociedade: Lembranças de Velhos*. SP: TA:Queiróz, 1987, p.17.

informações são guardadas e quando a elas se acessa, estão tal qual foram gravadas (como defendia Bergson). Elas são, isto sim, e acho que essa questão é esmiuçada com propriedade por Bosi, fixando assim a concepção de Halbwachs, constantemente relidas. É sempre no e pelo presente que o passado é refeito.

Para esclarecer esta relação entre memória e tempo, entre lembrança e lembrar, puxamos um comentário feito por Peter Wagner na introdução de um livro que pretende ser a memória de uma prostituta, intitulado *"Fanny-Hill- Memórias de uma mulher de Prazer"*, escrito no século XVIII por John Cleland³¹. Pensa ele ser impossível a nós, expoentes de um século, entender o significado deste livro para os homens coevos à sua publicação, isto porque nele estão embutidos outros valores, comportamentos e atitudes sociais comungados pelos indivíduos daquele tempo. Lê-lo hoje significa dar-lhe outra interpretação, ter dele outro entendimento, visto que vivemos numa sociedade onde perpassa, vige e impera, coleção de valores morais e sexuais diferentes daquela época.

Se o tempo instala esta diferença entre interpretações, o mesmo processo pode ser observado na leitura deste mesmo livro por uma mesma pessoa. Esta diferença se estabelece entre as leituras, entre uma primeira e sucessivas outras, com certos interstícios de tempo. Por isso, nunca se lê um livro de uma mesma e única maneira. Cada leitura é um olhar e traz novas descobertas. Passagens de um texto destacadas numa leitura podem vir a ser substituídas por outras. Detalhes postergados ou deixadas de lado por serem incompreensíveis ou tidos como desimportantes num momento, podem conferir novos sentidos à leitura, portanto, renovando a interpretação e o entendimento.

³¹- CLELAND, John - *Fanny Hill ou Memórias de Uma Mulher de Prazer*. SP: Estação Liberdade, 1989, 2v.

O livro pode servir como analogia para a vida: semelhante a um livro é a vida de uma pessoa e sua leitura, metáfora para os trabalhos da memória. Se o passado não se revive mas se refaz, se não é sonho mas trabalho, com as lembranças das mulheres estaremos evidenciando as leituras feitas de uma experiência.

Portanto, ao trabalharmos com os depoimentos orais para a captação das lembranças, não tivemos a ilusão de que estaríamos dessa maneira mais próximos do vivido pelas mulheres, mas o que objetivamos foi, retomando Benjamim, buscar as lembranças da experiência prostitucional, através de quem a viveu.

Mas o que fica para cada pessoa de uma experiência de vida? Estas questões remetem ao ato de lembrar. Para lembrar antecede e é pré requisito o arquivamento das informações na memória. Nem tudo e todo o acontecido, experimentado, vivido e percebido por essas mulheres, em quaisquer das situações que tenham vivenciado, foi inexoravelmente guardado tal qual o vivido e percebido. Apenas são passíveis de arquivamento algumas passagens de uma vida ou determinados aspectos dela. Tampouco tudo o que é ouvido é gravado pela memória, tal qual a percepção tem somente parte do recebido depositada pela transmissão. Esse comportamento, exorciza o que a pessoa seleciona e elege, dentro do universo das mensagens recebidas, pelas múltiplas formas e meios, as que lhes são importantes. Isto é o que faz a diferença entre experiências.

Duas mulheres, que durante suas vidas viveram uma mesma situação, que pode ser ditada pela vida em comum numa casa, como é o caso das mulheres objeto desta pesquisa poderão ter dela retirado algumas lembranças, algumas que um pouco se aproximem ou outras que em nada se assemelhem, em tudo se diferenciando. A segregação operada pelas pessoas encontra-se resumida em duas

frases de Bosi: "*fica o que significa. E fica não do mesmo modo: às vezes quase intacto, às vezes completamente alterado.*"³²

Se fica o que significa, o que ficou para as mulheres e que é lembrado como a experiência na casa da Antonieta é o que elegeram para guardar e lembrar como sendo importante. Mesmo no caso de Selma e seu diário, e das mulheres ouvidas pela Justiça e, neste caso, de todo o direcionamento na enquete, as respostas dadas têm este conteúdo, o de ser ditado por uma seleção operada a partir do vivenciado e escolhida para guardar e lembrar.

Entretanto, como vimos com Halbwachs, a memória adquire conteúdo coletivo. Sendo ela formada e sustentada por laços sociais, por mais que uma experiência seja individual e por mais que tentem escamotear, as mulheres não conseguirão subtrair de suas narrativas a presença dos vários "*outros*" concretos e abstratos que habitam suas memórias. As pessoas que constituem os grupos sociais e com os quais estiveram envolvidas são personagens que também incorporaram à sua consciência as imagens dos "*outros*" enquanto produtos de uma experiência coletiva.

Mas, quais lembranças são definidoras de uma memória como sendo uma experiência? Porque a memória é vida, neste fluxo *continuum*, ela se vê pontuada por acontecimentos que se transformam em marcos existenciais.

Em se tratando de "*depoimentos orais*" que colhemos e não de "*histórias de vida*"³³, que trazem consigo uma demarcação ditada por um vínculo com a Casa da Antonieta, é de se supor que alguns marcos existenciais ficaram na memória das

32- BOSI, Ecléa - *op.cit.*, p. 27.

33- Sobre a diferença entre "depoimentos" e "história de vida" ver: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de - *op. cit.*

mulheres, cujos principais foram a chegada e a saída da casa, não em termos de datas, mas de vivências.

A questão dos marcos existenciais leva a que se pense num outro conceito fundamental de Halbwachs - o de memória histórica. A diferença entre memória coletiva e histórica é colocada por ele nos seguintes termos: *"A história é um quadro de mudanças, e é natural que ela se convença de que as sociedades se mudam sem cessar, porque ela fixa o olhar sobre o conjunto, e não passam muitos anos sem que dentro de uma região desse conjunto, alguma transformação se produza"(...) "A memória coletiva, ao contrário, é o grupo visto de dentro, e durante um período que não ultrapassa a duração média da vida humana, que lhe é, freqüentemente, bem inferior".*³⁴

Em sua teoria, enquanto a memória coletiva é definida como uma corrente de pensamento contínuo vinculada aos grupos socioculturais de uma nação, a memória histórica pressupõe a descontinuidade, a ruptura, a mudança.

Um outro trecho de sua exposição pode esclarecer melhor essa diferença: *"A história, sem dúvida, é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens. Mas lidos em livros, ensinados e aprendidos nas escolas, os acontecimentos passados são escolhidos, aproximados e classificados conforme as necessidades ou regras que não se impunham aos círculos de homens que deles guardaram por muito tempo a lembrança viva".*³⁵

Deve ser ressaltado que Halbwachs é um homem de seu tempo e seu conceito de história está por isso limitado. Quando vinculamos seu conceito de memória coletiva ao de história, a memória histórica pode ser definida como os fatos que

34- HALBWACHS, Maurice - *op.cit.*, p. 88.

35- Idem, p.80.

ressonaram na memória individual e coletiva porque com significado para o indivíduo ou grupo.

Durante o período de existência da Casa da Antonieta muitos fatos aconteceram, vindo a marcar a história da prostituição na cidade de Assis, bem como das memórias individuais e coletivas. Essa memória histórica, encontramos nas lembranças do arquivo jornalístico e judiciário.

As lembranças que a memória de ambos guardava da casa da Antonieta serviram para recuperar sua historicidade, para a constituição de sua memória histórica, enquanto memória temporal datada e localizada no tempo e espaço.

Os lugares são sempre lugares memorializados.³⁶ Quando se busca um lugar na memória, não há dicotomia entre ele e o que nele se viveu. As lembranças são sempre situadas num espaço de tempo e lugar: não há como se lembrar de um lugar sem que se conte o que nele se viveu, bem como não há como contar uma experiência sem que se situe as lembranças um lugar ou em lugares. Por conseguinte, ao interrogarmos as memórias descobrimos lembranças da casa e que a ela remetiam. A memória do arquivo jornalístico e judiciário mostrou a historicidade das lembranças da experiência prostitucional ao possibilitar a obtenção de uma configuração para a casa em termos de tempo e espaço.

Por isso, por esse caráter sempre coletivo das lembranças, por mais íntimo que possa parecer o relato de uma mulher registrado nesta pesquisa, não conseguirá ela escapar do tempo desfrutado socialmente, quer seja com as outras mulheres, com a proprietária ou com o cliente. E estando o grupo vinculado a um lugar, uma casa com sua arquitetura e composição de coisas, objetos e cheiros, supomos que qualquer lembrança individual também traz em seu bojo as marcas temporais e

36- Ver BOSI, Ecléa- op. cit., p.362.

espaciais, por onde é possível entrever e localizar numa memória individual a memória coletiva.

Conforme Halbwachs: "*Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva*" (...) "*Para que nossa memória se auxilie com as dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras*".³⁷

Se a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e a constituição desta última é marcada pelos pontos de contato existentes entre as lembranças, isto significa que enquanto campo discursivo são os indivíduos que auxiliam-se mutuamente na fixação do conteúdo e forma das recordações.

Ao centrarmos nossos olhos sobre determinadas mulheres que se ligaram a determinada situação, seria a memória individual de cada uma mais fidedigna que a memória que o grupo teria? Bosi afirma que "*sim enquanto a percepção original obriga o sujeito a conter as distorções em certos limites porque ele viu o fenômeno*". Entretanto, "*se a memória grupal pode sofrer os preconceitos e tendências do grupo, sempre é possível um confronto e uma correção dos relatos individuais e a história salva-se de espelhar apenas os interesses e distorções de cada um*".³⁸

Acompanhando o raciocínio da autora e sua lógica, é de se concluir que há nessa explicação uma complementariedade que a torna bilateral, onde as duas assertivas devem ser consideradas, porque por muito que se deva à memória coletiva ela é recordada através dos indivíduos, que, por outro lado, constantemente revêem esse passado entre si.

37- HALBWACHS, Maurice- *op. cit.*, p.51

38- BOSI, Ecléa, *op. cit.*, p.335.

Sendo causa e efeito destas múltiplas influências, a memória individual vê-se penetrada pela incorporação de experiências, manipulações, deturpações que são próprios de seu refazer. Conforme Pierre Nora, se a memória é vida, *"ela está em evolução permanente, aberta à dialética da lembrança e da anamnésia, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, suscetível a longas latências e repentinas revitalizações"*.³⁹

A preocupação com os processos citados por Nora esteve presente quando procuramos informações objetivas sobre determinados acontecimentos. No caso, o confronto entre lembranças foi um passo importante quando o que procuramos foi a história da Casa da Antonieta e uma configuração arquitetônica para a casa.

Mas, quando o objetivo foi verificar a leitura da experiência prostitucional feitas por quem a havia vivenciado, visando obter uma pauta de representações para compreendermos como uma cidade constituiu seu imaginário em torno da casa da Antonieta, todos os processos relativos a memória apontados por Nora foram considerados reveladores e integrantes das próprias representações.

O nível imaginativo das memórias foi concebido como importante para conhecermos como opera a imaginação - as projeções conscientes e inconscientes, os desejos e fantasias das mulheres. Avaliamos aquilo que lembravam como sendo a experiência prostitucional e os assuntos mais recorrentes em suas memórias os tomamos como significativo da cultura da Casa da Antonieta; foram eles apontados no intuito de mostrar como conferiam sentido à existência em seus afazeres cotidianos e na vivência propiciada.

³⁹- NORA, Pierre - "Entre Memória e História: a problemática dos lugares". trad. Yara Aun Koury. *Revista do Programa de Pós graduação em História da PUC/SP*. n.10, dez.1993, p.9.

Os fatos lembrados e de que forma o faziam dependeram de uma seleção feita pelas mulheres. Essas lembranças foram as escolhidas para representar a experiência prostitucional na Casa da Antoniêta; nisto residia sua importância e valor. Do acervo que é uma memória e das várias espécies de lembranças, as relatadas haviam sido as crivadas e concebidas como possíveis de serem transmitidas, por considerarem que não punham em risco a auto-imagem individual ou do grupo.

Entendemos que, nesta seleção, muitas das lembranças, mesmo sendo sendo profanas às normas e aos valores dominantes, escaparam desse crivo e foram transmitidas, talvez entenderem que, na fala, tinham o instrumento para o reconhecimento público de certas situações e uma oportunidade para a elaboração de uma outra imagem da prostituta.

Certamente muitas lembranças foram retidas, como as que são compartilhadas com determinadas pessoas; ou outras, que as mulheres reservaram o direito de confessar apenas a si mesmas. Previsíveis e esperadas foram as sonegações de informações. Talvez as tenham omitido por acharem-nas descabidas, desimportantes, impróprias ou comprometedoras.

Esta relação entre memória e lembrança é destacada por alguns pesquisadores como sendo a questão fundante na psicanálise, cujos pressupostos podem ser encontrados num passado longínquo com Platão e seu bloco mágico. *"É assim que essa imagem de um bloco de cera aparece no diálogo platônico denominado Theeteto: (...) Sócrates: Digamos agora que é um presente mãe das musas, Mnemosyne, e que, todas as vezes que nós queremos nos lembrar de algo que nós vimos ou ouvimos, ou pensamos, temos esse bloco sob nossas sensações e nossas concepções e aí as imprimimos, como gravamos o carimbo de um anel, e que o que foi assim imprimindo, nós lembramos e sabemos, durante o tempo que a*

*imagem permanece na cera: enquanto que o que se apagou ou que foi impossível de gravar, nós esquecemos e não sabemos".*⁴⁰

Gravar e esquecer, lembrar e esquecer, são partes de uma mesma moeda que é a memória, resultado da constante seleção daquilo que se quer registrar e lembrar. Importa frisar, portanto, que uma lembrança não transmitida não entendemos como uma lembrança esquecida. O "esquecer", muitas vezes justificado pelas mulheres, foi considerado como uma expressão. *"Esquecer-se / esconder-se: Essa fórmula centrada na ambigüidade da voz média do verbo léthomai não resume o essencial daquilo que Freud fala das lembranças esquecidas/escondidas/encobertas por conta da repressão? As histéricas, os neuróticos e as pessoas, de um modo geral, se escondem no esquecimento. Ou: esquecem-se, escondem algo de si próprias no esquecimento".*⁴¹

Isto faz do lembrar e esquecer formas de expressão, denotando a censura imposta às pessoas pela sociedade. Havia no esquecimento das mulheres um posicionamento, um interdito vindo de dentro para fora, mas imposto de fora para dentro. Não se lembraram porque, por alguma razão, não deviam ou não podiam lembrar.

Conforme Michael Pollak, nas lembranças de uns e outros existem *"zonas de sombra, silêncios, não ditos"*.⁴² Entre as lembranças e os esquecimentos das mulheres, expressando uma linguagem, havia o espaço dos silêncios, os não ditos e os brancos da memória.

40- PLATÃO, "Théétète". *Oeuvres Complètes*, Tomo III, Paris: Garnier, trad. Chambry, p. 412-413. Apud MENESES, Adélia Bezerra de, "Memória e Ficção", op cit., p.9

41- Idem, p. 12.

42- POLAK, Michael- "Memória, esquecimento, silêncio". *Estudos Históricos* n.2 (3), RJ, 1989, p.8.

A relação ambígua existente entre lembrança e esquecimento é colocada por Benjamin nos seguintes termos: "*O importante para o autor que rememora não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência. Ou seria preferível falar do trabalho de Penélope do esquecimento?*".⁴³

O que importou foi que ao recuperarmos as lembranças das mulheres nessa luta entre a Penélope da reminiscência e do esquecimento, venceu a primeira.

E conforme ainda Benjamin: "*Articular historicamente algo passado não significa reconhecê-lo 'como efetivamente foi'. Significa captar uma lembrança como ela fulgura num instante de perigo.(...) Captar no pretérito a centelha da esperança só é dado ao historiador que estiver convicto de que se o inimigo vencer, nem mesmo os mortos estarão a salvo dele*".⁴⁴

Salvando as lembranças das mulheres, vencemos essa luta contra o esquecimento. Juntando os fragmentos de lembranças para reconstituir a memória da casa da Antonieta, vencemos um inimigo - o tempo, seus esquecimentos e perdas. Lembrar das mulheres para recuperar a memória de uma casa de prostituição significou colocar uma centelha de esperança na história da prostituição, não deixando que um lugar e suas pessoas caíssem no esquecimento.

43- BENJAMIN, Walter Benjamin- "A imagem de Proust", *op. cit.*, p.37.

44- BENJAMIN, Walter Benjamin- "Teses sobre a filosofia da história". *Obras Escolhidas: Grandes Cientistas Sociais*. SP:Ática, v.1, 1985, p.156.

2ª PARTE

Quadros de uma cidade

"A pedra e a obra da imaginação são os dois extremos do universo. A primeira é matéria, nada além de matéria; a segunda é tecida com alguma coisa mais impalpável que o ar: as palavras."

Roger Callois

CAPÍTULO 2

Os caminhos da prostituição

Nos caminhos de uma cidade está sua memória. Assim como existe uma maneira de uma cidade constituir seus espaços e seus caminhos, existe outra, que é a de se lembrar e esquecer dos lugares e dos habitantes que nela viveram.

Em Assis, dentre os vários lugares simbólicos que formam a memória da prostituição, um se destaca: não há como recordar o passado de prostituição na cidade, sem que se passe pela rua J.V. da Cunha e Silva.⁴⁵

É interessante observar que a rua permanece e o seu nome também, contudo para as pessoas que hoje dela fazem uso, suas curvas, seus quarteirões, têm um significado diferente daquele que tinha para aquelas de outrora, quando por ela trafegavam. Nessa mudança de sentidos que uma rua vai adquirindo para as pessoas com o passar do tempo, localizamos sua historicidade. Essa diferença é a que estará sendo evidenciada ao buscarmos compreender como se deu o processo de constituição de significado no imaginário social de uma rua como sendo de prostituição, transformando-a, no presente, em lugar de memória.

Para a recuperação da historicidade da Rua J. V. Cunha e Silva como local de prostituição, a memória jornalística institui-se como "locus" privilegiado. Os jornais, ao participarem da vida cotidiana de uma cidade, transformando-a e traduzindo-a em notícias, produzem um tipo de memória caracterizada pela seleção de informações operadas na realidade, que vêm a condicionar a maneira como recordar, no futuro, o passado.

O discurso jornalístico *"enquanto prática social capta, transforma e divulga acontecimento, opiniões, idéias da atualidade - ou seja, lê o presente - ao mesmo*

45- A Rua J.V. da Cunha e Silva é uma das ruas centrais de Assis. Ela corta a principal avenida da cidade a avenida Rui Barbosa.

tempo em que organiza o futuro - as possíveis consequências desses fatos do presente - e, assim legítima, enquanto passado - memória - a leitura do presente no futuro".⁴⁶

Nesse trabalho de registro do presente para o futuro dos discursos jornalísticos é possível encontrar as marcas como os sentidos foram sendo produzidos por uma época, como aqueles que visavam atribuir a uma rua o significado de prostituição.

2.1 - A Rua

Em 1.955, a prostituição tinha como lugar a "*Rua J. V. da Cunha e Silva, trecho que prossegue do "Posto do Papai"*".⁴⁷ ~~Esse era o endereço apontado pelo jornal para mostrar o lugar que a prostituição ocupava na paisagem da cidade.~~

O posto do Papai é um posto de gasolina por cujo nome ainda é conhecido. O significativo em sua nomeação é seu uso para identificar em que ponto da Rua J.V. da Cunha e Silva tinha início o trecho da prostituição.

Ao fazer essa vinculação do posto ao trecho da prostituição, transformando-o em seu marco, é possível observar que os jornais se valem do simbolismo presente na memória das pessoas. Ambos eram lugares conhecidos, porém, são talhados com vistas à constituição de um significado outro, da rua como contendo a prostituição e do posto, como início do seu trecho.

46- MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa- "Os primórdios da imprensa no Brasil (ou: de como o discurso jornalístico constrói memória)". *O Discurso Fundador*.(org) ORLANDI, Eni P., Campinas: Pontes, 1995, p.33.

47- *Jornal A Gazeta de Assis* - 05.02.1955. O "posto do papai" é um posto de gasolina que permanece na Rua J. V. da Cunha e Silva e continua a ser, nela, um ponto de referência.

Para a fixação desse sentido para a rua no imaginário social, a vida cotidiana que dela pulsava mostrava-se potencialmente rica para extração e exploração de referenciais simbólicos na construção desse significado.

Os elementos estavam na rua - em sua arquitetura e em suas pessoas. A maneira como essa segunda face - o cotidiano dos transeuntes, foi lapidado para a configuração de uma imagem para o lugar como de prostituição evidencia-se em muitos fragmentos dos discursos jornalísticos: *"pois como é sabido nas ruas em que está situada a zona do meretrício, passam diariamente moças e crianças que são forçadas a presenciar cenas inescrupulosas e desagradáveis por parte das prostitutas ou mesmo de aturar gracejos de 'cafiéns' e vagabundos que ali se concentram durante o dia ou à noite"*. (Jornal *A gazeta de Assis* - 12.10.1955).

Se, num determinado momento, quando se tinha em mira identificar o lugar que a prostituição ocupava na rua, os referenciais arquitetônicos presentes na memória das pessoas são explorados para constituir um significado para a prostituição - menciona-se o posto para marcar o início de seu trecho, nesse fragmento sobressai a utilização de imagens que combinam a vida cotidiana da rua e a constituição de referências prostitucionais, através da nomeação do lugar como zona de meretrício e das pessoas que nela se concentravam como prostitutas, cafiéns e vagabundos.

Percebe-se, nesse caso, a criação de um universo de significados no imaginário social que visa designar a prostituição.

A tensão que impulsiona a constituição desse quadro referencial para a prostituição é visível: fala-se da R. J. V. da Cunha e Silva como sendo o endereço da prostituição, fornece-se os indicativos do lugar que ocupa na paisagem, comenta-se sobre a zona do meretrício, suas personagens etc...

A visibilidade que é dada à prostituição através da abordagem de assuntos que a ela remetiam na década de 1950, que tem como pano de fundo a vida cotidiana, encontra explicação na necessidade de se abrir e incentivar a polêmica entre a população sobre sua existência na paisagem da cidade e com o objetivo de se promover a adesão em torno da proposta de se retirá-la do lugar que ocupava - a Rua J. V. da Cunha e Silva e suas imediações.

Dado o fim almejado pelos jornais nesse momento - construir significados para a prostituição, vinculando-a a um lugar com o objetivo de problematizar uma situação e criar opiniões favoráveis aquilo que preconizavam - sua mudança, as imagens que buscavam retratá-la tinham de ser ricas para demonstrar a validade da discussão e da proposta.

Tinham de ser imagens que produzissem sentido na e para a população. Nesse afã de conduzir a opinião pública, todos os aspectos que envolviam e denotavam a questão da prostituição são explorados. Com esse objetivo, as prostitutas são elevadas a mote de matéria de primeira página: "*Elas, sempre elas*". E logo após, este incômodo masculino de um anúncio jornalístico é esclarecido: "*elas estão se excedendo na chamada 'zona do meretrício', por ignorância é claro. (mas não todas)*". (Jornal *A Gazeta de Assis* - 05.02.1955).

Nesse trabalho de argumentação para persuadir a população e encetar no imaginário a idéia da necessidade da retirada da zona do meretrício, a figura da prostituta é destacada para configurá-la como mulher de excessos e prejudicial à comunidade, na medida em que sua presença transformava o lugar onde habitava em foco de conturbações.

Esse foi um dos muitos recursos usados pelos jornais: sobrepor imagens que assustavam e por isso provocavam sempre alguma espécie de sentimento na população : a mulher prostituta devia ser vista como tendo irrefreável instinto para

a bagunça e a confusão, o que causava pavor. Porém, era precisamente por aquilo que faziam que havia de se ter piedade, visto serem pessoas ignorantes, sem o sentido de civilidade e moralidade.

O mecanismo de engendrar sentidos via exacerbação de sentimentos, foi sem dúvida o mais utilizado pelos jornais para retratar a realidade da prostituição: "*o escândalo é verificado à noite, ao dia, enfim a qualquer hora que por lá passemos, vemos mulheres que se mantêm quase sem roupas sobre seus bustos, e comumente saem à rua embriagadas e em algazarra, tornando-se por isso insuportável para as famílias daqueles arredores que desejam se manterem num regime de moralidade e de decência*".(Jornal *A Gazeta de Assis*- 05.02.1955).

Os incentivos para que a população apurasse seus sentidos quando nas ruas do meretrício, para que vissem e escutassem o que os jornais diziam ali ocorrer, para que pudessem se posicionar frente a isso, é enfatizado nesse trecho. Se as ruas que faziam parte da zona de meretrício eram caminhos que levavam a muitos lugares, era preciso prescrever às pessoas uma maneira de se conduzirem nelas, motivando-as a observarem e estarem atentas aos seus habitantes e passantes, para que encontrassem os signos definidores da prostituição ou que enxergassem para além do visível.

Se, conforme o apregoado pelos jornais, era preciso ter piedade das prostitutas, era também necessário fazer crer às pessoas que suas presenças faziam da região da zona de meretrício um lugar insuportável, que clamava por interferências para que esse estado de coisas fosse modificado, pois contrariava os ditames das regras de pudor e decência. Era preciso que o lugar reencontrasse sua ordem, como se antes ela tivesse existido.

Enquanto perdura essa necessidade de significar um lugar como prostitucional e de criar polêmicas, os detalhes cotidianos, talvez antes subestimados ou com os

quais se convivia sem problemas, mostram-se como úteis para chamar a atenção, conforme demonstram títulos da espécie: *"Atropelos pela Rua J. V da Cunha e Silva"*. Nesse caso é o barulho das charretes e carroças com o *"charreteiro falando palavras altas horas da noite pela rua J. V.. da Cunha e Silva em direção a zona do meretrício"*. (Jornal *A Gazeta de Assis* - 14.03.1956).

Se em 1956 os jornais falam dos problemas causados pelos charreteiros na rua, e desde 1955 a prostituição é problematizada pela imprensa de diferentes modos, pode-se avaliar o tempo que ao assunto foi dado destaque.

Observa-se, também pelas matérias publicadas, que encontrados os elementos para tornar a rua símbolo da confusão e de permanente tensão, o passo seguinte seria o de promover uma outra discussão: a de como resolvê-lo.

Entretanto, os jornais revelam que esse processo não aconteceu em separado. Ao mesmo tempo que os jornais enfocam as prostitutas e a zona de meretrício, visando introduzir no seio da sociedade a idéia da necessidade de sua mudança, as vozes dos precursores, desde o princípio da abordagem do problema pelos jornais eram do poder público.

Porém, a população não devia ser tratada como excluída das decisões que viessem a ser tomadas com relação à prostituição e os poderes públicos não podiam aparecer como detonadores de um processo, que desde seu início já trazia demarcada uma definição para o problema, dada por eles.

O cuidado que os jornais tiveram para não evidenciar que a voz que dele emanava era a dos poderes públicos pode ser percebido em matérias como essas: *"Não temos dúvidas em afirmar que a solução do problema virá contribuir para a moralização dos costumes"(...)* Deixamos mais uma vez o nosso apêlo, apêlo de todos os assisenses que anseiam a retirada da prostituição do centro da cidade, pois como é evidente, tal solução não pode deixar de ser um grande passo para a

campanha moralizadora que ora se desenrola em todo o Estado de São Paulo". (Jornal A Gazeta de Assis - 12.10.1955).

Ao falar em nome da população, o discurso transforma os anseios dos poderes públicos nos da população. Para compactuar um e outro, elide-se a idéia de que a necessidade da retirada da zona do meretrício do centro da cidade era imperiosa, devendo ser concebida como um processo de mudança que ocorria em várias cidades e que, acontecendo em Assis, a colocaria em sintonia com as demais do Estado de São Paulo.

Uma argumentação assim construída era sedutora e produtiva, na medida em que não continha elementos individualizantes e particulares - contenda da população de uma cidade em seu relacionamento com a prostituição, ou conflito de interesses entre o pretendido pela população e as autoridades, pelo contrário, essas deviam encaminhar o desejo daquela. Amarrando essas idéias estava a da mudança como necessária, inevitável e benéfica a todos. Esses muitos sentidos deviam ressonar na população para que fosse em defesa da saída da zona.

Nas entrelinhas, o que fica patente é que o convívio com a prostituição talvez não se mostrasse, para a população ou parte dela, como um problema igual ao que as vozes presentes nos jornais pretendiam fazer crer e resolver. Isso explicaria a insistência em torno de alguns pressupostos cuja ênfase estava no sentido do inevitável - em Assis ou em outras cidades, a zona devia sair de seu centro.

A evidência para pensarmos na existência desse convívio entre a população e a prostituição e a necessidade de preservá-la está na utilização de signos que a ele remetem como de "*centro*", que trazia imanente sua antítese a "*periferia*". Traduzidos para a realidade de Assis, esses signos conseguiam produzir muitos sentidos, como o da preservação dos relacionamentos estabelecidos entre as pessoas, mediante a idéia de que as pessoas vinculadas à prostituição mudariam de

lugar, mas não de cidade; a idéia de sendo os como lugares diferentes, mas inextricavelmente ligados, as pessoas residentes num e noutro eram importantes e necessárias, organizando em moldes aceitáveis esse convívio. Para os mais céticos e aguerridos moralistas, oferecia a idéia da importância, mediante a diferenciação.

Para demonstrar que qualquer mudança teria de se fazer de forma pacífica e, principalmente, para amenizar seu impacto para aquelas pessoas que estavam diretamente envolvidas, os jornais também insinuaram algumas hipóteses, possivelmente para fazer crer que eram os vários lados da questão que estavam sendo examinados. Esta impressão emerge em comentários como esses: *"Para se mudarem, as famílias têm que enfrentar um problema complexo: falta de casa e muitas delas estão já radicadas ao comércio dali, pois sabemos também que uma mudança de "ramo" correm, como é de se prever, o risco de se desajustarem. E está claro que dá-se o mesmo com as "filhas de Eva" uma mudança poriam-nas em situação idêntica. Há "patronas" também já radicadas em suas propriedades. Todos pagam os devidos impostos e o dinheiro venha de onde vir, o valor é o mesmo".* (Jornal AGazeta de Assis- 02.02.1955).

Como uma rua que tem dois lados, o exame do assunto devia passar por cada um deles. Em cada lado, o que estava simbolizado nos diversos lugares de que era composta, eram diferentes "ramos de negócios", como o comércio, e residências de famílias ou de casas de prostituição. Era o trabalho de cada um que estava simbolizado na rua, com a propriedade adquirida e a cidadania conquistada pelo fato de trabalharem, adquirirem bens e pagarem seus impostos.

Como dissemos, o objetivo dos jornais, ao fazerem a discussão sobre a retirada da zona do meretrício do centro da cidade, foi o de significar o lugar como de prostituição, para criar no imaginário social um referencial com o qual trabalhar para fazer as mudanças. Para esse fim, o discurso vale-se de todos os símbolos e

signos que fazem parte do elenco de imagens da população significantes da prostituição, construindo assim sentidos que se desdobravam em muitos outros.

Chega o momento em que o leque de temas que fomentavam o embate entre sociedade e prostituição parece começar a se esgotar, tanto que a imprensa radicaliza a discussão. Trechos como esses são indicativos disso: *"Falou-se na sua imediata mudança para o prolongamento da Rua J.V. da Cunha e Silva, no entanto, continua no mesmo lugar, dando assunto à imprensa e o que falar à população que aos poucos vai perdendo as esperanças de ver sanado este mal, pois desde que se teve conhecimento que aquele bairro seria transformado, os assissenses vêm aguardando com interesse a concretização de tal, mas o certo é que até o presente momento pouca providência foi tomada nesse sentido"*. (Jornal *A Gazeta de Assis* - 12.10.1955)

A idéia de urgência para a solução de um problema e a não tomada de medidas em tal sentido leva a uma outra: a de morosidade em seu tratamento e a desconfiança de que será abandonada, insinua essa matéria. Para alavancar a solução, a imprensa noticia, pela primeira vez, como cogito, o lugar da nova zona do meretrício.

Após um ano de acirradas discussões, no início de 1.956 o previsto acontece. Em letras garrafais a manchete do Jornal dá conta de que foi *"Mudada a Zona do Meretrício"*. Punha-se assim um ponto final numa história que se arrastava há meses. O alívio que se apossa do lugar que durante anos abrigou a prostituição, tinha que ser manifestado. Ao lado daquela manchete, uma outra é colocada: *"Rua do Sossego"*, onde além de dar conta de que *"finalmente saiu....a zona do meretrício da Rua J. V. da Cunha e Silva para um bairro mais distante do centro da cidade, graças aos esforços das autoridades policiais, municipais e representantes do povo na Câmara de Vereadores do Município"*, menciona que

"A referida rua passou-se a chamar-se "RUA DO SOSSEGO", devido à tranquilidade de ora em diante dos familiares que transitam por esta rua".(Jornal A Gazeta de Assis - 18.02.1956).

Se a idéia de mudar o nome da rua junto com a mudança do meretrício efetivou-se por algum tempo, não o sabemos. O que se notabiliza neste discurso, é a necessidade que ficou entre os moradores que permanecessem, de proceder à limpeza do lugar, apagando de sua memória a experiência que abrigava de um convívio com a prostituição. A imagem que emanava do nome J.V. da Cunha e Silva ainda era associada à prostituição. Eliminar o simbolismo contido em um nome de rua, substituindo-o por outro, parecia um bom começo. E *"Rua do Sossego"* soava como ideal por expressar o sentimento alcançado, a partir do qual se esperava constituir um outro significado para uma rua.

Esta idéia redundou em vã tentativa, pois, mudou-se o meretrício exatamente para o final da mesma Rua J.V. da Cunha e Silva mantendo seu nome e suas imagens vinculadas à prostituição.

Com o meretrício instalado *"num bairro distante"*⁴⁸ a continuidade do convívio entre a cidade e a prostituição estava assim assegurada. Assis, a partir de 1956, tinha sua zona do meretrício, com a qual permaneceria até inícios da década de 1980, no final da mesma rua onde antes estava- J.V. da Cunha Silva, às margens da estrada que faz sua ligação com Cândido Mota.

Entretanto, se nos primórdios da existência da zona de meretrício, alguns elementos arquitetônicos presentes na rua foram utilizados para demarcar a

48- "Inúmeros estudos têm demonstrado como nas geografias das cidades (anteriores às megalópolis contemporâneas) o bordel é tão indispensável quanto a igreja, o cemitério, a cadeia e a escola, integrando-se assim a paisagem, ainda que significativamente na *fronteira* da cidade, quase seu exterior". CHAUI, Marilena- *Repressão Sexual- Essa Nossa (Des) conhecida. op. cit.*, p.8.

prostituição, constituindo-se assim em referenciais para significá-la, como é o caso do "posto" de gasolina - o "do Papai", com a sua ida para o fim da Rua J.V da Cunha e Silva outros componentes são utilizados para dotar a rua com o sentido de caminho que levava a prostituição.

Podemos perceber esse trabalho de significação pelas lentes da memorialística, presentes numa matéria publicada pela imprensa em 1977: *"Nesse tempo longe, uns vinte anos atrás, o caminho do centro até lá, pela rua J. V. da Cunha e Silva tinha um pedaço de terra. O asfalto foi só mesmo até onde foram as casas de família. A pavimentação veio agora, por causa da estrada Assis - Cândido Mota. "Não ia ficar bem um trecho de terra no meio da obra"- pensaram os políticos. Antes tinha lama na chuva, poeira alta e vermelha em tempo bom".* (Jornal Assim- Assis - 09.1977).

Pelo contraste com o presente, o passado de uma rua é evidenciado. Fazia parte dela um obstáculo ao acesso à zona de meretrício, a "terra". Era o marco que diferenciava os lugares e avisava às pessoas que estavam pisando em terreno (des)conhecido. Neste trecho de terra, cravado no meio da rua e deixado ao acaso das intempéries, a zona do meretrício permaneceu durante longos anos. Até que, conforme ressaltado, em nome da necessidade de se promover a ligação de Assis a Cândido Mota, seu asfaltamento aconteceu.

Porém, não foi apenas a terra que ficou inscrita na memória da rua por meio da qual a zona de meretrício pode ser lembrada. A ela se associa um outro simbolismo - uma curva na rua. *"Lá na curva "*. Assim era memorializado pelas pessoas o trecho da prostituição na Rua J.V da Cunha e Silva.

Essa curva na rua foi preservada. Em seu final, a rua dobra levemente à direita para ligar-se à rodovia.

A "terra" e a "curva", em algum momento, participaram como dois símbolos do imaginário social para designar a prostituição. Tanto que quando se procura pelas marcas da memória da prostituição, ambos aparecem.

A chegada do asfalto na zona do meretrício veio marcar o início de um outro processo - substituir a terra e retirar o meretrício do lugar.

Se entre 1955/ 1956, há a celeuma em torno da mudança da Zona do Meretrício e, por isso, esse assunto invade os espaços de diversos modos e esse momento reflete-se nos Jornais da época, a discussão reaparece no início da década de 1980, portanto logo depois que o asfalto chega até a zona.

"Um abaixo-assinado, com mais de 300 nomes, reivindicando 'enérgicas providências' das autoridades para a transferência das prostitutas que ocupam casas numa das entradas de Assis, está gerando uma acesa polêmica na cidade. Agora, a situação pode ganhar contornos mais amplos pois as prostitutas estão ameaçando se organizar e sair em passeata pelas ruas, para protestar contra a campanha de um grupo de moradores que exige sua saída das Vilas São Judas Tadeu e São Cristovão". (Jornal Folha de São Paulo- 30.05.1982).

Quando se compara notícias como essas com as publicadas na década de 1950 algumas diferenças se notabilizam. Antes se falava nas ruas R. J. da Cunha e Silva e adjacências para localizar a zona do meretrício, agora fala-se de uma das entradas da cidade e em vilas; antes a população não aparece como desencadeante do movimento visando retirar a zona de meretrício de onde estava e sua participação é aprisionada pelo discurso com vistas a mostrar a importância de uma idéia ou para endossar o encaminhamento de um assunto que trazia consigo os moldes de sua definição.

Na década de 1980 a população e as personagens ligadas à prostituição se mostram. São suas vozes que a imprensa torna audível com a notícia do abaixo-

assinado ou com a ameaça das prostitutas de se organizarem contra a retirada da zona do meretrício do lugar que ocupava.

Uma das mulheres que se posiciona frente ao assunto e que fala em nome das prostitutas é "Antonia Antonieta de Assis", conhecida como "Mãezinha", uma arqui-inimiga da outra Antonieta, com cuja morte, em 1978, passa a ser a *"mulher mais respeitada pelas demais em toda a zona"*, lugar acirradamente disputado por ambas ao longo da convivência em comum. (Jornal *Voz da Terra* - 06.1982)

A análise feita por "Mãezinha" sobre o assunto não deixa dúvidas: *"Antonia Antonieta de Assis, 70 anos, acredita que o movimento pelo fim ou pela transferência do meretrício não foi iniciado pelos moradores vizinhos. 'O pessoal que mora aqui perto não assinou o papel porque eles são todos pobres como nós, e as mulheres ganham dinheiro aqui, fazendo limpeza das casas e lavando roupas. Sei que quem assinou mora longe daqui, muito longe, em outros bairros'".* (Jornal *Voz da Terra* - 30.05.1982).

Com seu discurso, Mãezinha descaracteriza o movimento como iniciado pela população e aponta as razões para assim pensar: o meretrício era importante para as pessoas residentes nas imediações dele.

Para validar suas argumentação age de forma a demonstrá-la: *"Antonia Antonieta de Assis, (...) já coletou cerca de 300 assinaturas em um documento solicitando a permanência das casas de prostituição 'onde e como estão'".* (Jornal - *Voz da Terra* 02.06.1982).

Ao formular um outro abaixo-assinado, com o mesmo número de assinaturas do que propunha a transferência da zona, Mãezinha pretendia evidenciar a leitura que fazia dos fatos: *"Antonia Antonieta suspeita que há interesses imobiliários de terceiros motivando a iniciativa de acabar com os prostíbulos. Na sua opinião proprietários de áreas próximas ao local, certamente interessados em obter maior*

valorização de seus imóveis é que estão articulando o movimento. Mas isso não vai adiantar porque da minha casa ninguém me tira. Eles podem fechar a zona, mas eu fico aqui porque o imóvel é meu acentudou Antonia Antonieta, depois de explicar que recebeu inúmeras propostas para vender seus lotes de terra no local, e decidiu não aceitar visando garantir a manutenção do local como área do prostíbulo". (Jornal Voz da Terra - 27.07.1982)

Antonia Antonieta sabia o que estava por trás do movimento atribuído à população: proprietários com seus interesses imobiliários cobiçavam o lugar e eram seus articuladores.

Embora lutasse em nome da zona e suas mulheres, Mãezinha conseguia entrever nesse embate o futuro da prostituição. Era uma morte anunciada: *"Antonia tem a mesma opinião do delegado Queirós Neto: O meretrício vai acabar sozinho, com a liberdade de hoje em dia."* (Jornal Folha de São Paulo - 30.05.1982).

Neste momento, década de 1980, os tempos são outros para a prostituição. Mãezinha percebe isso: que o fim da prostituição, da maneira como era praticada, tinha seus dias contados. Uma nova ordem amorosa e sexual, que se iniciara em 1960, com a chamada "revolução sexual", traçava ininterruptamente os perfis dos relacionamentos entre os casais e tinha sua contrapartida nas paisagens com o extermínio das zonas de meretrício e sua substituição por lugares de encontros como lanchonetes, boates, motéis, etc...

Porém, mesmo sabendo que pouco havia a fazer, Mãezinha não sucumbe à luta. Era preciso, ao menos, aproveitar o ensejo para contar à população uma história que ela conhecia muito bem, a do meretrício de Assis: *"a zona do meretrício em Assis tem mais de cinquenta anos e foi uma das três mais famosas do Estado, competindo com os meretrícios de Presidente Prudente e Bauru. Conta*

CAPÍTULO 3

As Casas da Antonieta

As ruas de uma cidade contém em seu desenho diversos lugares que, em fragmentos, contam seu passado: um prédio cujo estilo de sua construção e paredes desbotadas denotam ser antigo, os reparos e adições feitas e que não conseguem esconder as alterações realizadas; uma construção recém terminada substituindo a uma outra ou ocupando um espaço antes vazio, os entulhos observáveis num terreno.

Nesses diversos lugares que fazem parte de uma rua e que lhe dão sentido de existência, o devir se manifesta, num vir a ser constante que tudo altera, transforma, destrói, construindo através dessas mudanças significados que se multiplicam para as pessoas que com eles convivem ou neles vivem.

A historicidade dos espaços é que evidenciaremos ao buscarmos pela memória dos lugares desaparecidos que compunham as zonas de meretrício que Assis teve.

A memória jornalística, ao proporcionar a compreensão de como se deu para uma rua o processo de ter significação como sendo prostitucional, permitiu que se tivesse uma idéia do espaço, pois ao pretender localizar o meretrício na cidade, configurava-o por meio de representações, de modo que fosse achado na paisagem ou situado na rua. Já através da recuperação da memória dos lugares - das casas de prostituição, o foco de atenção se desloca, para se chegar a obter uma idéia de como eram as Casa da Antonieta - a da Rua José Bonifácio e a da Chácara - no final da Rua J. V da Cunha e Silva.

* * *

3.1- A Casa da Rua

A zona de meretrício, identificada pelos jornais enquanto um trecho da Rua J.V. da Cunha e Silva e adjacentes, cujo começo era no "Posto do Papai", já tinha uma longa história na cidade de Assis, conforme demonstra a memória judiciária.

Nela estão lembranças que revelam que desde 1.938, portanto muito antes de o assunto vir à tona na imprensa, a prostituição já estava instalada no lugar: na Rua Vera Cruz, 33, situava-se a casa de Maria Duarte; em 1.949 a de Julieta ficava na própria J.V da Cunha e Silva n.751; a de Amélia também; a de Ida era na Rua Osvaldo Cruz, 429; a de Maria Abade, na Rua Vera Cruz, 226; nesta mesma rua, em 1.953, tinha a de Maria Lúcia; a de Angélica, em 1.946, era na Rua dos Farrapos 751.⁴⁹

Essas ruas eram alguns dos caminhos que levavam até à prostituição e a continham. Essas eram as ruas que compunham os lugares que podiam se transformar em ponto de parada masculina para estar com prostitutas.

Dentre as ruas que faziam parte da zona de meretrício, algumas ainda existem. Outras tiveram os nomes pelos quais eram conhecidas substituídos por outros, como no caso da Rua dos Emboabas e Farrapos.

A memória judiciária também revela que três casas pertenceram a três diferentes "Antonietas". Em 1.941, na Rua Vera Cruz, 32, a de Antonia Antonieta

49- Centro de Documentação e Recursos Audiovisuais - Setor de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDRAU)- UNESP/ Assis, docs. do Fórum da Comarca de Assis, várias caixas

de Assis; em 1.942 esteve fixada na Rua dos Emboabas a de Antonieta Carneiro; e, finalmente, a de Antonieta De Tílio, na Rua José Bonifácio, 427.

Na memória das casas de prostituição em Assis há uma coincidência, um nome: "*Antonieta*"; um acaso - suas ligações com a prostituição; e uma história - a da zona de meretrício. Cada uma, a seu modo, traz essa história em suas histórias de vida: Antonieta Carneiro marca o início da prostituição na cidade de Assis e é uma memória esquecida; Antonia Antonieta (embora não se tenha certeza de que se trata da mesma "Mãezinha" que enfrentou a violência quando do ferrenho assédio para que a "zona do meretrício" fosse retirada do segundo lugar onde esteve estabelecida no final da mesma rua J.V.da Cunha e Silva) é uma memória viva que permanece ainda entre nós; e Antonieta De Tílio é a memória das lembranças da prostituição que engloba as demais pelo misterioso e dionísico desse mundo.

Em memória dessas mulheres, a prostituição em Assis, tem um nome: "*Antonieta*".

19 No que diz respeito à memória da Casa da Antonieta, sua trajetória em Assis pode ser vislumbrada pelos autos judiciais em trechos como estes, datados de 1.946: "*há sete anos reside nesta cidade, sendo proprietária da Pensão Maximé, sita à Rua José Bonifácio, 427 (...) Que a declarante antes de morar aqui, morara durante seis anos em Presidente Prudente e durante três anos em Bauru e naquelas cidades nunca fora presa e nem se envolvera em qualquer processo-crime*"⁵⁰.

Quando encontramos na memória judiciária depoimentos contendo lembranças como estas e recordamos as matérias dos jornais, uma diferença se estabelece. Uma e outra refletem, nos documentos produzidos, os olhares das instâncias de

⁵⁰- Idem, cx. 170.

poder e controle de onde falam, crivando e selecionando na realidade aquilo que deve ser guardado e no futuro lembrado. Mas, no caso da Justiça, o tipo de prática que adota ao tratar dos assuntos que lhe chegam - identificar pessoas, lugares de residência e tomar seus depoimentos, favorece a que o contato com o passado aconteça com outro teor de evidência.

Essa forma de visibilidade é a criada pela Justiça quando colhe o depoimento de Antonieta. Ao ser preciso identificá-la é buscada sua história de vida para mostrar quem é, qual sua identidade, qual o lugar por ela ocupado na sociedade, permitindo, assim, que através de informações como essas se possa mapear as pessoas e os lugares de uma cidade.

Nesse momento da tomada do depoimento é ouvido de sua boca e ficou registrado nos anais da justiça o que então podia não ser de domínio público: foi por volta de 1.939 que se fixou na cidade com uma pensão, na Rua José Bonfácio, 427, a qual afirma chamar-se "*pensão Maximé*".

Rua -> ato, 1939 -> fotos de uma região da cidade de casas de prostituição
Um dado relevante se constata quando se avaliam os depoimentos das mulheres da Casa da Antonieta confrontando-os com os de mulheres de outras casas: elas sempre identificam o lugar onde residem como "pensão". Várias eram as pensões em Assis. Havia a "*pensão Ceci*", "*pensão Celeste*", "*Avai*"(sic), "*Sonho Azul*", a da "*Noêmia*", a da "*Maria de O.*", entre outras.

A utilização da expressão "pensão" para designar as casas de prostituição é um elemento significativo que ficou incrustado na memória desses lugares. Essa referência acompanhada por substantivos próprios ou abstratos, pertence a uma prática que durante muito tempo fez parte do imaginário prostitucional, conforme demonstram vários trabalhos, e deve ser interpretada como uma das muitas formas de constituir um significado para esses lugares.

Isto fica evidente pelos nomes escolhidos: "*Maria de O.*", "*Ceci*", "*Celeste*", "*Angélica*" e "*M. Italiana*" - nomes de suas proprietárias. Ao optarem por nomes para identificarem suas casas, construíam um quadro de referência, por meio do qual as pessoas que conviviam com o lugar passavam a identificá-las.

No entanto, havia também os "nomes-fantasia" como "*Sonho Azul*" ou "*Maximé*", que eram mais sedutores e apelativos. Como *Maximé* foi um nome selecionado pela própria Antonieta, temos os indícios de qual foi sua intenção ao escolhê-lo: criar para sua casa uma imagem que sobrepujasse as demais.

Dentro dessa orientação, "*Maximé*" devia soar-lhe como adequado, pois era uma palavra de origem francesa, que oferecia elementos para significar sua casa como um lugar requintado, sofisticado, fazendo assim crer às pessoas, tratar-se de um lugar onde havia o que era de melhor em prostituição, além de indicar o máximo para quem procurava uma casa de prostituição.

Porém, *Maximé* não era totalmente novo como nome de casa de prostituição. Em São Paulo existiu na década de 1.920 o "*Maxim's*" na Rua Xavier de Toledo, cuja proprietária era Salvadora Guerrero.⁵¹

A influência que o *Maxim's* teve para que Antonieta colocasse *Maximé* é no mínimo presumível, dado também o fato de que sua casa começou a funcionar numa época próxima daquela. Nesse caso, é de supor que, ao trazer o *Maximé* para Assis, pretendia demonstrar que um pouco daquilo que se podia ter em São Paulo, em termos de prostituição, também podia ser encontrado em sua casa.

Até que ponto a Casa da Antonieta e as demais eram conhecidas das pessoas como "pensões" e com os nomes que lhes foram atribuídos e não com os de sua

51- "No *Maxim's*, que efetivamente existira na rua Xavier de Toledo". RAGO, Margareth: *Os prazeres da Noite. op. cit.*, p.188.

proprietária, podemos constatar pelas memórias que se constituíram em torno desses lugares.

A frequência como a expressão pensão é empregada pela Justiça para identificá-las leva a que se pense que, por volta da década de 1.940, essa era a forma como se lidava com a realidade da prostituição nas cidades. Com o passar do tempo, esse eufemismo foi sendo abandonado, à medida principalmente que à prostituição é dada visibilidade, como no caso de se constituir a idéia de zona de meretrício e suas casas de prostituição.

Os reflexos dessa prática e seu cruzamento no imaginário social estão nas lembranças das mulheres, como nas de Lurdinha, que se recorda da Casa da Antonieta como uma pensão: "*quando as mulheres chegavam a gerente avisava que ali era uma pensão*".

Essa representação de Lurdinha contém os indícios dos muitos sentidos de como esses espaços eram vivenciados pelas mulheres, como, por exemplo, o de impessoalidade: ao torná-lo um local de moradia por curto espaço de tempo, ofereciam a idéia de transitoriedade e de liberdade, tão cara ao imaginário das mulheres, pois, enquanto pensionistas, podiam chegar e sair quando quisessem.

Entretanto, essa idéia remete a uma outra. Embora fosse uma pensão, enquanto nela permaneciam estabeleciam com o lugar um tipo de relacionamento que o transformava em sua moradia, portanto, em sua casa - nela viviam, estavam, ficavam, era o ponto de referência de suas vidas na cidade.

Em registros como: "*Presente nesta delegacia Maria Dora, meretriz, residente na 'pensão Maximé'*",⁵² está latente essa relação - do espaço como lugar de vivências.

52- CEDRAU - UNESP/Assis, cx. 170.

Essa vivência proporcionada pela prostituição na cidade e como uma casa é a que baliza as lembranças de um cronista: "Ontem (..) Antonieta De Tílio foi sepultada (...) moradora de Assis há mais ou menos quarenta anos, era pessoa muito conhecida na chamada noite assisense, pois por muitos anos dirigiu e explorou uma das mais conhecidas casas noturnas da região, primeiro na Rua José Bonifácio e depois na sua "Chácara" na saída para Cândido Mota, no quilômetro inicial da Rodovia Benedito Pires". (grifo nosso - Voz da Terra 07.01.78).

Porém, o sentido de que é dotada a casa da Antonieta é outro - era com esse que as pessoas da cidade conviviam - o lugar como ponto de divertimento noturno, via prostituição. Essa referência leva a que se pense que, para as pessoas da época, como lugar memorializado, era na Casa da Antonieta que iam, pois desse modo era conhecida. Tanto é assim que, na memória coletiva, é essa a imagem liberada quando se recordam - do lugar como casa e da casa como sendo da Antonieta.

Enquanto lugar a Casa da Antonieta comportava muitos sentidos. Para Antonieta, era concebida como pensão Maximé e essa é a memória que se constituiu em torno do lugar presente no arquivo judiciário. Na memória coletiva, conforme a imagem elaborada pelo cronista, era a Casa da Antonieta conhecida e reconhecida pelas pessoas como espaço prostitucional. Interseccionando essas memórias está a das mulheres, de onde se pode subtrair essas duas dimensões - a casa era tanto uma pensão quanto um lugar de moradia, habitação.

Essa vivência das mulheres pode ser captada nos depoimentos judiciais, quando elas se viam compelidas a descrever como era o espaço em que residiam. É essa experiência que está implícita nesses documentos e por meio dos quais podemos elaborar alguns quadros, em forma de esboços, da Casa da Antonieta quando estabelecida na R. José Bonifácio, de maneira que se tenha uma idéia de como era sua arquitetura.

Como era a casa, arquitetura de João de

Em 1.945, Gioconda vai até a Delegacia de Polícia reclamar que haviam sido roubados de seu quarto vários objetos pessoais e o lugar é enunciado nos seguintes termos: *"essa pensão compõe de dois prédios, ocupando o mesmo terreno, sendo que um deles dá para a rua enquanto o outro está situado nos fundos(...) que na ocasião do furto todas as inquilinas da casa, em número de seis, achavam-se nas dependências dos fundos(...) achando-se o prédio da frente onde o furto se verificou sem qualquer pessoa(..) que os ladrões para penetrarem no prédio em questão tiveram que arrombar o portão de entrada e mais duas portas as quais ainda guardam vestígios da violência empregada, que apesar dos ladrões terem penetrado, como já foi assinalado e dali varejado igualmente outros cômodos da casa, só roubaram objetos pertencentes à declarante".*⁵³

~~O roubo acontece quando todas as mulheres estavam nas dependências do fundo e esse é o detalhe na descrição de Gioconda~~ Existiam no terreno dois prédios, o da frente, que dava para a rua, e o dos fundos, onde estavam. Essas eram as pedras do lugar, em forma de espaço construído.

Entre um prédio e outro havia no terreno uma área livre, por meio da qual ambos se comunicavam. Dando passagem para as pessoas adentrarem nas casas estava o "portão" e, a da frente, tinha "duas portas".

Completando a descrição destas casas e deste quadro estão as lembranças de uma outra mulher, Laudelina, que viveu no lugar na mesma época de Gioconda: *"que a declarante reside na Pensão de Antonieta De Tilio(...) ocupando um dos quartos laterais do prédio; que seu quarto tem uma janela que dá frente para o banheiro, este no quintal da casa. Que na noite de ontem a declarante não dormiu em seu quarto, tendo dormido com sua colega em um quarto da casa que fica no quintal. Que a declarante teve o cuidado de fechar o seu quarto à chave, sendo*

⁵³- Idem, cx. 169.

*que a janela referida também fechou-a, descendo a vidraça e depois encostando as duas folhas de veneziana.(...) que tendo acordado dirigiu-se ao seu quarto pelo quintal, notando logo que a janela do apartamento estava com as venezianas abertas, não obstante a vidraça descida. Então dando a volta, abriu a porta do quarto que estava sem qualquer sinal de violência".*⁵⁴

O terreno e sua arquitetura: seus dois prédios com seus cômodos. O da frente e o do fundo com seus quartos, tendo o primeiro janelas de duas folhas - as venezianas e vidraça que dão para o quintal. Cada quarto com suas portas com chave, que cada mulher deveria fechar para guardar seus segredos.

No mesmo processo de Laudelina, a própria Antonieta legou-nos seu testemunho sobre como era esta sua casa da Rua José Bonifácio. E o faz referindo-se ao cômodo que ocupava uma de suas mulheres: *"que essa inquilina ocupa um quarto que fica na parte lateral do prédio, com entrada pelo salão, tendo uma janela única que dá frente para o banheiro externo. Que nessa noite do dia quinze deste mês, Laudelina não dormiu em seu quarto, sim em companhia de sua colega Olga, numa casa que fica no quintal do prédio"*.

Aos poucos, o desenho de uma casa vai se formando, não uma, mas duas num terreno. No prédio da frente era preciso passar pelo salão para chegar onde ficava Laudelina. No outro, enunciado como casa do quintal, ficavam outros quartos, destinados às mulheres que não encontravam lugar para ficar na casa principal.

Entre essas duas casas ficava o banheiro, em seu quintal, citado por Antonieta como "externo". Seria de se presumir que outros existiam na casa. Entretanto, a lembrança deste cômodo subtraída de uma outra narrativa, é no mínimo curiosa. Maria Dora refere-se a uma noite em que *"aprontava-se para dormir e teve necessidade de ir ao banheiro. Que encontrou o banheiro fechado e pediu que*

⁵⁴- Idem.

abrissem. Que em resposta ouviu a voz da meretriz C.; dizer que não abria. Que a declarante voltou a bater e uma outra mulher que também lá estava, abriu a porta, entrando a declarante. Que a declarante dirigiu-se à C. dizendo qual o motivo porque ela vinha de há tempos implicando com a declarante. Em resposta C. avançou contra a declarante derrubando-a no chão, desferindo-lhes tapas e ferindo-a com unhas"⁵⁵.

Se outros banheiros havia na casa o que esta narrativa evidencia é que apenas o do quintal era destinado ao uso das mulheres. Não fosse assim, não teria porque Maria Duarte insistir com sua ocupante para que lhe desse entrada, já que haveria outra opção que não aquela.

Ao transformarem o banheiro em palco de discórdia, seu avesso também é verdadeiro - símbolo do compartilhar. Esse era o lugar simbólico que plasmava o relacionamento das mulheres em uma casa. Ele é que se via das janelas, por ele se passava ao transitar pelo quintal, ele era o lugar que tinham que dividir e que por, isso, a administração de seu uso as aproximava.

Esta é a casa da Antonieta possível de ser elaborada com as recordações das mulheres e que estão no arquivo judiciário. São por esses fragmentos de imagens passadas que podemos conhecer como era a primeira Casa da Antonieta, a "Casa da Rua José Bonifácio n.427". 

O revelador é que a casa encontrada nas lembranças representa a vivência numa casa de prostituição. Ao acharmos nas lembranças a rua e a casa, as casas e o quintal, os quartos das casas, o salão e os quartos e seu banheiro, encontramos lugares definidos por um tipo de arquitetura que trazem o universo de uma casa de prostituição.

⁵⁵- Idem cx. 170.

*A saída da casa — eliminação do
espaço institucional*

Ao se lembrarem da casa, o que as mulheres evidenciaram foi a maneira de viver num lugar. Nas lembranças do lugar, encontramos um estilo de vida.

Com a saída da casa da Antonieta da rua José Bonifácio, passa a ocupar seu lugar o "Departamento de Tuberculose do Centro de Saúde de Assis".(Jornal-"Voz da Terra" - 07.01.1.977).

Sucedendo ao lugar de prostituição o de saúde. A partir de sua instalação daquele órgão público o lugar passa a ser dotado e a se constituir para as pessoas com um outro significado.

3-2. A Casa da Chácara

A mudança da zona de meretrício em 1956 para o final da Rua J.V. da Cunha e Silva, veio marcar o início de dois processos que estão relacionados: uma outra configuração para a rua, que se transforma-se no caminho principal que levava às casas de prostituição e a constituição de significado para o novo lugar como de prostituição, mediante o estabelecimento das casas.

Na maneira como a mudança foi conduzida, podemos encontrar as marcas que viriam definir o perfil da nova zona de meretrício: *"A nossa reportagem em(sic) contacto com o Dr. Milton Martins de Lara, Delegado de Polícia em nossa cidade para esclarecer acerca da Zona de Meretrício(...)Disse-nos de início Ss. que se a zona não mudou há mais tempo foi devido aos contratos entre as meretrizes e os empreiteiros que não declaravam a data do término das obras(...) Disse mais, que grande parte já está de morada nova e ressaltou a boa vontade encontrada entre as meretrizes tendo várias delas mudado sem o término de suas casas, inclusive uma que mudou-se para a casa sem janelas e ainda sem revestimentos.(A Gazeta de Assis-18.02. 1956).*

Essa é a versão oferecida aos leitores pelo jornal para explicar a demora na mudança da zona, mas que deve ser lida com reservas. Em suas entrelinhas, o que fica patente é que a entrega da construção das casas aos empreiteiros e a necessidade de serem construídas em tempo recorde, faziam com que muitas proprietárias tivessem de desembolsar uma quantia razoável de dinheiro e talvez muitas delas não o tivessem na quantidade suficiente.

A pressão sofrida pelas proprietárias para que se mudassem, associada ao fato de algumas estarem sem dinheiro em caixa, deve tê-las transtornado a ponto de se instalarem nas casas, mesmo sem terem sido terminadas.

Assim como a mudança de todas as casas não ocorreu de uma só vez, mas foi se efetivando em diferentes momentos, podemos entrever os contornos da zona de meretrício sendo desenhados na paisagem, paulatinamente, ao mesmo tempo que, através do surgimento de uma das casas e da ida das mulheres, dotava-se o espaço com o sentido de prostitucional.

Entretanto, se ao se definir a mudança e construção das novas casas, a intenção era a de criar uma imagem para a nova zona de meretrício como de um lugar homogêneo, a casa da Antonieta, desde os primórdios de seu estabelecimento, foge do padrão das demais.

Enquanto as antigas vizinhas acomodam-se nas casas que definiam o lugar como zona de meretrício, Antonieta procura evidenciar sua grandiosidade e diferença, valendo-se para tanto, do espaço: *"Lá na curva, a chácara iluminada rodeada de eucaliptos, (...) A chácara que tinha cercas brancas"*.⁵⁶

Antonieta adquire uma chácara, numa curva, para nela construir sua casa. Em relação à zona de meretrício, a chácara e a curva marcavam o seu início; as cercas brancas da chácara indicavam que se havia chegado ao lugar procurado.

⁵⁶- Jornal *Assim*, Assis, set. 1977.

Para seus freqüentadores as características do lugar garantiam maior privacidade em comparação com as casas da zona. Seu cercamento e uma plantação de eucaliptos forneciam essa certeza.

Com o estabelecimento desse sentido para o espaço, a partir da fixação de sua casa, Antonieta também lançava as bases do relacionamento de seus freqüentadores com o lugar, conforme depreende-se da memória jornalística: " *É lá onde a cidade parou, dizem. (...) Quem procurava a chácara dentro da noite tinha disfarces invariáveis: de carro ia dobrando ruas, nunca em sentido reto para evitar as más línguas: a pé, coitado, se embrenhava no breu das ruas adjacentes e permanecia anônimo*". (Jornal Assim - 09.1977)

Lá estava a curva e a chácara, como ponto de referência para uma chegada masculina que acontecia sempre às escondidas. Assim situada, seu acesso transformava-se numa verdadeira maratona, na qual se enfrentava poeira, lama ou a indistinção dos lugares com a noite fechada. Tudo para atingi-la, mas sempre com o cuidado de evitar os olhares.

Nessa busca frenética e com essa preocupação inventavam-se trajetos, descobriam-se picadas. Desse modo, abriam-se outros caminhos, ampliavam-se as perspectivas de crescimento de uma cidade: novas saídas, outros percursos, mais caminhos e lugares.

Havia ainda um outro símbolo, além de "curva", pelo qual as pessoas identificavam o lugar e que foi incorporado pela ala masculina como código para se dizer aonde iam: "*Vamos subir o morro! A expressão, usada porque a chácara fica lá no alto..*"⁵⁷, também fez parte do imaginário em torno da chácara.

Estas versões masculinas tinham sua contrapartida feminina entre as mulheres: o "*curral das vacas*" para a Casa da Antonieta e "*baixadão das éguas*"

⁵⁷- Idem.

para as demais casas da zona de meretrício. Segundo as mulheres entrevistadas, a origem destas expressões é desconhecida, mas a identificação da casa da Antonieta como "curral das vacas" pelas mulheres das demais casas justifica-se por suas cercas, feitas com tábuas largas, onde, semelhante a um curral, as mulheres ficavam presas. O troco veio à altura, dado pelas mulheres da Antonieta: "*baixadão das éguas*⁵⁸" era por conta do desnível observado no terreno, entre um lugar e outro - o alto do morro onde estava a chácara; e seu contrário, o baixo, onde estavam as outras casas e suas mulheres.

Retirar dos lugares características físicas e explorá-las para nomeá-los, melhor identificá-los, adequando-os a uma linguagem mais próxima da experiência, são componentes que fazem parte das representações elaboradas pelas pessoas em seu cotidiano.

Evidencia-se, nessa troca de insultos, o que perdurou durante todo o tempo de existência da Casa da Antonieta: a distância desejada pela Antonieta de sua casa e de suas mulheres das demais. Essa foi a tônica de sua relação e era isso que deixava nítido.

Contrastando com a proximidade de outrora de sua casa na Rua José Bonifácio com as demais, a Casa da Chácara mostrava-se separada, superior e melhor. Era exatamente com essa imagem que queria ver-se conhecida e reconhecida.

A casa da Rua e a Casa da Chácara refletem-se também nas lembranças. Enquanto a leitura dos depoimentos judiciais nos leva a imaginar como era a arquitetura da primeira, a conjugação de um inventário de arrendamento da casa, de 1960, com as lembranças de uma mulher que lá viveu, levou a que pudéssemos redesenhá-la.

⁵⁸- Bete: entrevista realizada em 27 nov. 1992.

Este é o esboço que apresentamos ao final do tópico. Por ser um esboço elaborado dessa maneira, algumas advertências são necessárias sobre como deve ser lido: é a casa lembrada por Iracema com o auxílio do inventário.⁵⁹

Com esse trabalho de recuperação do traçado do lugar, procuramos obter uma imagem da casa que servisse como referencial, para situar as lembranças das vivências femininas nos espaços, possibilitando que recordações como essas da gerente, fizessem sentido e ressonassem em nossa imaginação: *"Às vezes penso muito no passado. Às vezes estou deitada e não vem o sono, então começo a lembrar o que foi, como foi, foi tal dia, tenho a impressão que vejo o corredor dos quartos, o salão, a Antonieta sentada lá. Lembro sim. O sonho que tenho mais freqüentemente acontece no salão - ela sentada naquele canto e eu andando, porque não parava, ia numa mesa, na outra. Eu me lembro muito"*.

O esboço que Iracema elaborou expressa o trabalho de sua memória: pensar no passado com vistas ao encontro de imagens para que conseguisse, no presente, desenhar esses traçados num papel e uma representação da casa aparecesse. Ainda que o inventário a ajudasse.

Com essa representação para a casa, as lembranças das mulheres encontram o suporte necessário, com vistas à compreensão do lugar de que se fala, conseguindo, assim, preencher o vazio no presente observado, com linhas e vivências ainda que imaginárias.

Foi dentro dessa casa que hoje é imaginária que Antonieta De Tilio preanunciou, em 1977, seu fim: *"Foi um tempo bom, sem dúvida, para os que viveram nele.(...) tudo mudou e a dama de preto Antonieta De Tilio a todo-*

59- Informações obtidas através de entrevista de Iracema realizada em dez.1994 e do documento de Arrendamento de Prédio (com os respectivos Móveis, Utensílios e Pertences) feito entre Antonieta De Tilio e Laudelina, em 1960.

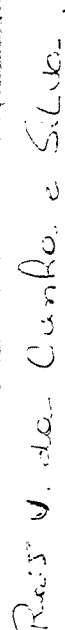
poderosa da chácara também. Está doente, na cama, e ultimamente nem costuma tomar seu assento na grande sala - um sofá vermelho bem perto do caixa e do barzinho. 'Estou pensando em deixar tudo, arrumar um cantinho sossegado', diz com fala mansa, cansada, devagar". (Jornal Assim- 09.1977).

Talvez as lembranças que cada cômodo, cada pedaço de terra, cada árvore, despertassem em Antonieta, estivessem começando a suscitar dor e fizessem com que até pensasse em tudo abandonar, arrumar um outro cantinho, agora "sossegado", para viver.

Decerto, espíritos que povoavam a casa começavam a incomodá-la e, naquele momento, começava a vivenciá-la como lugar que provocava muita saudade e nostalgia.

Em 1978, meses após sua entrevista, Antonieta morre. Com o encontro de seu "cantinho", uma página da história da prostituição é virada e uma ferida começa a sangrar com novos ataques, desta vez, para o extermínio da zona do meretrício da paisagem da cidade.

Kua: Angela Bertoncini



entradas

3ª PARTE

O cotidiano de mulheres

*"Vida, minha vida
Olha o que que eu fiz
Deixei a fatia mais doce da vida
Na mesa dos homens
De vida vazia
Mais vida, ali quem sabe
Eu fui feliz."*

Chico Buarque

CAPÍTULO 4

O Dia: Tempo para devanear

No dia em que partirei para sempre, aqui ficam minhas passagens e uns pedaços de minha vida. Neste meu querido Diário. Selma". Com estes dizeres, Selma, uma entre tantas outras mulheres que passaram pela Casa da Antonieta, preambula seu "diário".

Nessa inscrição está o alerta que Selma faz àqueles que viessem a conhecer o seu conteúdo: o que ela quis deixar registrado foram "passagens" e "pedaços" de uma vida, que em algum momento fizeram parte da sua.

Diário da família Rhodora
A concepção de vida que tinha é a que está refletida no diário: entre 10.06.1959 a 28.09.1959, para cada dia é feito o relato daqueles que eram os seus principais acontecimentos.

Ao produzir uma memória organizada sobre momentos cotidianos vivenciados numa casa de prostituição, Selma fornece as lembranças que, juntamente com as narradas pelas mulheres, *como era o dia-a-dia das mulheres* fazem com que o dia-a-dia na Casa da Antonieta possa ser conhecido na intimidade.

Com as lembranças desses momentos cotidianos reconstruímos o dia-a-dia das mulheres, procurando detectar quais eram suas práticas e costumes diários, querendo encontrar nos momentos, o sentido de que dotavam suas vidas para achar, na maneira como viviam, a sua poética.

4.1- O corpo e os sonhos

"Dia 10.06.59

Meu Querido diário

"Ontem me levantei a uma hora da tarde, tomei banho e fui para o meu quarto, eu me arrumei e me vesti com uma calça

comprida bege e uma brusa de lã cinza, sentei-me na cama e fui bordar perto de minha radiola. Ouvi umas músicas".

Ao detalhar um dia para evidenciar como tinha sido, Selma oferece, através do que realizou, indícios para se conhecer a vida cotidiana de mulheres de uma casa de prostituição, com seus momentos de preocupações e prazeres, em que o corpo transforma-se em objeto de cuidados e suporte de vivências.

Das lembranças de Selma podemos extrair os indicativos de quais eram as preocupações diárias das mulheres da Casa da Antonieta. Desde o momento em que se levanta vai cuidar do corpo, ~~despertá-lo e limpá-lo com a água do banho e embelezá-lo com a roupa ao vestir a calça comprida bege e a blusa de lã cinza.~~ *tomar banho e se vestir de*

A menção do banho e do embelezamento do corpo como práticas diárias está tanto na primeira como em diversas outras narrativas feitas por Selma em seu diário. Está, também, na memória de Iracema, que se recorda do seguinte: "lá (referindo-se à casa) *a gente vivia uma vida assim: meio dia e meia, uma hora mais tardar a gente levantava. Todo mundo ia pro banho. Não era porque era uma pensão na Zona que se andava de calcinha e sutian ou enrolada na toalha. Não tinha isso. Você tinha que tomar seu banho, ir pro seu quarto se vestir (...) todos os dias tinha que estar arrumadinha, pintadinha, bonitinha, roupinha boa; porque durante o dia também ia gente lá*".⁶⁰

Lurdinha
Tomar banho, estar arrumada, estar vestida de acordo, enfim, tudo que indicasse higiene e embelezamento era tanto uma exigência da casa quanto uma prática que as mulheres deviam incorporar como importante e necessária para o fim visado com seus corpos: despertar o desejo sexual, seduzir. Tais cuidados eram necessários, pois, conforme o lembrado, sempre ia gente (entenda-se homens) à procura de mulheres, em qualquer horário. Deslizes femininos na

⁶⁰- Iracema: entrevista feita em dez.1994.

*Casa de
prostituição -
mulheres
clandestinas
59.10.*

aparência podiam ser prejudiciais a ambas partes, principalmente para a casa, que pretendia ser conhecida e reconhecida enquanto lugar de mulheres com qualidades superiores às de outras.

O banho, enquanto primeiro cuidado, diário é recorrente na memória das mulheres e aparece representado de diversos modos. Lurdinha se lembra que: *"primeiro tomava banho com aqueles sabonetes cheirosos que tinha, aí esperava a colônia secar e passava o creme. Hum.....menina, mas ficava linda, quem não fica bonita assim?"*⁶¹.

Ao lembrar-se de como era seu banho Lurdinha o transforma num ritual de higiene e embelezamento - primeiro a lavagem do corpo com sabonetes cheirosos, depois a colônia para dotar-lhe de um odor melhor, depois o creme para amaciar a pele.

As lembranças de Lurdinha também destituem do banho o caráter de uma prática obrigatória, dando a ele um sentido prazeroso - ao tomar banho podia usufruir de um arsenal de produtos que a deixavam com uma imagem que lhe agradava.

Bete se recorda que: *"tomava banho, daí ia almoçar. Já limpava o quarto, já deixava tudo direitinho"*.⁶²

Ao marcar o início do dia com o banho e a alimentação, Bete mostra outra preocupação que fazia parte dos cuidados com o corpo para mantê-lo com a aparência saudável - era preciso alimentá-lo.

Quanto à alimentação oferecida, a gerente se recorda: *"E aí a gente levantava e tomava uma sopa. Era só a sopa que era servida nesse horário entre 12 e 13 horas, porque todo mundo estava acordando naquela hora e ninguém estava com*

⁶¹- Lurdinha: entrevista realizada em 07 dez. 1992.

⁶²- Bete: entrevista realizada em 14 mai. 1992.

*Cuidado com a água
corpo limpo — ali e etc.*

fome (...) esse caldeirão de sopa mesmo, porque faziam desse tamanho(indicando com ambas as mãos) ninguém tomava porque estavam levantando àquela hora e tomavam umas duas, três colheres de sopa, então sobrava aquele caldeirão cheio".

A sopa, pelo estilo de vida das moradoras do lugar, parecia a alimentação mais indicada e apropriada para repor as energias gastas nas noitadas da casa.

Além da sopa, havia na casa outro costume alimentar, recuperado pelas lembranças de Bete: "levantava, tomava um cafézinho e ficava por ali fazendo hora".

É de se supor que, junto com a sopa, ou mesmo antes ou durante seu preparo, ficasse à disposição das mulheres, na cozinha, um café, de modo a melhor acordá-las. O diário de Selma confirma as lembranças de Beth: "Dia 12.06.59 - passagem do dia - Me despertei as 12 horas, tomei uma xícara de café, fui fazer uma faxina em meu quarto".

Com o corpo preparado para receber aos homens - limpo com o banho, arrumado com as roupas, fortalecido pela sopa ou energizado pelo café - a espera dos homens iniciava-se.

A preocupação em recebê-los adequadamente fazia exigências às mulheres também quanto ao quarto. É o que se percebe quando Selma menciona em seu diário que, depois de tomar café, foi fazer faxina, ou quando Bete recorda que, depois de cuidar do corpo, era preciso limpar o quarto.

As tarefas relativas à limpeza dos quartos são citadas pelas mulheres ora como incumbência delas, conforme Bete, ora como da "faxineira". As lembranças de Vera explicam essa diferença nos seguintes termos: "tinha menina para fazer faxina, né! encerava, limpava e a gente pagava por semana. Tinham muitas que

cuidados com o quarto

faziam elas mesmas. Era tudo bem organizado. Roupas de cama engomadinha. Tinha que trocar, deixar bonitinho, limpinho".⁶³

Tal como o corpo, o quarto, por ser o lugar que seria mostrado aos homens, devia apresentar-se sempre limpo e com roupas de cama que demonstrassem higiene.

Outro dado que as lembranças revelam é que, além da limpeza diária, das arrumações a serem feitas nos quartos que cada uma ocupava, havia também um determinado dia que era dedicado a uma faxina mais detalhada.

Para esses dias, algumas optavam por contratar alguém que fizesse o trabalho, dado o fato de abranger serviços mais pesados, como o de "encerar", que pode referir-se tanto ao chão como aos móveis, ou ainda outros, conforme sobressai do registro feito por Selma a seu diário: *"Me despertei, fui fazer faxina. Quando eu estava passando palha de aço, me chamaram para ir atender o telefone, estava muito cansada"*.

Selma, ao que parece, era uma das mulheres que, mesmo conhecendo o árduo trabalho que teria e o cansaço que lhe provocaria, tanto que reclama a seu diário, assumia os serviços da faxina. O detalhe em sua anotação é o registro do uso de certos materiais, como a "palha de aço".

Para conseguir o tom de limpeza almejada para o corpo e para o quarto, as roupas de ambos, componente essencial da sua aparência, eram objeto de cuidados especiais, como a sua lavagem ou sua engomagem, conforme menciona Selma. Contrastando com a esporádica da contratação de faxineiras, as "lavadeiras" eram figuras permanentes nesse cotidiano. Todas as mulheres mencionaram que a lavagem de suas roupas era feita pelas lavadeiras, que geralmente as buscavam na casa e as devolviam lavadas e passadas.

⁶³- Vera: entrevista realizada em 22 mar. 1991.

Atividade do dia

Desincumbidas das preocupações que os hábitos e tarefas diárias lhe impunham, o compasso de espera dos homens tinha início. Enquanto aguardavam essa procura masculina, ficando de sobreaviso para recebê-los, ocupavam-se de algumas atividades, como o bordar mencionado por Selma.

Embora no diário diversos sejam os trechos que fazem remissão ao bordar, dentre eles, alguns mostram-se como particularmente interessantes, como esse:

"Segunda-feira dia 6 - as 12 h: me levantei tomei banho, estava em meu quarto com a Cidinha Morena bordando: chegou o J. de Palmital e o colega dele. Fui beber com eles".

O que fica patente é que, mesmo durante os momentos que podiam ser usufruídos de acordo com a vontade das mulheres, havia sempre a inquietação provocada pelo fato de poderem vir a ser interrompidas naquilo que faziam, em prol daqueles que deviam ser concebidos sempre com supremacia em tudo e em todo o tempo - os fregueses ou clientes da casa. Porém, enquanto podiam, ocupavam esse tempo de espera: *"durante o dia, quem não tinha nada pra fazer, ia bordar"*, lembra-se Lurdinha.

É de se supor que o ato de bordar, como atividade para preencher o tempo livre, devia gozar de prestígio entre as mulheres, pelas reiteradas lembranças que dele se tem.

Atividade do dia
A quem não gostasse, outras opções eram oferecidas pelas próprias mulheres, como fica claro nessa lembrança: *"A Mazilda falava assim: quem quer aprender a bordar? quem quer aprender crochê? Uma outra falava: quem quer aprender tricô?"* E foi através dessa troca de habilidades que Lurdinha se lembra de ter aprendido a fazer tricô. *"Até uma vez ela me ensinou a fazer uma blusa de lã e eu fiz uma muito bonita branca e a D. Antonieta tinha um macaquinho no quintal. E eu no dia que terminei a blusa que era toda de trança, lavei e coloquei no sol para*

secar e não me lembrei do macaquinho. Quando eu fui ver a blusa, o macaquinho fazia assim: plá, plá, jogando de um lado para outro no chão, esfregava na pedra. Ficou pretinha e eu não pude aproveitar a blusa".

Na lembrança de Lurdinha, sobressai o valor que tinha tal aprendizado, implícito em sua queixa: após investir em aprender algo que certamente demandou empenho de sua parte, conseguindo fazer, como diz, *"uma blusa branca, toda de trança"*, foi ela destruída.

Carmem é outra mulher que se recorda dessas atividades: *"à tarde eu ficava por lá, naquele tempo eu tinha a mania de fazer tricô, era assim..."*. Naquilo que denomina *"mania"* podemos captar o quanto gostava de ficar absorta em meio aos pontos e à lã, dedicando a tal *"mania"* o tempo de que dispunha. Esse gosto permaneceu com ela até o fim de sua vida, tanto que numa de minhas idas até sua casa, mostrou-me, com orgulho a blusa de lã vermelha que estava fazendo.

É interessante perceber nas lembranças das mulheres que o afazer escolhido nestes momentos de espera dos clientes, recolhidas no interior da casa, em muito se assemelha ao que se verifica numa casa de família: ocupar o tempo com atividades manuais.

No entanto, as mulheres da Casa da Antonieta, enquanto praticavam essas atividades manuais, não esperavam apenas por seus clientes: *"o que queríamos era arranjar um príncipe, né!?"*, diz Lurdinha. Enquanto esperavam que se concretizasse essa fantasia e o sonho acalentado ficavam com as mãos ocupadas no ponteado, nas laçadas após laçadas das lãs e das linhas, envolvidas em seus devaneios: *"casar com quem amava. Casar, ter a casa e filhos era o sonho das mulheres"*, lembra-se a gerente.

Ao devanearem e bordarem, tricotarem e crochetearem, possibilitavam que o sonho fosse se transformando em realidade: adquirindo habilidades, quando

chegasse o momento do encontro com o homem de seus sonhos, seriam elas, também para eles, a esposa sonhada.

Muitas tinham esse sonho, mas somente para algumas ele se concretizou, com o casamento e os filhos. Elas têm a dimensão dessa relação entre os sonhos do passado e a realidade do presente, ao se lembrarem da Casa da Antonieta. Esse era o sonho, que se para algumas pôde tornar-se realidade, para outras a realidade não é como o sonho sonhado outrora:

Além dessas atividades manuais, uma outra, que disputava a preferência das mulheres nesses momentos de espera dos clientes, era o jogo de cartas. No diário de Selma vários são os registros indicativos disso: *"fui jogar com minhas colegas Shirley, Cidinha e Diana. Ganhei CR\$ 205,00". "Me levantei e fui jogar buraco. Passei um belo dia com minhas colegas"*.

Beth confirma essa recordação ao lembrar que *"à tarde, nós ficávamos jogando buraco, às vezes cacheta...numa rodinha ali, algumas bordando e cada uma fazendo alguma coisa"*

Era preciso preencher o tempo com "alguma coisa". O jogo de cartas era uma modalidade de atividade que, diferentemente dos trabalhos manuais, proporcionava outro tipo de entretenimento e tinha uma outra configuração. Mesmo que as atividades manuais comportassem durante sua realização diversas pessoas num mesmo espaço, o tipo de relacionamento estabelecido entre elas tinha outro teor, quando comparado com o que havia ao longo de um jogo de cartas.

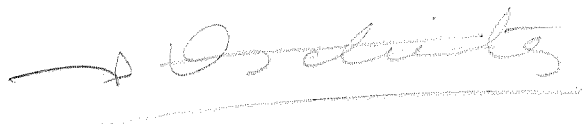
Nos jogos, as mulheres aproximavam-se mais do universo masculino, como forma talvez de conhecer e exercitar aqueles que eram seus códigos, como o espírito de competitividade e lucro, muito estimulado entre elas pela casa: quem era a melhor, quem ganhava mais, quem tinha mais, quem podia gastar mais dinheiro, etc...

Conforme as lembranças que as mulheres guardam, durante o dia e na intimidade da Casa da Antonieta, elas conduziam suas vidas em torno do objetivo primeiro: esperar pelos homens. Era essa a preocupação que norteava todos seus momentos desde que se levantavam e tinha início seu dia, levando-as a agir - a cuidar do corpo e do quarto, ou a escolher certas atividades para ocupar o tempo.

A síntese mais perfeita para definir esses momentos de espera pode ser encontrada numa frase de Bete "*ficava por ali, fazendo hora*". Nesse "fazer hora" o que está implícito é isso uma preocupação - a espera e todos os outros momentos de que era composta.

Todavia, ao fazer hora, as mulheres podiam, na solidão de um quarto ou no compartilhar de alguns momentos com as outras mulheres, externar em suas atividades e afazeres alguns de seus sonhos e expectativas para com a vida. Nos pontos desenhados por sobre um tecido ou nas conversas e risos de um jogo de cartas, expressavam seus sentimentos, manifestavam suas fantasias, reivindicando, em cada momento ou lugar, o direito ao devanear.

4.2 - Os passeios



Muitas vezes, a espera dos fregueses a que as mulheres viam-se submetidas durante o dia na Casa da Antonieta era interrompida: "*à tarde, se queria passear, podia*".⁶⁴

Mas a permissão dada por Antonieta às mulheres para que pudessem deixar a casa e saíssem a passeio, tinha, de maneira velada, as limitações impostas. Era permitido sair, mas "*à tarde sempre ia gente lá*" e por isso era preciso ficar em casa para esperar pelos homens.

⁶⁴ - Carmem: entrevista realizada em 19 mai. 1993.

Com o passeio, ao poderem substituir os espaços da casa pela rua e pelos lugares de uma cidade, as mulheres tinham a possibilidade de vivenciar outros momentos, proporcionados pelo contato com esses universos. São desses momentos que as lembranças dos passeios falam.

No entanto, a gerente se lembra que *"na cidade a gente não passeava, às vezes chegava a rapaziada e conseguia pegar um carro porque não era todo mundo que tinha carro naquela época, então iam buscar as meninas e iam para um rio, mas era muito difícil"*.

As dificuldades enfrentadas pelas mulheres para passearem eram muitas: passeios com os homens, pela cidade deviam ser evitados; fora da cidade, como nos rios, eram difíceis de acontecer em razão da falta de carros. Esses impedimentos acabavam por contribuir com Antonieta, permitindo que saíssem o menos possível de casa, o que limitava em muito seus momentos de lazer.

Havia, além desses problemas de companhia e automóvel um outro: *"nesse tempo a D. Antonieta não deixava sair a pé, só de carro"*.⁶⁵ Não permitindo que suas mulheres andassem à pé pela cidade, Antonieta restringia ainda mais o leque de possibilidade de saírem de casa.

A somatória desses fatores - prováveis olhares reprovadores de Antonieta para com a debandada das mulheres da casa, dificuldades pela falta dos meios de locomoção (dependendo de onde se quisesse ir, a distância entre a casa e a cidade era significativa) e da proibição de se andar a pé, resultava em problemas a serem contornados, o que desencadeava a necessidade de desenvolver certas estratégias para superá-los.

⁶⁵- Lurdinha: entrevista realizada em 07 dez. 1993.

A solução encontrada pelas mulheres, talvez com total apoio da Antonieta, foi adotar, num primeiro momento, o uso de charretes e, posteriormente, o de carros de aluguel para transitarem pela cidade.

A positividade presente na utilização desses meios de transporte pelas mulheres devia ser entrevista pela Antonieta, tanto que o incentivava indiretamente, ao proibir o trânsito a pé: ao andarem de charrete ou de carro de aluguel prescindiam do envolvimento de terceiros, evitavam o contato direto ou muito próximo com as pessoas da cidade e mesmo prováveis agressões. Mas, o mais importante era que, ao permitir que suas meninas fossem vistas, ainda que rápida e fugazmente, dentro de uma charrete ou por detrás de um vidro de carro, criava formas de visibilidade para que se mostrassem aos homens, incitando o desejo masculino, de maneira a conseguir, numa troca de olhares, a promessa de futura procura.

Os indícios que confirmam essa prática, quando relacionada às charretes, estão nas notícias dos "atropelos" verificados na Rua J.V. da Cunha e Silva por causa dos charreteiros que trafegavam por ela a *"altas horas da noite"*, falando palavrões e indo em direção à zona de meretrício. O número de charreteiros que faziam esse trajeto expressa-se nesses termos: *"a maioria dos charreteiros trabalham dentro de um certo respeito, não maltrata os animais, não atropelam, andam na marcha normal e sem algazarras pelas ruas. Enquanto alguns outros charreteiros deshumanos trabalham durante o dia e até a noite com um só animal, sem descanso.."*. (Jornal "A Gazeta de Assis" 14.03.1.956). Ao que parece, era expressiva na época, a quantidade de charreteiros que freqüentavam a rua.

A confirmação dessa prática ficou na memória das mulheres da Casa da Antonieta. Ficou, também, na memória que as cidades constituíram em torno das charretes e da prostituição, pela vinculação que é feita entre ambas, em que a

primeira ficou como símbolo pelo qual as prostitutas são recordadas. Vê-las passeando pela cidade sobre uma charrete, foi uma cena comum em Assis de quarenta anos atrás, que certamente provocava o maior "frisson" nas pessoas que a presenciavam.

Quanto aos carros de aluguel, sua utilização por parte das mulheres pode ser recuperada nas anotações feitas por Selma em seu diário: *"terça-feira Dia 23 (...) me arrumei chamei um carro e fui tirar uma fotografia para o título de Eleitor"; "Quinta-feira "23" (...) Chamei um carro e fui até o centro telefônico"; "Domingo: 19 (...) chamei um taxi e fui dar uma volta na cidade para ver se via o meu querido"; "Quinta-feira- Dia 20(..) "chamei um carro e sai com a Shirley":*

Estas são algumas dentre as muitas menções à chamada de carros. A frequência como Selma os chama, leva a supor que por volta de 1.959, pelo menos as mulheres da Casa da Antonieta, se não todas, pelo menos uma parte delas, haviam feito a substituição das charretes pelo carro como meio de transporte para saírem de casa.

Por conta desses registros de Selma, podemos também perceber as espécies de passeios feitos pelas mulheres à tarde. Não se tratavam de passeios, no sentido atribuído pela gerente - ida a um rio, por exemplo, mas eram saídas que aconteciam, em alguns momentos, para saldar compromissos, tais como ir ao correios, ao centro telefônico, etc., e em outros somente para circular pela cidade.

Havia, também, uma terceira hipótese, se considerarmos outras anotações feitas por Selma: *"Dia 11=6=59 (..) Me vesti e fui ao médico, na Casa de Saúde São José eu e minha colega Shirley, chamei um carro para ir embora passei em frente a barbearia e vi meu amor todo de azul, sentado em uma cadeira lendo uma revista. Comi uns pastéis e segui (sic) ao rumo de minha casa, cheguei as 6 e meia*

da tarde". Selma sai para um compromisso e, após cumpri-lo, acaba aproveitando o ensejo para dar vazão ao desejo de ver aquele a quem denomina seu "amor".

Retirando-se da casa para os mais diferentes objetivos ou mesmo sem nenhum, as saídas à tarde transformavam-se em passeios, ao gosto das mulheres, pela sensação de liberdade que ofereciam e pelos prazeres que proporcionavam, gerando anotações como essas: *"fui na costureira e vi meu amor na rua"*, registra Selma.

Pelo tipo de cotidiano a que estavam submetidas numa casa de prostituição, o que sobressai das entrelinhas das lembranças de Selma é que, talvez, muitos dos passeios tivessem de ter uma justificativa para serem permitidos por Antonieta. Nesse caso, entrariam em ação as desculpas dadas pelas mulheres para se ausentarem da casa, com ênfase para aquelas comuns a todas as pessoas - como as relativas a questões pessoais ou as que, por representarem as necessidades de mulheres de uma casa de prostituição, eram bem aceitas; como é o caso do médico e da costureira, mencionadas no diário por Selma. Tais necessidades depreendem-se das lembranças dos lugares visitados, e, como decorrência, os momentos proporcionados pelo contato com esses espaços estão indicados nas recordações.

Carmem se lembra que: *"à tarde, se queria sair, podia sair. Às vezes, a gente ia fazer compras, ia ao cabeleireiro, se quisesse ir ao cinema na primeira sessão a gente podia ir"*.

Nas lembranças de Carmem estão alguns dos lugares e atividades que aparecem com frequência na memória das mulheres quando se recordam do cotidiano: as compras, o cabeleireiro e o cinema.

Completando essas lembranças estão as anotações feitas por Selma em seu diário: *"Sexta-feira-28- (...) chamei um carro e fui ao cabelereiro com a Geny*

fomos até o correio fui por uma carta para a mamãe"; "Segunda 14 - Levantei. Tomei banho fui para o cabreiro pinteí meu cabelo de loiro".

Lurdinha se recorda: *"eu ia na minha cabeleireira preferida, a Nida e o sonho que mais tenho é com a D. Antonieta que me aparece e me fala assim: 'Ah! Lurdinha, você não está velha nada.... Vai, vai, se pinta, pinta seu cabelo, faz aquele penteado alto que você fazia e eu falo: 'mas Dona Antonieta, aquele penteado já caiu de moda'.*

Nesse lugar comum das lembranças a figura da cabeleireira tem identidade para Lurdinha: chama-se Nida, que sabia cuidar de seu cabelo e fazer o penteado que lhe ficava bem, tanto que é o indicado por Antonieta em seu sonho para esconder a velhice e restaurar um tempo perdido.

Com as lembranças da cabeleireira, Lurdinha marca o tempo e compreende a diferença entre o passado e o presente - o penteado pertence a uma época anterior de sua vida, tanto que já caiu de moda.

Ao cinema, Selma dedicada algumas anotações: *"14 de junho de 1.959 (...) me arrumei para ir ao cinema fiquei assistindo o filme até as 7 e 10. estava passando o filme que levava o nome de Eu arruinei minha vida"; "Quarta-feira 12 agosto (...) fui ao cinema com a Cidinha. Nós fomos assistir ao filme "Férias em Paris".*

A memória tem suas nuances. Na de Carmem, o cinema e os filmes assistidos são recordados através de um vestido que copiou da protagonista de um deles: vivida por Greta Garbo: *"Dela foi copiado um vestido para baile. Para eu fazer eu gastei vinte metros de tule. Era branco, da cintura para baixo era só babadinho de tule. Era de manga comprida de tule, de decote redondo e uma parte do decote bordado inteiro com lantejoulas. O punho também era bordado com lantejoulas, depois tinha uma armação embaixo. Mas ficou lindo! Esse foi um vestido que usei apenas uma vez".*

Os momentos vivenciados no cinema estão expressos na descrição do vestido, quando o viu com Greta Garbo e quando o usou, talvez encenando mentalmente o papel da personagem.

O valor sentimental de que foi dotada essa roupa pode ser apreendido pelo fato de, após muitas décadas, conseguir retratá-lo com riqueza de detalhes: era branco, longo e de mangas compridas; os materiais empregados, sua quantidade e aplicações, como os vinte metros de tule gastos nos babadinhos da saia e na feitura da manga comprida; as lantejoulas com que foram bordados os punhos e o decote, a armação que o sustentava e acompanhava a saia. Seu entusiasmo, ao falar do vestido, ainda nos permite vê-la descrevendo, no passado, para a costureira que o fez, de modo que saísse de acordo com a imagem que havia guardado em sua memória. Por outro lado, a participação da costureira em seu feitiço evidencia-se na prescrição da quantidade e espécie dos materiais gastos, que, por sua vez, a levaram a fazer outras compras pela cidade.

O filme serve para Carmem inspirar-se para fazer um vestido de baile o que a leva a estabelecer, a partir do cinema, contatos com outros lugares da cidade para a realização das compras.

É a partir dele que visita sua costureira e é esta quem define a compra a ser feita. Sucodem-se, então, uma série de visitas: às lojas e armarinhos para efetuar as compras previamente previstas, os retornos à costureira para marcar o início da confecção, as experimentações que se seguem, até culminar com a existência pronta e acabada do vestido.

O vestido faz lembrar do filme, daí a recordação das compras e da figura da costureira, que impunha-se como central na vida de mulheres, que tinham que se apresentar aos homens sempre bem vestidas. Numa época em que a oferta de

roupas prontas em Assis devia ser escassa, as costureiras eram extremamente úteis para supri-las com todo o arsenal de que precisavam.

Por isso, as costureiras são lembradas pelas roupas feitas: *"a gente ia na costureira e tinha figurino. Às vezes a Antonieta mesma dava sugestão pra gente. Ela escolhia. Falava este fica bem em você. Vamos fazer tal cor. Eu era branquinha, ela gostava de verde, de verde em mim...ou de vermelho. Agora, preto eu nunca gostei de roupa preta. Tinha branco, cor de rosa, azul, verde, cor de mel"*, diz Bete.

Bete se lembra que, além do auxílio do figurino para a definição de uma roupa, por vezes contava também com a ajuda de Antonieta. Ao comentar *"que era branquinha"*, permite detectar os signos de uma memória que traz as cores como seu referencial, marcando, desta maneira, a diferença entre o que "era" e como ela se vê no presente.

Há um passado e um presente, observável e detectável em sua própria pele. Já não se sente mais *"branquinha"*, quando algumas cores lhe ficavam bem.

A melhor síntese para explicar a transformação produzida pelo tempo pode ser vislumbrada nas lembranças de Iracema: *"a vida é diferente. Aqui, (referindo-se a sua casa) você tem que lavar roupa, fazer comida (na hora em que concedia a entrevista estava passando roupa). Lá (na casa da Antonieta) você não fazia nada, absolutamente nada. Você vivia para se arrumar. Você tinha pele boa, não era queimada pelo sol"*.

Bete e Lurdinha sentem na pele as modificações. O passar dos anos está no sol do dia-a-dia, que inexorável e impiedosamente deixa atrás de si, como rastros, suas marcas e sinais por sobre a pele.

As transformações que o tempo foi infligindo à vida das mulheres pode também ser captada nas lembranças que têm da figura da costureira. Carmem se

lembra de que quem fazia seus vestidos era a "*Mariquinha Botter*" e comenta "*nem sei se está viva!*". Lurdinha nem ao menos tem certeza mais do nome da sua: "*Alba? Alba!.... parece...*". e termina do mesmo jeito "*acho que ela nem existe mais*".

Considerando que havia certa frequência nas visitas das mulheres às casas de suas costureiras para contratar-lhes o serviço, e que, em razão disso, tinham com elas ao menos esse contato profissional, o que emerge das entrevistas com as mulheres é que houve uma ruptura desse relacionamento, cuja razão pode estar no fato de se desvincularem da casa da Antonieta. Mesmo continuando a morar na mesma cidade, presume-se que nunca mais as procuraram e nem ao menos souberam delas.

A distância que separa Carmem e Lurdinha daquele passado pode ser captada nas interrogações que estas rememorações suscitam: "*existiriam ainda?*" "*estariam vivas?*"

Uma lembrança vai puxando a outra, como fios de meada. Ao lembrar-se da costureira, através dos vestidos feitos, recorda-se também: "*então a gente escolhia bem os modelos e usávamos aqueles vestidos rodados com sapatos encapados com tecido. Era tudo combinado*", diz Lurdinha.

Os vestidos lembram os sapatos, com os quais eram usados. E não eram sapatos comuns. Lurdinha explica ainda que "*o pano do vestido era levado para o sapateiro e ele encapava com o mesmo pano para ficar igual ao vestido, da mesma cor do vestido*".

Portanto, enquanto os vestidos lembram as costureiras, os sapatos evocam o sapateiro. Aqui é sua figura que aparece como sendo visitado pelas mulheres com pedaços de pano nas mãos e um par de sapatos para ser revestido.

Não importava dia nem hora: a qualquer momento os clientes podiam chegar, obrigando-as a abandonar o que estivessem fazendo para atendê-los.

Ao registrar esses acontecimentos diários, Selma também indica alguns dos clientes que compunham o rol de frequentadores de uma casa de prostituição durante o dia - no domingo, os jogadores, no início da semana o G. de Marília.

Na memória das mulheres os freqüentadores eram muitos. Iracema diz que *"vinham muitos homens de fora, eu só me lembro de um, chamava-se João de Marília. Ele era muito rico, tinha fazendas, mas só o conheciam por Sr. João de Marília, entende? Dos outros eu não me lembro. Vinham homens de Araçatuba, Ourinhos, da região toda"*.

Confirmando as lembranças de Iracema, Carmem diz que *"tinha uma turma de Marília, todos fazendeiros, e do Paraná. Eles passavam aqui em Assis, duas vezes por mês. Mas era de dez, quinze"*. E acrescenta: *"Vinham muitos políticos - o Ademar de Barros, o Borges, o Garcez. Tinham vários que vinham, agora assim, eu não me lembro mais. Que eu me lembre eram esses que eram os mais chegados e eu conversava"*.

É curioso notar que eles são lembrados mais pela profissão que tinham e menos pelos nomes: eram principalmente os fazendeiros da região, mas havia também os políticos.

Aos homens de outras cidades somavam-se os de Assis. Iracema engrossa o rol dos freqüentadores, ao lembrar-se que também eram clientes os profissionais liberais e os funcionários públicos do alto escalão na cidade.

Embora a natureza dos freqüentadores fosse a mesma, tanto de dia como de noite, parece que muitos tinham a preferência pelo horário diurno, ao atentarmos para o que diz a gerente: *"Como eram todos casados e não podiam sair à noite, então eles inventavam uma viagem de negócios de dia e ficavam a tarde toda ali"*.

Maior parte deles eram fazendeiros da região que freqüentavam a casa e gastavam muito dinheiro".

É com a voz da experiência que Iracema fala. Essa prática masculina de freqüentar as casas de prostituição durante o dia é corroborar^{po} pela confissão feita por um deles - um advogado confidenciou que, em caso de ser descoberto pela mulher, dava a desculpa de que havia ido até lá para resolver problemas de trabalho.

O que fica evidenciado é que, no caso dos moradores de Assis e região a dinâmica de sua profissão e seu horário de trabalho propiciavam as condições para as escapadelas para ter com as mulheres.

Para receber essa variedade de homens a casa tinha suas estratégias. As mulheres se recordam que, dependendo do grau de importância que o cliente tivesse para Antonieta ou da discreção solicitada, ela pessoalmente os recebia num cômodo da casa que para esses encontros era reservado.

A "saleta" ficou na memória das mulheres como representando o lugar dos segredos e sigilos da Casa da Antonieta: *"tinha uma saletinha né, que às vezes alguém queria ficar lá mais escondidinho, então ficava na saleta. Muitos homens não queriam ser vistos e então às vezes entravam até direto para o quarto, não ficando no salão, na saleta",* lembra-se Vera.

Carmem retrata esse cômodo da seguinte forma: *"tinha uma sala separada e a Antonieta recebia. E ele quem escolhia. Ela mandava a gente passar por lá como quem não quer nada. Nessa sala tinha uma passagem para o salão e o quarto dela e nós passávamos do salão para o quarto dela para se mostrar. Dávamos uma olhada e aí ele escolhia - fulana, aquela assim, assim, e a Antonieta chamava. Tinha que ir com ele porque ele escolheu".*

Embora Carmem diga que era uma sala, os indícios de que está se referindo à "saleta" está na maneira como lembra do lugar - era apenas "de passagem", permitindo o acesso ao quarto ou ao salão. É o cômodo identificado no esboço da casa como "saleta".

Podemos ter uma idéia de como era essa saleta, pelos móveis e objetos que foram arrolados no inventário, feito quando do arrendamento da casa. Por volta de 1960, era decorada com uma mesa com tampo de fórmica e pés de ferro e oito cadeiras estofadas e sem braços, possivelmente circundando-a.

Além da mesa e cadeiras, completando a decoração, estavam na paredes dois lustres metálicos e dois espelhos grandes. Tinha também um lustre metálico no teto.

O mobiliário e a decoração confirmam a finalidade do lugar, como foi recordado - a conversa ao redor de uma mesa, em cadeiras confortáveis; o uso de iluminação artificial quando necessária e os espelhos, que, certamente colocados em pontos cruciais das paredes, favoreciam certas formas de visibilidade.

Além da saleta, outro cômodo usado por Antonieta para receber os homens, porém menos que o primeiro, era a "sala". Enunciada pelo inventário como "*sala de visitas*", seu mobiliário era composto por dez cadeiras de madeira com uma mesa de centro arredondada. Circundavam-na dez cortinas vermelhas, adamascadas em seda, em cujos vãos havia quatro quadros que dividiam a parede com um espelho grande e dois lustres metálicos. Possivelmente por perto das cadeiras, havia um cinzeiro de pé metálico.

Afora tais clientes, os demais eram recebidos pelas mulheres no salão - neste lugar é que aconteciam os primeiros contatos. São evidências dessa prática que estão em alguns trechos como este do diário de Selma: "*domingo dia 21 - Levantei*

tomei banho, me chamaram para servir de companhia no salão para uma turma que veio de Garça jogar em Assis".

Para algumas mulheres, a interrupção de sua rotina diária para atender aos clientes representava um sacrifício maior, se considerarmos a relação especial que tinham com aqueles que eram os seus homens especiais: os amantes.

Eleitos pelo coração geralmente entre os clientes com os quais mantinham contatos, os amantes eram as figuras de destaque na vida das mulheres e, para parte delas, algumas das expectativas que tinham para com a vida eram neles depositadas, como aquela de que fala Iracema: *"o sonho era sair com quem amava. Casar, ter a casa, ter filhos"*.

A presença e a participação dos amantes na vida diária das mulheres podem ser avaliadas em comentários como este, feito por Bete: *"ah! com relação aos homens, o que se passava, já não tinha muita conversa... não, porque...depois os amantes sempre estavam juntos, já não tinha jeito de conversar né!....Todas tinham o seu amor"*.

De acordo com Bete, pelo fato de todas as mulheres terem os seus amantes, pouco podiam conversar sobre os homens, entenda-se os clientes com os quais mantinham relacionamentos. No entanto, poucos deviam ser os homens com disponibilidade de tempo para ser dispensado às mulheres da maneira retratada por Bete, se considerarmos os compromissos profissionais e afetivos que, se não todos, alguns tinham, ainda que em graus e teores diferentes.

É pelo diário de Selma que podemos nos aproximar de um desses relacionamentos e ter uma idéia de como ele acontecia nos domínios de uma casa de prostituição.

Logo no primeiro relato de seu dia, Selma se apresenta ao diário registrando que reside na Chacrinha há três anos. Neste dia e nas sucessivas descrições feitas.

aparece a menção àquele que denomina o seu "amor", o qual chamaremos de "Carlos".

Alguns desses trechos são dedicados a comentar os momentos vivenciados com seu amor: *"Dia 13 de junho de 1.959 - Me levantei a 11 horas e 30 minutos da tarde tomei banho. Era o dia do aniversário da Mma. Antonieta De Tilio. Meu amor veio almoçar comigo passei uma tarde maravilhosa"; "14 de junho de 1.959 Querido Diário Levantei as 2 horas e 30 da tarde tomei banho estava terminando de me vesti quando o C. chegou. Fui com ele no bar almoçar devido não ter almoçado em minha casa. Voltei fui jogar baralho com ele em minha cama, fiquei até as 5 horas e 30 da tarde com ele depois ele foi embora porque tinha de viajar para S.Paulo, despedi me dele e fiquei chorando"; "Domingo 28 - Fui para o circo com minha colega Cidinha: gostei muito, voltei as 5 horas da tarde, cheguei aqui meu amor estava me esperando. Disse que era desde a hora em que eu sai"; "Domingo -16 - as 3 horas da tarde meu amor chegou ficamos ouvindo uns discos em meu quarto: as 5 ele foi embora"; "sábado dia 4 - Me levantei as 12 h: tomei banho fui fazer faxina porque o Carlos vinha, ele chegou as 2 horas. Jogamos no quarto ele me trouxe laranjas e uns discos para nós ouvirmos: me deu 5 long play, isto é tango, feito para dançar, buque de melodias, galeria do sucessos etc..."; "Segunda - 3(...) estava jogando meu amor chegou com uma lata de catupiri e uma de goiabada"; "2 - quinta-feira (..) estava bordando em meu quarto com a Shirley e meu amor chegou com um pacote de doces fiquei jogando com ele até a 12 h..."*

Nestes fragmentos o que sobressai é uma preocupação que devia ser recorrente na vida de Selma, tanto que é uma das marcas do diário - o horário ou a tentativa de indicar o tempo de duração dos momentos vivenciados ao longo de um dia. Ao assim proceder, mostrando os dias e o tempo de permanência do amante.

falando daquilo que realizaram juntos, Selma vem relativizar a presença e a participação desses homens no cotidiano da casa a certos momentos diários ou semanais. O "amor" de Selma era casado. Muitas outras, das outras mulheres da Casa da Antonieta, também deviam sê-lo.

São desses limites que o diário fala pelas mãos de Selma: *"25 - quinta-feira- fui jogar mas estava esperando meu amor ele tinha me dito que viria durante o dia. esperei mas ele não veio e nem a noite"; "sábado - 11. Levantei fiz fachina esperando o C. Como era de costume. ele não veio".*

Quando atentamos para aquilo que o diário conta, confrontando as diversas narrativas nele contidas, de alegria ou frustração, somos levados a crer que na imagem do "amor" as mulheres buscavam inspiração para a existência cotidiana, daí serem eles lembrados como sempre presentes. Estavam e permaneciam com elas no cotidiano, em suas memórias, como imagem lembrada em todos os momentos.

A confirmação para essa inferência está no comportamento de Antonieta frente a essa situação. Segundo as mulheres, no que tangia ao relacionamento com os amantes, era dado a elas total liberdade para vivenciarem tais romances.

Deixando-as à vontade e até mesmo abrindo as portas da casa para que estivessem com seus amantes, Antonieta vislumbrava nessa presença física ou sentimental um elemento importante para o tipo de cotidiano por elas vivenciado. Se era preciso que ficassem em casa à espera dos clientes, a espera do amante e a expectativa de sua vinda serviam para segurá-las na casa, amarrá-las à cidade. Conforme a gerente, *"tinha poucas mulheres que permaneciam muito tempo na casa. Eram poucas, porque elas mesmas gostavam de viajar. Como tinha a Sônia, muito bonita (..) e nós a chamávamos de Sônia astordia, essa era uma que não ficava mais que quinze dias aqui em Assis, ia para Araçatuba, ia para lá e prá cá,*

ficava quinze dias no máximo. Então a mulher que ficava muito tempo na casa perdia a graça. Então elas mesmas mudavam. Eram poucas as que ficavam. As que ficaram foi a Carmem, e o que fazia ficar era o amor. Foi isso que prendeu, senão elas mesmas não paravam iam 'fazer a praça' como elas diziam".

Em síntese, o que Iracema mostra é que nenhuma mulher ia embora enquanto emocionalmente envolvida com alguém.

Como profunda conhecedora da alma e paixões humanas, cujo aprendizado decorria de sua história de vida e da administração de uma casa de prostituição por décadas seguidas, Antonieta, propositadamente, deixava que os amantes ocupassem esse espaço na vida de suas mulheres e no cotidiano do lugar, contanto que, em se tendo clientes, prevalecesse aquela que a gerente lembra ser a sua máxima: *"quem quer mulher só para si, que leve embora"*.

Essa era a regra do jogo e todos deviam ser cômicos dela. Foi isso que alguns homens fizeram ao se apaixonarem. Porém, conforme as mulheres gostam de contar, foram poucos os casos, perto das fulminantes paixões vivenciadas por muitos homens e mulheres nos espaços da Casa da Antonieta. Amores que deixaram suas lembranças, como as que quiseram guardar Selma e as demais mulheres.

Mas não era só em favor dos clientes que apareciam na casa que as mulheres deviam interromper o que estivessem fazendo. Inserida entre os clientes ocasionais que deviam ser preferencialmente atendidos, estava a figura do coronel.

O coronel tem, na lembrança de Vera, a seguinte descrição: *"chegava, dava bastante dinheiro né! trazia roupas, pagava todas as despesas. Então era o coronel que dava mais. (...) Podia transar com outros homens, só que na hora em que chegavam e a gente já tivesse com outro saía fora e ia com ele. Eram o bom*

de grana, esses iam lá duas a três vezes por semana. Não pegavam outra menina. Era só com a gente".

A figura do coronel é, sem dúvida, uma personagem mitológica criada pelo universo prostitucional, sempre sendo representada como homem endinheirado que escolhia uma mulher e, ao assumi-la financeiramente, exigia atenção e exclusividade quando chegasse à sua procura.

Exemplar de uma cena protagonizada por um coronel numa casa de prostituição é a contida num processo-crime, datado de 1.948, em que uma briga acontece: *"o indiciado se dirige ao quarto de sua "amásia" e surpresa sua, a mesma estava com outro homem e que, com este mantinha relações carnavais, fazendo esta comércio da carne, sua profissão. Enfurecido pelo descaso dela, pois que aquele dia lhe deveria estar reservado, o indiciado penetra no quarto, após arrombar a porta e uma vez no interior agride a socos a mulher e o homem".*⁶⁶

A afirmação do depoente de que *"aquele dia deveria estar reservado"* denota o tipo de controle e subjugação a que expunham suas "amásias", reservando-se o direito de agredí-las quando contrariados.

Segundo as lembranças de Vera, o coronel procurava por "sua" mulher de três a quatro vezes por semana. Esta constante frequência, mais o fato de não aceitarem outra mulher, são fatores que certamente tiravam das mulheres a possibilidade de administrarem suas vidas sem a interferência deles. A chegada desses homens, por vezes inesperada, como a que deu motivo à briga entre o coronel e sua "amásia", fazia com que tivessem que se habituar a ficar de sobreaviso, para evitar conflitos e possíveis rupturas.

Carmem se recorda: *"esse coronel que eu tive não me deixava ter relações com outros homens, eu me separei desse homem que eu gostava por causa do*

⁶⁶- CEDRAU-UNESP/Assis, cx.176.

coronel. Ele punha gente para me sondar, ele era viajante e não deixava eu sair com mais ninguém. Ele me dava de tudo - roupas, comidas, inclusive me deu jóias". As lembranças que guarda, de um dos coronéis que teve, mostram, exatamente, o sentimento de posse para além do momento em que chegavam ou estavam na casa. Como contrapartida do dinheiro que davam, incondicional exclusividade física e afetiva.

Em outro momento da narrativa Carmem explica: "*Os meus coronéis foram homens que me deram de tudo - tive esse que eu falei para você que me deu jóias e me deu de tudo. Eu conheci logo que eu cheguei, era viajante, esse é que morria de ciúmes e não me deixava fazer a vida. Nossa!, ele me deu muita coisa, ele me deu de tudo - roupas, jóias, tudo o que eu queria. Era só pedir que ele soltava, às vezes ele fazia um chamegozinho, mas depois acabava dando. Se eu fizesse alguma coisa errada e ele chegasse e soubesse, nossa senhora!!!*".

A imagem tecida por Carmem do coronel que dizia ser ciumento confirma o que era importante para as mulheres nesses relacionamentos e até condição para manutenção do vínculo: garantir a sua sobrevivência e seus luxos. Enquanto esses quesitos fossem satisfatoriamente atendidos, aceitavam suas regras e imposições. Dentro dessa lógica, a troca do coronel ocorria quando rompido esse acordo.

O coronel lembrado por Carmem era viajante e, segundo afirma, conheceu-o assim que chegou na casa. Em se considerando qual era a prática da casa quando chegavam mulheres novas o dito por Carmem se confirma em depoimento da gerente: "*geralmente os homens eram avisados por ela (pela Antonieta). Os que ela conhecia melhor, ela telefonava ou mandava eu telefonar que tinha chegado ou ia chegar gente nova!. Quando eu ligava eles diziam: ôba, então tem gente nova na praça; então à noite a gente vai aí e iam mesmo!*".

Parece, assim, que foi por mero acaso que Carmem cruzou com o viajante e este se transformou em seu coronel, visto ser prática comum a propaganda em torno das mulheres novas, com uma prévia distribuição delas aos clientes especiais da casa, via telefone.

Entrevê-se nessa prática do uso do telefone pela casa da Antonieta para comunicar-se com seus clientes especiais a mesma que devia ser a recorrente em muitas outras atividades nas décadas de 1950 em diante, quando as cidades começam a se modernizar e contar com esse auxílio extra, que agilizava os recados e facilitava as conversas que deviam acontecer ao pé do ouvido.

A condição "especial" de certos clientes é ressaltada por Iracema: *"eram pessoas selecionadas por ela, nada para todo mundo. Esse João⁶⁷ que eu já citei para você, ela tinha uma estima muito grande por ele, ele era fazendeiro também e era um homem muito fino, já cinquentão assim, sabe!, muito fino, muito educado, tratava muito bem as mulheres porque tem homem que costuma desfazer"*.

Traçado o perfil, ficava fácil procurar o homem certo e na hora certa. Era assim que deviam perfilar as ligações telefônicas para clientes especiais como os fazendeiros, entre outros.

É provável que as ligações telefônicas, dado o fim a que se destinavam e de onde partiam, acontecessem durante o dia e fossem feitas para locais onde os clientes estivessem livres de prováveis inquirições de esposas, namoradas ou noivas. Esta dedução é baseada na resposta obtida por Iracema ao fazer o convite a um cliente porque havia chegado mulher nova na casa: *"ôba... então tem gente nova, então a noite nós vamos aí"*.

⁶⁷- "João", nome fictício.

Essa tática da Antonieta e de muitas outras cafetinas de ter seus clientes preferenciais e de chamá-los para conhecer as novatas, facilitava-lhes em muito a vida no lugar, pois permitiam que, desse encontro, surgisse o coronel.

Os clientes, os amores e os coronéis: em torno deste tripé masculino girava a vida cotidiana das mulheres da Casa da Antonieta e de muitas outras casas, mas que, em alguns momentos, podia vir a ser totalmente rompida. Pelo diário de Selma podemos ter uma idéia de que maneira e quando isso acontecia: "*Quarta-feira - Dia 15 de Julho - Me levantei as 12 h: fui tomar banho, eu fui para o quarto da Cidinha. as 5h e 30 da tarde nós duas viajamos acompanhadas para São Paulo. Chegamos em Itapetininga as 3 horas dormimos e continuemos viagem as 7h: Meu amor não estava sabendo de nada: chegando fomos dormir, dormimos até as 6 h da tarde. fui jantar com o M.M fomos para a boite Chicote o clube de Paris e fomos seiar e dormimos no Hotel Regência*". Selma relata uma viagem que faz, juntamente com outra mulher, em companhia masculina. Com saídas desta natureza, rompia-se com o cotidiano na casa, suspenso pelo tempo em que estavam fora.

Acerca dessas viagens, Lurdinha se lembra: "*Quando viajávamos com homem ela deixava e o homem pagava o dia que ficávamos fora. Eu não gostava de viajar, porque tinha freguês que vinha gastar muito na casa e dava lucros para ela e se aquela mulher que ele queria não estava, porque naquele tempo era assim, ele tinha preferência por uma mulher e ela não estava, ele ia embora e não adiantava pedir para ele ficar, chamando vem cá, vem cá, que ele queria era aquela mesma*". Lurdinha menciona que não gostava de viajar, em respeito aos lucros da casa, pois estando ausente a mulher visada por um homem, este acabava por ir embora, sem gastar. Ao que parece se considerarmos o que ela diz e o que explicou a gerente, essas saídas eram esporádicas, só acontecendo quando o o

acompanhante era realmente muito importante. Com essas saídas, ainda que por poucos dias, ficava uma lacuna no elenco feminino, que redundava em significativa perdas financeiras.

Ainda assim, algumas vezes aconteciam. É possível que, em razão da procura quase diária dos coronéis e dos "amores", fosse preciso inventar histórias que justificassem a ausência das mulheres, ainda que só para uma das partes. Selma, por exemplo, diz que seu amor desconhecia sua viagem. Provavelmente, ela própria teria que entender-se com ele quando voltasse. O ocultamento da viagem parecia necessária para a manutenção do relacionamento. Embora fosse de conhecimento dos amantes a vida que levavam, alguns assuntos deviam permanecer intocados pelas mulheres. É nesse sentido que Selma aponta ao registrar o desconhecimento do amante da situação que estava vivenciando. Quanto ao coronel, no entanto, em se conhecendo o tipo de relacionamento que estabelecia com a mulher, talvez ficasse a própria Antonieta incumbida de com ele ter, inventando desculpas plausíveis de serem por eles aceitas.

Com a viagem, estando em outras cidades, um outro cotidiano passa a compassar sua vida: *"Quinta feira - dia 16.05.59 - eu estava em São Paulo com o M: eu estava muito triste porque estava fazendo um ano que eu amo o C. C. C: estou doida de saudade. Fomos para a boite Chicote tomei um Uisque. Voltei para o Clube de Paris. Tomei outro Uisque fui dormir. "Sexta, dia 17. Sai com o M, fui fazer compras, comprei 2 pares de sapatos às 4 e 30 da tarde tomei o trem para Presidente Prudente. Cheguei às 9 e 17 da manhã fui visitar as minhas colegas telefonei para o F.E.A a noite jantamos no restaurante Ouassis".*⁶⁸

Em São Paulo, o anonimato propiciado pela cidade grande é aproveitado para sair com o acompanhante de viagem para se divertir e fazer compras. O cessar do

⁶⁸- No diário está registrado dessa forma.

compromisso deixa-a novamente livre para retornar a Assis. Contudo, aproveita a ocasião e a situação em que se acha - em viagem, e vai diretamente para Presidente Prudente.

Este dia em Presidente Prudente é sintetizado em seu diário nesses termos: *"sábado 18 - a noite sai. Fui dançar jantamos no Restaurante Auassis⁶⁹ com o meu ex- amor. Passei um dia maravilhoso. Fim".*

Nestas poucas palavras é evidenciado por Selma que o processo de distanciamento da casa da Antonieta, ao proporcionar o contato com outras cidades e pessoas, oferecia-lhe a oportunidade de viver momentos agradáveis, que tornavam o dia "maravilhoso".

No dia seguinte, acontece o retorno a Assis: *"domingo - 19 (..) as 3 h tomei o trem para Assis estava louca de saudades de meu amor: Cheguei as 5 e 15 da tarde. chamei um taxi e fui dar uma volta na cidade para ver se ia o meu querido não o vi, a Noite telefonei para a casa dele não atendeu tomei informações pelos colegas dele. Não me deram nem uma, fui para o posto Marajó com o G. viajante e viemos dormir".*

Ao voltar para a cidade, Selma retoma sua vida cotidiana. Procura restabelecer o contato com seu amor e, na casa, envolve-se com seus antigos conhecidos e colegas.

Uma colega a põe ao par dos acontecimentos havidos em sua ausência: *"segunda 20 - Me acordei as 10 e 30 h, fomos jogar, minha colega Shirley disse que o C. tinha vindo aqui no dia em que fazia um ano que nós nos gostava-mos me trouxe uma aliança bordada, ele disse para a Shirley porque eu tinha viajado ela contou que ele ficou sentido. Carrego o rádio que ele tinha me dado de presente*

⁶⁹- Idem.

os discos. Me levantei do jogo a Nora me disse que ele tinha me mandado um aviso que tinha viajado para São Paulo. Fiquei doida chorei".

As notícias que lhe chegam do amante, são do seu abatimento ao saber de sua viagem e do recado que lhe deixou. Retornando a vida cotidiana na casa era preciso buscar um dos sentidos de que era dotada - o vínculo amoroso, o que naquele momento era impossível porque, desta feita, a outra parte é que encontrava-se viajando. A vida cotidiana, em sua vertente amorosa, só recomeça alguns dias depois: *"sábado- meu amor chegou fui correndo abraça-lo por fazer 13 dias que eu não tinha estado ao lado dele. nós fomos até (...) * buscar um despertador que ele tinha comprado para mim".*

Depois de treze dias, contados dia após dia, o retorno do relacionamento precisava ser marcado pelos mesmos móveis simbólicos que perpassavam a relação - os objetos. Sendo o relacionamento pontuado com as frutas, os doces, os discos, algo devia marcar a volta. A aliança antes trazida para marcar o tempo de convívio é esquecida e substituída por um "despertador".

Com o reatamento da relação, a vida cotidiana de Selma junto à Casa da Antonieta vê-se inteiramente restabelecida.

Mas não eram somente as suas viagens que provocavam esses abalos na vida amorosa das mulheres. Lembra a gerente: *"O A. tinha um ciúmes de Aurora e quando ele viajava e ficava uns dias fora, quando ele voltava era aquela confusão, brigavam, discutiam e dali a pouco estavam numa boa".*

As brigas e seus "happy-end" eram parte integrante desses romances, compondo o cotidiano da casa. Selma conta em seu diário algumas armadilhas produzidas para causar ciúmes no amante: *"Domingo 28(...) veio também o moço que foi meu amor em P:P: me trouxe de presente um quadro que tinha uma dedicatória. é esta. Você, um rancho e o luar Não! Nem rancho e nem luar, Só*

você" (...) cheguei meu amor estava me esperando(...) ele pegou o quadro e perguntou quem tinha me dado eu disse a verdade: Ele pegou o quadro e escreveu o nome dele na palavra: só você: escreveu Carlos."

Diferentemente do ocultamento de algumas situações e envolvimento, outras pareciam valiosas para provocar certas cenas, ainda que silenciosas. O homem recebido por ela não se tratava de um qualquer, mas aquele com o qual havia se relacionado de uma forma também especial. O quadro era o testemunho deixado pelo antigo amante de sua passagem pela casa e seu contato com ela. Esse vestígio, o atual "amor" tenta apagar de sua memória, colocando no quadro, sobre a lembrança do outro a sua, com seu nome, deixando embaixo de uma "poesia", a poética de um nome.

O artifício do quadro não foi o único utilizado por Selma para produzir ciúmes em seu amante. Outras sucedem: *"Quarta-feira dia 8 (..)O Carlos chegou, dormiu comigo cuidou bem de mim a noite toda me disse que estava apaixonado e queria casar comigo"; "Dia 9 Quinta-feira (...) O Carlos estava no quarto da Geny. foi apresenta para o C. Eu contei tudo para o C. que ele queria casar comigo. O C. foi tirar a fixa(sic) dele no Hotel, ele devia 18.000,00 mil cruzeiros para o Dono do Hotel. O C. me disse eu então não liguei tanto para ele, chamei um carro e sai com a N. levei o Carlos".*

Ao reproduzir para seu amante uma conversa sua com um de seus clientes, usa a proposta de casamento recebida para tentar provocar uma cena de ciúmes, daí resultando um duelo de bastidores.

Esses dois fragmentos dos dias de Selma, ainda que preenchidos por fatos e acontecimentos aparentemente fúteis, trazem imagens daquilo que acontecia numa casa de prostituição durante o dia: a presença às vezes concomitante - e por isso gerando confusão - dos amantes, dos coronéis e dos clientes, as promessas que

faziam e que embalavam os sonhos que alimentavam suas vidas - o amor e o casamento (pelo menos para algumas), os passeios de carro pela cidade são fatos lembrados exatamente porque nesses homens, sentimentos, objetos e lugares, as mulheres encontravam um sentido para suas existências.

Era desse modo que as tardes transcorriam na Casa da Antonieta: mulheres arrumadas à espera dos clientes, em meio ao ponteador das agulhas e à disputa dos jogos; no plano seguinte, o relacionamento com os homens e os passeios.

Com o fim do dia, a noite substitui a claridade e a luminosidade natural pelas luzes artificiais. Este era outro momento do cotidiano de uma casa de prostituição. Muitos dos problemas do dia, embora acompanhassem as mulheres, deviam ficar em suspenso por algumas horas, para que vivessem a noite e seus compromissos.

CAPÍTULO 5

O teatro noturno

Chegada da noite. *"A chácara iluminada, rodeada de eucaliptos, a música e a bebida varando a madrugada. A vida alegre"*.⁷⁰ Neste facho de luz em que a Casa da Antonieta se transformava em meio à escuridão que irrompia e a escondia, instalava-se todas as noites, em seu salão, o espetáculo de festa e alegria, cujos principais protagonistas eram as mulheres da casa e os homens que a frequentavam.

As mulheres, desde que passavam a morar na Casa da Antonieta, eram avisadas de que este espetáculo de todas as noites devia acontecer, sendo um componente que passaria a conviver com elas, integrando, assim, suas vidas. Tanto que, na memória Lurdinha, este compromisso noturno é associado à sua chegada na casa, recordado pelas recomendações que lhe foram feitas: "Ah! primeiro, eu cheguei com a gerente. A gente chegou de taxi. As meninas apresentavam a gente, daí a gerente explicou como é que era. Explicou que ali era pensão, que as meninas tinham que sentar à noite no salão, só que tinham que se arrumar muito bem. Sabe, tratar muito bem as pessoas que chegavam. Se não dançava, tinha que aprender a dançar".⁷¹

Ao lembrar-se da maneira como foi recebida pela gerente, com uma série de avisos e pedidos (talvez uma prática sempre repetida pela casa quando chegavam novas mulheres), ela nos revela o princípio do relacionamento das mulheres com o lugar, ou seja, um acordo, segundo o qual elas eram aceitas principalmente para este espetáculo do salão.

⁷⁰- Jornal *Assim* - Assis, set.1977.

⁷¹- Lurdinha: entrevista em 07 dez. 1992

Estas exigências feitas pela casa da Antonieta às suas mulheres eram comuns em muitas outras casas de prostituição, cujo cotidiano obrigava que as mulheres permanecessem no salão, proporcionando espetáculo todas as noites a uma platéia masculina.

Para conhecermos as práticas e costumes da Casa da Antonieta e de suas mulheres, o teatro noturno que lá ocorria será imaginado com as lembranças de nossas personagens: *Carmem, Iracema, Beth, Vera, Lurdinha e Selma*.⁷².

5.1- Os bastidores

1- o horário e os preparativos

"às 3 horas fui para a cidade, dei umas voltas e vim embora, não jantei, as sete horas tomei banho e fui para o meu quarto, me arrumei e fui para o salão".

Antes da chegada da noite, Selma volta para a casa, não janta, mas toma banho às sete horas e em seu quarto se arruma para o salão.

Na preocupação com relação ao corpo que aparece nas lembranças das mulheres, os signos definidores de atividades tais como *"tomei banho"* (como preparativo para o salão), estão associados, nestas lembranças, a outras que as mulheres guardam.

O banho de Selma às sete horas tem sentido de preparativo para o salão, quando a seu horário for vinculado: *"havia um salão, onde ficávamos das nove às*

72- Carmem: entrevistas realizadas entre 1992 e 1994; Iracema: entrevistas realizadas entre 1993 e 1994; Bete: entrevistas realizadas entre 1992 e 1994; Vera: entrevistas realizadas em 1991. Selma, diário íntimo escrito entre jun/set. de 1959.

duas da madrugada. Das nove às duas, você era obrigada a trabalhar no salão", lembra-se Vera.

Ao lembrar-se das noites, emerge da memória de Vera o trabalho do salão guiado pelo horário. Quando a casa estabelece horários, segundo os quais a noite devia ter na vida das mulheres o sentido de "hora do compromisso" e o salão o de lugar representativo onde às nove horas deviam se apresentar, define de que maneira este compromisso devia ser vivenciado pelas mulheres, cujos preparativos (como um banho) eram sintomas de que a obrigação do salão estava sendo levada a sério.

Nas lembranças de Iracema que tem-se uma imagem mais nítida da maneira como este compromisso selado entre as mulheres e o salão pulsava na casa à noite: *"Eu tinha muito trabalho com as meninas. Chegava na hora e já eram quinze para as nove, ainda estavam desarrumadas, não estavam prontas, precisava estar gritando: "são nove horas, já são quase nove horas".*

Na memória de Iracema, a noite também é representada pelo compromisso com o trabalho na casa; é do seu trabalho, que consistia em lembrar às mulheres da obrigação com o horário do salão, que se recorda e é na menção desta incumbência que o trabalho das mulheres pode ser entrevisto, pela necessidade dos preparativos colocados pela noite.

Estas representações da noite como trabalho, explicam-se, no caso de Iracema, pela responsabilidade que tinha de administrar uma casa sempre com muitas mulheres. A incumbência de controlar a todas devia fazê-la sofrer com os horários a serem cumpridos e com as dificuldades decorrentes desta sua função.

A dimensão do trabalho reclamado por Iracema, pode ser captada pela maneira como é lembrado: *"precisava estar chamando", "estar gritando"*. Essa interpelação era feita a todas as mulheres da Casa da Antonieta, cerca de dez a

doze, distribuídas por seus cômodos. É num inventário que a arquitetura da casa se revela como um elemento importante para se entender os lamentos que emanam de Iracema e como o sentido de preparativo está na referência de Selma, lembrando-se que tinha de tomar banho às sete horas.

Consta no "Contrato de Arrendamento de prédio, com os respectivos móveis, utensílios e pertences" de 1.960, feito por Antonieta à Laudelina Flauzina, haver na casa: *"14 quartos, uma sala de visitas, uma saleta, um salão, um bar, um corredor usado como escritório, um quarto para garçom, uma cozinha, um banheiro interno, um banheiro externo, uma área dos fundos e um quintal".*

Esta imagem dos cômodos da casa dá a dimensão dos problemas vivenciados por Iracema, sugerindo o volume que sua voz devia assumir para se fazer ouvir pelas mulheres espalhadas por entre os catorze quartos da casa. Quanto às mulheres, que compartilhavam do uso de alguns cômodos, como os banheiros, que eram apenas dois, precisavam ter habilidade para superar as dificuldades para lidar com esse espaço.

Entretanto, quando comparamos esta descrição de cômodos com as lembranças das mulheres, a divisão da casa ganha outra configuração. Embora sejam apresentados no inventário catorze quartos, nas lembranças das mulheres o número existente é superior ao indicado. Segundo Iracema, além destes quartos, havia na casa cinco outros, sendo um deles ocupado pela Antonieta, três pelas mulheres que eram mais "próximas" dela por gozar de sua confiança, e um deles, apesar de não dito, possivelmente, pela gerente. Um último, que ficava fora do corpo da casa, no quintal, era feito abrigo, caso alguma mulher viesse a ficar doente, pois, conforme comentado, era uma prática, quando do acometimento de doença, o isolamento da enferma das demais.

A explicação para a ausência de menção a estes espaços, está em que este inventário capta os destinados ao arrendamento da casa, já que havia uma partilha entre os cômodos que a compunham. No corpo da casa, alguns espaços eram privativos da Antonieta. Um dos banheiros era de seu uso exclusivo e, embora não gostasse, até permitia, eventualmente, que as mulheres mais íntimas o usassem, diz Iracema. Diariamente as mulheres eram obrigadas a fazer fila para o uso do banheiro coletivo da casa.

Portanto, a forma como Selma registra seu banho às sete horas, deve ser lida como sinal dos costumes das mulheres mais precavidas com o compromisso do salão. Ou seja, se era preciso estar pronta às nove horas, às sete já se devia dar início aos preparativos, começando-se pelo banho.

Esta precária estrutura física, da casa servia também para exasperar as preocupações de Iracema quanto ao horário, pois um único banheiro para o banho de tantas mulheres exigia que todas fossem rápidas. Chamá-las, era uma forma de provocar a pressa nas mais sossegadas.

Com estas lembranças, somos levados a conhecer o clima de preparativos que acompanhavam a chegada da noite e passava a povoar a Casa da Antonieta, com vistas ao teatro do salão. A preocupação com o horário também levava a que a casa engendrasse certos mecanismos como meio de causar resultados nos preparativos femininos. São nas lembranças de Selma, que menciona que não jantou, e nas de Lurdinha, que os indícios de alguns destes mecanismos podem ser percebidos: *"À tarde, jantávamos às seis horas e daqui a pouco tinha que se arrumar para fazer aquele ponto da semana inteira"*.

Contrastando com as lembranças da primeira refeição, o almoço, está o jantar, que às seis horas era servido. Ao contrário do almoço, lembrado como alimentação rápida e frugal (apenas uma sopa), o jantar aparece na memória das mulheres como

um momento muito especial. Lembra-se Iracema: *"aí, na janta sim, a janta era especial, com duas carnes todos os dias. Então a janta era servida pelo garçom, tudo com guardanapo, tudo certinho, tudo em ordem"*.

"Quem servia as refeições era o garçom. Ele vinha com as travessas e ia servindo uma por uma, depois ele servia uma mistura, qualquer coisa, até servir completo. Era verdura, era arroz, carne sempre teve, nunca faltou. Ela fazia muita variedade, assim, macarrão, lasanha essas coisas todas ela fazia", diz Carmem.

Ao tornar o jantar um momento especial, pela alimentação oferecida, com um cardápio variado e servido com estilo por garçom e requintes de um bom serviço, *"com guardanapos" e "nas mesas" e "em travessas"*, a casa fazia dele um verdadeiro ritual, que também servia ao controle dos horários das mulheres.

Pelo jantar, servido perto das seis horas da tarde, Antonieta podia verificar como andavam os preparativos femininos: se as mulheres já se encontravam na casa, quais já tinham começado a se arrumar e quem ainda não havia com eles se envolvido.

Completando as lembranças das mulheres das refeições que fizeram na casa estão os móveis e apetrechos que em algum momento fizeram parte da sua cozinha.

É pelo inventário que podemos ter uma idéia de como era esse lugar da casa. Segundo consta, havia na cozinha *"um armário grande com quatro portas e com vidro; um fogão a gaz, de quatro bocas cuja marca era "Paterno", uma mesa toda de madeira, quatro cadeiras de madeira pintadas de branco, um armarinho de madeira para panelas, um armário grande com portas de vidro e um filtro da marca Ypiranga, uma estante para quatro conchas"*.

Esse era o lugar onde as alimentações eram preparadas. Em meio a esses móveis era praticada a culinária da casa, que contava também com os seguintes utensílios para o preparo dos pratos a serem servidos: *dez panelas e dezesseis tampas, dois caldeirões e duas chaleiras grandes, três bules, uma leiteira e três canecas todas de alumínio; três frigideiras de ferro, duas bacias sendo uma grande e uma pequena, três assadeiras, um espremedor, um escorredor de macarrão e uma peneirinha*".

É interessante observar que não fosse pela adjetivação que acompanha alguns dos objetos - grandes, as peças que compunham a cozinha não eram numerosas. Talvez fossem apenas suficientes para a quantidade e os tipos de refeições servidas - as sopas no almoço, o arroz- feijão e seus acompanhamentos no jantar, o café pela manhã.

Compondo ainda o arsenal de objetos estava uma *máquina de moer carne*, e alguns outros que insinuam onde os alimentos eram guardados: *um jogo de latas com cinco peças, duas latas de alumínio*.

Como peças auxiliares que lembram a maneira como as alimentações eram oferecidas pela casa às mulheres estão *duas toalhas grandes e duas pequenas para mesas, trinta e seis guardanapos, dez travessas, sendo uma de alumínio, quatro tijelas grandes, vinte e quatro pratos rasos, doze pratos fundos, doze colheres de sopa, dezenove garfos, dezesseis facas, duas colheres grandes*".

Tanto para o preparo como para a limpeza dos objetos usados nas refeições, a casa estava equipada - no quintal havia uma bomba para poço com o respectivo motor, cuja marca era "Wagner".

Ainda com relação à maneira como a alimentação era servida, há no inventário a descrição que lembra esse momento: trata-se de um lugar mencionado como "área dos fundos - comedouro". Consta que havia nesse lugar duas mesas de

madeira pequenas e duas mesas de madeira grandes com trinta e cinco cadeiras de madeira com fundos de couro.

Com o inventário foi possível completar as lembranças que as mulheres têm dos momentos das refeições, pois dele emergem imagens que levam a ter uma idéia dos lugares e objetos e, através deles dos cheiros e sabores que certamente emanavam das comidas feitas. Vale acrescentar, por cozinheiras contratadas e supervisionadas pela própria Antonieta, que segundo disseram *"era uma excelente cozinheira"*.

2 - O camarim

A casa, à noite, ao se transformar em um grande teatro, recheada pela presença de homens e mulheres e ao fazer do salão seu coração e palco de sedução e encontros, certamente compelia as mulheres a que tivessem, na representação de seus papéis, certos cuidados com a imagem a ser oferecida para a apreciação.

Arrumar-se tinha seu significado, que devia ser buscado pelas mulheres ao se preparem para o palco - o salão, transformando assim o corpo em objeto de certos cuidados. Era nos quartos, como camarins, que se vestia a personagem.

Essa idéia de que o quarto das mulheres transformava-se em seus camarins encontra correspondência na maneira como as noites na casa da Antonieta são recordadas por algumas mulheres: *"cada noite púnhamos uma roupa. Quando não se dava bem com uma, punha outra"*, diz Lurdinha.

Vera recorda que: *"eram dois, três, vestidos por noite. Você se vestia, ia para o salão, quando você ia para o quarto e voltava, era outra roupa. Não podia vir com a mesma roupa. Então, você tinha que ter mesmo muita roupa, calçado, meia"*.

Ao destacar a seletividade das noites pelas roupas, ("*para cada noite punha uma*"), e das próprias noites, ("*quando não se dava bem com uma, punha outra*"), ou ("*eram dois, três vestidos por noite*"), Lurdinha e Vera mostram os muitos personagens que podiam ser produzidos pelas mulheres de acordo com a vontade e os desejos femininos, mas também os masculinos, tendo em conta o que os homens esperavam nelas encontrar.

Era assim que, à noite, os catorze quartos da Casa da Antonieta, ocupados cada qual por uma mulher, transformavam-se em camarins do espetáculo noturno, através da ação das mulheres para produzirem suas personagens.

Essa imagem dos momentos de busca de uma personagem é a que aparece nas lembranças de Lurdinha num outro trecho de sua narrativa: "*sonho sempre com meu guarda-roupa, sonho direitinho, procurando qual roupa vou vestir. Esse é o sonho mais freqüente que tenho*".

No sonho lembrado por Lurdinha, em que aparece escolhendo as roupas em seu guarda-roupas, é o lado noturno da vida que redimensiona a realidade e o passado, onde o vivido na casa da Antonieta passa a se assemelhar ao sonho.

Hoje, é como sonho que Lurdinha vê seu guarda-roupas e sonha com suas roupas. No passado, o guarda-roupas, onde guardava suas muitas coisas, era uma realidade.

Também com Vera o guarda-roupas que tinha deixou lembranças: "*no meu guarda-roupa eu tinha 58 vestidos*".

O guarda-roupas emerge das lembranças como inesquecível, representando tudo aquilo que puderam ter no passado. Na casa ele podia ser encontrado em cada um dos quartos, em alguns, havia até dois, conforme demonstra o inventário: "*no quarto n.2 - um guarda roupa grande com 3 portas e espelho externo; n.14 - dois guarda - roupas, com duas portas cada um, ambos com espelhos externos*".

uma

Mas não era somente o guarda-roupas que compunha o mobiliário dos quartos, onde as coisas e objetos femininos eram guardados: *"No quarto n.1 havia uma camiseira com 3 gavetas grandes e 2 pequenas; no n.2 - uma camiseira com quatro gavetas internas, no n.6 - uma camiseira com 4 gavetas externas"*.

Os quartos com seus guarda-roupas e as camiseiras com suas gavetas. Entretanto, se os móveis são indicativos das necessidades das mulheres, enquanto lugares destinados ao depósito do universo de seus objetos e coisas, as lembranças daquilo que tiveram, permitem conhecer alguns dos usos feitos desse mobiliário.

*Dia 10 de junho
noite - vestiu*

Carmem se lembra que: *"naquele tempo eu usava sutian bem bonito, bem chique, calcinhas com rendas, aquelas coisas, aqueles negocinhos inteiros que prendiam na meia- corpete, também usei bastante"*.

Lurdinha diz : *"eu tinha muita camisola, muito baby doll. Nossa! era uma loucura, né! Não dava para contar, eram dez, quinze baby Doll, um de cada cor. Camisola linda, tinha umas com aquelas coisas por cima, quando era de calor, de frio, de meia estação. Tinha tudo"*.

Quanto aos vestidos, diz Bete: *"tive muitos, me lembro de um com renda"*.

Sobre os sapatos, afirma Iracema: *"a noite eram aqueles sapatos maravilhosos, de salto alto, lindos, bonitos"*. Vera também se recorda que: *"sapatos, então, tinha muitos, sapatos e meias"*.

Essas eram algumas das coisas que ocupavam os guarda-roupas e gavetas dos quartos. Ao lembrar-se daquilo que tiveram as mulheres indicam, através das roupas, dos sapatos, das meias, como usavam seus móveis e esses materiais. No caso dos sapatos, tornam explícito o estilo que era destinado à noite.

É através do registro feito por Selma que podemos conhecer o que era retirado dos móveis e gavetas quando as mulheres tinham em mira prepararem-se para o salão: *"Dia 10 de junho de 1.959 (...) fui para o salão, vesti um vestido de lã coral*

de minha colega. Mas como estava fazendo muito frio pus uma echarpe de pele branca, por cima".

Selma, ao se aprontar para o salão, escolhe para colocar sobre o corpo um vestido de lã coral e uma echarpe de pele branca. Essa imagem ganha sentido quando examinada à guisa daquele que era o objetivo ao se vestirem nesses momentos - ir para o salão, representar uma personagem que agradasse aos homens, que lhes chamasse atenção, que fosse apreciada pela ala masculina.

Para isso, as roupas e acessórios deviam ser usados para deixar o corpo mais chamativo, bonito, sensual, desejável, para provocar e conquistar olhares. Principalmente porque, e as mulheres eram sabedoras disso: "*o que chamava a atenção dos homens era a aparência física*", segundo a gerente.

Em sendo a aparência física foco de exame masculino, tudo a ser usado na constituição da aparência devia ser meticulosamente examinado, combinado para a perfeita harmonia e em sintonia com o salão e seus homens.

Neste caso, com a roupa escolhida, Selma certamente provocaria o olhar e desejos masculinos, se atentarmos para o sentido de que dota o corpo ao usar o *vestido de lã coral* e a *echarpe de pele branca*. O vestido, ao despertar a atenção para os contornos do corpo, deixava também, pelo visto, uma margem para o imaginado; na exuberância de uma cor, como o coral, está outra maneira de se fazer notar; na textura dos materiais, como a lã e a pele de uma echarpe, está outra forma de causar impressões em quem observa, pela maciez e calor insinuados por um provável contato.

Portanto, ao descrever a roupa usada numa de suas noites na Casa da Antonieta, Selma demonstra claramente que, ao se aprontar, o fazia almejando determinada aparência, a ser encontrada naquilo que vestia, que, ao ser mostrado ao público presente, devia ressonar despertando os desejos masculinos.

Neste episódio, há um detalhe: o vestido usado por Selma não foi retirado dos móveis de seu quarto, mas foi emprestado de uma colega. A remissão aos empréstimos de roupas foi um dos assuntos tocados pelas mulheres ao se lembrarem de suas roupas. Lurdinha diz que: *"uma menina que tinha menos vestidos que eu, por exemplo, reclamava que estava enjoada dos dela, então a gente perguntava qual dos meus ela queria pôr, mas pedia por favor para não derramar nada, não deixar queimar e todas essas coisas eram combinadas, mas podia pôr, podia escolher"*.

Ao referir-se ao empréstimo de roupas como sendo uma prática que resultava do fato de umas terem menos que as outras, Lurdinha leva a que se pense que era durante os momentos dos preparativos, quando tinham que vasculhar seus móveis à procura do que usar, que esses problemas apareciam. Nesse caso, os empréstimos supririam as carências e deficiências vivenciadas por algumas das mulheres, diante da necessidade de se empenharem na aparência.

A impressão da desigualdade que havia entre as mulheres quanto à disponibilidade de roupas para usar, vê-se reforçada por Lurdinha em outro trecho de sua narrativa: *"eu vou ficar bonita hoje porque eu vou usar o meu vestido e ela não tem? Não, pelo contrário, a gente ia no armário, pegava um bonito e dava para ela também. Procurava deixar ela como todas estavam"*.

No entanto, através do confronto entre as lembranças, essa questão é esclarecida. A gerente se recorda que: *"quando chegava mulher nova a gerente ia ajudar a arrumar as roupas no quarto para ver se o que elas tinham trazido- até calcinhas, eram boas, bonitas; enfim, se tinham roupas para se apresentar e se elas eram boas. Se a mulher não interessava muito, dois, três dias depois a Antonieta falava que a pensão estava cheia, que estava para chegar mais alguém, que não tinha lugar e que era para ela arrumar outro lugar para ficar"*.

O que se nota é que a casa, ao definir os critérios de seleção, pautando-se principalmente pelas roupas, que serviriam como cartão de apresentação das pretendentes a nela se estabelecer, colocava em prática mecanismos por onde as desigualdades de bens de uso fossem atenuadas. Aceitava-se apenas aquelas que preenchiam os quesitos da casa.

Por conseguinte, o empréstimo de roupas deve ser interpretado como uma prática criada pelas mulheres na intimidade da casa, para aproximarem-se umas das outras; por extensão, como uma maneira de produzir vínculos afetivos de amizade e companheirismo.

É desse relacionamento que as mulheres falam ao se lembrarem dos empréstimos feitos. Muitas vezes, desdobrando-se em algumas formas de expressão, conforme se depreende das lembranças de Carmem: *"eu me vestia muito bem. Ela (Antonieta) não me orientava em nada, porque eu já vim sabida de lá (São Paulo). Ensinei muitas o que sabia: ensinei a mulher a se vestir, o que ficava bem ou não, quando elas pediam palpite eu dizia: "isso não vai ficar bom".*

No caso de Carmem, não são os empréstimos das roupas, mas os préstimos de conversas sobre elas, sempre com vistas a uma boa imagem, denotando assim que, ao trocarem opiniões, ao mesmo tempo que alinhavavam alguns comentários, ajustavam entre si o sentido de bem vestir, estreitando laços afetivos.

Um aspecto interessante observado, quando abordaram a convivência entre elas no cotidiano na casa, foi exatamente buscarem, através das lembranças, o reforço da imagem de união e coleguismo. Todas, indistintamente, disseram que se davam bem umas com as outras e que não havia conflitos. Algumas, como Carmem, chegaram a dizer que não tiveram problemas sérios com nenhuma, para depois completar *"tinha uma branquinha lá que eu não gostava"*.

Os desafetos, ao que parece, foram esquecidos ou é um tema cuja lembrança não agrada às mulheres.

No entanto, a memória tem seus jogos e armadilhas, como nas lembranças de Carmem: *"Tinha só algumas que se vestiam bem como eu. Para falar a verdade dessas que nós conhecemos por aí, não tinha nenhuma. Se vestiam bem, mas não como eu. Eu emprestava minhas coisas, às vezes enjoava e dava. Eu já vim de São Paulo com algumas dessas coisas, mas daí fiz mais"*.

É com espírito de competitividade que Carmem recorda-se das mulheres com as quais conviveu, levando a que se pense que por detrás da tão propagada amizade e coleguismo escondiam-se muitos jogos femininos.

Amizade e competitividade, esse era o clima que grassava por entre as mulheres no momento de se prepararem para o salão, que perpassava todos os seus atos, como o de retirarem suas coisas das gavetas, de cedê-las a uma outra ou trocar uma conversa em busca da melhor aparência.

Uma outra maneira de conhecermos as coisas e objetos que povoavam os quartos e que eram as opções com as quais lidavam, tanto para usarem como para emprestarem, é oferecida pela relação de pertences feita pelas mulheres e que estão nos processos-crimes.

13 de dezembro de 1945
Em 1.945, uma mulher chamada Laudelina chega em seu quarto e nota a falta de alguns de seus pertences. O termo de seu depoimento dá conta de que haviam sido subtraídas as *"seguintes coisas que estavam dentro dos móveis, os quais não foram arrombados porque estavam abertos: quatro combinações de seda, duas brancas, uma rosa e uma azul que estavam no guarda-roupa, três camisolas de dormir, uma amarela, uma azul e uma rosa, todas de seda, um estojo de perfume de madeira, contendo dois vidros de perfumes, uma caixa de pó de arroz e um baton, cinco vidros de perfume em uso, um potinho de brilhantina marca*

"Madeira do Oriente"; um par de sapatos novos de camurça preto, salto alto, número 35, um colar de imitação de pérolas; um vestido branco rendado, uma colcha de seda".⁷³

Quando conjugamos a intenção das mulheres quando se arrumavam e os objetos que aparecem na descrição do processo, uma imagem pode ser obtida para Laudelina, associando os materiais ao uso que deles era feito.

Uma mulher com combinação de seda e vestido de renda brancos sobre o corpo, o sapato preto de camurça nos pés. No rosto, o pó de arroz e nos lábios, o batom. Os cabelos ajeitados com a brilhantina e no pescoço o colar de pérolas. O toque final, vem com o perfume espalhado sobre a pele.

Nesta imagem produzida de uma mulher está a mutação sofrida pelo corpo com os artifícios de que as mulheres se valiam ao se produzirem para o salão. A um só termo, podemos, também, vislumbrar as fantasias femininas e as masculinas para serem vivenciadas no salão - a mulher elegante que atraía os homens, tanto por aquilo que mostrava como por aquilo que deixava implícito, que podia ser retirado do que se via como daquilo que se imaginava para além do visto.

Laudelina é de uma época da Casa da Antonieta anterior à das mulheres entrevistadas ou de Selma. Assim, quando produzimos, com os materiais descritos, uma imagem para Laudelina, o fizemos considerando certas práticas que ficaram incrustadas na memória das mulheres e que dizem respeito ao uso da maquiagem, perfumes e jóias.

Carmem diz que: *"com o cabelo tinha muito cuidado, com a pele também, passava creme. De pintura eu não era muito. Batom, eu gostava, às vezes um coloridinho bem fraquinho no rosto. Vez por outra eu pintava os cílios, mas de leve. Eu tinha muitos cuidados".*

⁷³- CEDRAU - UNESP/ Assis, cx. 170.

Ainda com Carmem, as lembranças dos perfumes que usava são vivas: *Perfume, então!... Você vê que até agora eu tenho aí, velhos? Eu gostava do Arimbomé, Mystsuco. Esse Arimbomé, acho que era estrangeiro, acho que era francês. Naquele tempo eu comprava na farmácia, mas é que vinha. Naquele tempo vinha. Naquele tempo, você procurava uma coisa do estrangeiro, você encontrava. Agora não tem mais. Naquele tempo vinha e eu usava muito estes perfumes, assim..., Embrujo de Sevilla, eu gostava muito".*

O passado para Carmem materializa-se nos vidros de perfumes velhos e desodorizados que insiste em guardar. São eles que propiciam a "viagem" àquele tempo pelo recordar dos cheiros que gostava de usar.

Jóia, diz Iracema: *"todo mundo tinha. Jóia hoje ninguém mais tem. Eu mesma vendi minhas jóias para montar minha casa. Tinha jóia até aqui (mostra metade do braço) pulseiras, cordão, eu vendi tudo"*

Carmem afirma que: *"jóias tive muitas, mas vendi tudo porque eu não ligo para jóias, sabe! Tive muitas pulseiras que usavam antigamente. Essas largas, tinha aquelas com "verlock", toda penduradinha, tive relógio de platina e brilhante inteirinho";*

Lurdinha conta que: *"sabe! eu tinha um anel de brilhante com uma espécie de ferradura com brilhantes. Cada buraco de ferradura tinha um brilhante. Eu vendi os brilhantes a troco dos vestidos para uma costureira de Londrina. Você tinha quer ver!!.. Tive pérolas, brilhantes, água-marinha, inclusive tem pessoas que conheceram minhas jóias, entendeu? Eu tinha jogo de tudo quanto era jóia, era jóia boa, não eram fantasias, eu não usava fantasia".*

Enquanto Laudelina tinha um colar de pérolas de imitação, Lurdinha insiste em que suas jóias eram verdadeiras e as lembranças de algumas das peças que teve são descritas em detalhes.

Os perfumes e as jóias também ficaram na memória judiciária contando um pouco a história das mulheres da Casa da Antonieta. Em outro furto na casa, acontecido também em 1945, Gioconda vai reclamar na Justiça que foram roubados de seu quarto: "*um casaquinho de Casemira preta, dois frascos de perfume "Colônia de Las Maderas Canarias Zoralia" e " Lotionsior de Paris Bojourn", uma caneta tinteiro marca Sheaffer, um par de brincos de marquês e uma cruz da mesma pedra, uma pulseira de prata com seu nome gravado , uma corrente de ouro e CR\$ 700,00 em dinheiro*".⁷⁴

A maquiagem, o bom perfume, muito ouro, prata e pedras preciosas, esses eram os componentes essenciais na produção da imagem. Qualquer que fosse a personagem escolhida para criar a imagem.

Nos camarins, para as práticas de maquiagem ou miragem da aparência, havia móveis especialmente indicados para sua realização. Eram a penteadeira e a banqueta, descritas em todos os quartos como integrantes do mobiliário. Em alguns, incluía-se a cadeira.

Era nesse cantinho da casa - o quarto, transformado pelos móveis e práticas femininas em camarins, que personagens eram criadas, sonhos expressados na maneira como se vestiam, adornavam-se, produziam cheiros para os homens do salão.

Esta relação entre o camarim e momento de criação de personagens e expressão de sonhos é a que aparece nas lembranças de Lurdinha: "*Eu penso que foi uma ilusão passageira, mas se eu tivesse guardado tudo o que tive, eu estava muito bem hoje, né!. Só que a gente ganhava o dinheiro e gastava também, porque a gente era jovem, que nem jovem de hoje que vão ao baile e querem andar todos*

⁷⁴- Idem, cx.169

bonitinhos, então era jovem e tinha aquela ilusão né!!!...Ilusão..., então termina assim....".

Para Lurdinha a vida na Casa da Antonieta e tudo o mais nela vivenciado foi uma ilusão que estava ligada à juventude e às suas aspirações. O que mostra ao assim definir o passado, é que naquele momento, na vivência da juventude e suas ilusões, não se colocavam limites para os sonhos e fantasias que se possuía.

E em alguns momentos, como quando dos preparativos para o salão, todos aqueles que eram os sonhos e ilusões acalentados transformavam-se pelas mãos e olhos das mulheres em realidade, ao criarem no corpo uma personagem para vivenciarem a fantasia desejada.

O espírito das personagens que certamente Carmem viu serem criadas e vivenciadas na casa está resumido numa de suas frases: *"nós andávamos todas pintadas, todas arrumadas, toda danada, toda bonita"*.

A partir das nove horas, com a música soando e embalado por ela, o espetáculo da casa tinha início e o salão era o espaço dos sonhos, fantasias e ilusões.

5.2 - O Espetáculo

1 - O cenário

Salão
No salão, o cenário de todas as noites está preparado para a chegada das mulheres e início do espetáculo. Nas paredes, em alguma época que abrange o ano de 1960, dez cortinas de algodão estampado forram a pintura, deixando apenas alguns lances a descoberto, onde se vêem, em algumas destas lacunas, três quadros, dois espelhos grandes e seis lustres. Distribuídas pelo espaço, onze

mesinhas com tampo de fórmica e pés de ferro, (cada qual com cinzeiro), com as trinta cadeiras estofadas, também com seus pés de ferro e braço, tipo poltrona, ingualmente espalhadas pelo salão, contornando as mesas.

Compondo o cenário, estava o bar. Demarcando esse espaço dentro do salão estava um balcão de madeira arredondado e com três bibelôs, representando um índio, um elefante e uma coruja. Formando com o balcão esta separação ou indicando de algum modo seu limite, ficava um porta-chapéus estrategicamente colocado, servindo como um de seus adornos.

No interior, uma geladeira marca Sibéria com quatro portas, uma pia com balcão na parte inferior e uma prateleira com portas de correr, eram os móveis que guardavam os diversos equipamentos para o serviço: três bandejas, sendo uma com espelho e metal e duas totalmente metálicas, um medidor para whisky, todo de metal, quatro baldes para gelo e parte do total de copos e taças nas quais as bebidas eram servidas: treze taças, quatro taças com pé, vinte copos para whisky, trinta copos comuns e uma taça grande.⁷⁵

Ainda dentro do salão, em um de seus cantos, um aparelho de "alta fidelidade", da marca Philipps, Modelo NG 1110M, adquirido em 18.07.57, com uma caixa acústica e dois alto-falantes pequenos, com o respectivo toca-discos e o regulador de voltagem, aguarda pelo momento em que alguém venha ligá-lo.⁷⁶

Próxima do aparelho de som, uma escrivaninha, com sete gavetas, comportava em uma de suas partes, ou sobre ela, os noventa e dois discos *long-plays*, entre

75- Documento de Arrendamento de Prédio feito entre Antonieta De Tilio e Laudelina. (refere-se a casa situada à Rua J. V. da Cunha e Silva).

76- Idem.

grandes e pequenos, que faziam a música do ambiente. Estes discos traziam as opções musicais da "casa". Feita a escolha, tinha-se a acústica do espetáculo.

Assim que o primeiro disco era posto para tocar, a música inicia o espetáculo. É na memória de Iracema que a música e o começo do espetáculo de todas as noites na Casa da Antonieta aparecem vinculados. Ao lembrar-se da maneira como Antonieta lidava com o compromisso do salão diz : *"ela tinha verdadeira paixão pela casa dela, era uma coisa que ela gostava. Ah! como ela gostava do movimento!. Dava nove horas, começava a música. Ich! ela vinha toda formosa, perfumada"*.

Animada pela música que soava do salão, às nove horas a paixão que Antonieta tinha por sua casa encontrava meios de expressão. Mas essa paixão tinha razão para ser manifestada, se atentarmos para o dito por Iracema em outro momento de sua narrativa: *"o problema dela era a bebida. Desde que você desse lucro na bebida, lá no quarto se quisesse ir de graça, ia de graça, se quisesse ir por muito dinheiro, problema teu, porque não tinha nada com a Antonieta, era teu o dinheiro. Agora o dela era a bebida e ela queira que puxasse ali no salão. Depois dali prá lá, o problema era seu"*.

de Iracema
Iracema fala de uma prática da Casa da Antonieta, mas que era comum às muitas casas de prostituição, em que a promoção de noitadas em seus salões fazia parte do seu cotidiano. Para Antonieta, como para as demais proprietárias, a importância desses momentos estava naquilo que podiam obter: dinheiro, através da venda de bebidas, que devia ser feita pelas mulheres.

O movimento do salão de que tanto Antonieta gostava estava no significado que esses momentos tinham para ela: entrada de dinheiro no caixa. Era essa a musicalidade que chegava aos seus ouvidos às nove horas, junto com a sonoridade dos discos, avisando que aquela era a hora de ganhar dinheiro.

Contudo, as casas de prostituição, ao adotarem essa prática de cindir os espaços, ficando o salão como lugar representativo do lucro da casa e os quartos do ganho das mulheres, produziam alguns problemas: as mulheres poderiam preferir trabalhar de forma a irem constantemente aos quartos com os homens, pois nesse caso estariam trabalhando por causa própria, em cujo resultado as proprietárias, não tinham participação.

bebidas
Assim, o meio encontrado pelas casas para eliminar esse risco e envolver as mulheres de forma a que se sentissem incentivadas a desempenhar seus papéis no salão - fazendo os homens gastarem para dar lucro à casa, está nas estratégias adotadas pelos espaços prostitucionais: Lurdinha se lembra que *"ganhava comissão com as doses e dependia do quanto o cliente tomasse. Tinha cliente que pagava 15, 20, 30 trinta doses"*. Iracema se refere ao *"lucro que a gente dava para ela era bebendo.."*. Carmem se recorda que era por meio do consumido que as despesas com a manutenção, nisto entendido alimentação e hospedagem, eram pagas: *"nós pagávamos por semana, não me lembro quanto era. Funcionava assim: a gente bebia e pegava uma ficha, cada dose uma ficha. Depois, no final da semana ela fazia as contas e descontava aquelas fichas e pagava o quarto"*.

Todas as mulheres se referem às comissões que recebiam pela venda das bebidas. Amarrando o lucro do salão à sua manutenção, de onde eram deduzidas as despesas de hospedagem e alimentação, as mulheres transformavam-se em presas fáceis, que acabavam se empenhando em fazer com que o consumo de bebidas pelos homens acontecesse.

No entanto, conforme as lembranças indicam, as mulheres da Casa da Antonieta e de outras, não viviam apenas às custas do que era proveniente das noites no salão. Algumas tinham os coronéis que as apoiavam financeiramente,

assim como os programas sexuais podiam acontecer em número suficiente para cobrir todas as despesas solicitadas pela casa.

Estas alternativas certamente podiam obstaculizar os propósitos da casa, se as mulheres não vislumbrassem nesses momentos do salão a oportunidade de ganhar dinheiro para além das necessidades de manutenção. Numa frase de Bete, ao falar sobre prazeres proporcionados pela Casa da Antonieta, podemos encontrar a resposta sobre como as mulheres vivenciavam os compromissos do salão: *"o prazer era o dinheiro, era ter dinheiro"*

Esta era a máxima seguida indistintamente, tanto pelas proprietárias, como por todas que habitavam uma casa de prostituição, integrando os valores criados por esses lugares para lhes dar sentido de existência e vivenciados pelas pessoas como o mais importante - o gozo do dinheiro.

5.3 -O primeiro ato:

1- O salão e o espetáculo

Era assim que às nove horas, junto com a emissão dos primeiros acordes musicais emitidos pela vitrola, Antonieta e as mulheres começavam a se posicionar no salão, aguardando a chegada dos homens ou começando a servir de companhia para os mais pontuais. Tinha início o espetáculo do salão.

O lugar que cada componente devia ocupar no cenário ficou na memória das mulheres, nas lembranças das diversas personagens que participaram desse teatro e que falam do papel que cada qual devia representar.

*Antonieta no
salão*

Vera se lembra que Antonieta "ficava no salão junto com as meninas para apresentar, para olhar. Toda noite ela ia com a gerente para o salão, das nove às duas horas".

Lurdinha diz que: "Na casa dela, vamos supor, que fosse aqui. Aqui era a porta de entrada, aqui o salão muito grande com cadeiras em volta, depois, mais tarde, ela comprou sofás. Eram sofás com mesinhas e num canto da sala ela sentava. De um lado ficava a gerente e perto dela, ela ficava sentada". (Neste momento, Lurdinha, senta-se da forma como se lembra que Antonieta o fazia, mãos sobrepostas sobre o colo, postura ereta e olhando com gestos leves de movimentar a cabeça e olhar).

Antonieta e a gerente
Na memória de Vera e Lurdinha, duas presenças que sempre foram marcantes no salão eram a da Antonieta e sua gerente, que todas as noites acompanhavam as mulheres e permaneciam "olhando", toda a movimentação que acontecia no espaço.

É do olhar que ambas as mulheres se recordam. O sentido que esses olhares tinham para as mulheres pode ser encontrado na lembrança da gerente, que ao recordar-se de qual era sua função à noite no salão diz: "E depois olhar, porque tinha alguma que fugia do salão, ia pro quarto, ficava toda vida lá dentro sozinha, dando uma descansada e era preciso ir lá chamar, dizendo que não podia sair ainda. Essas coisinhas. As vezes fugiam porque passavam por dentro do quintal e iam ao bar do Mario Parra, tomar uma cervejinha escondidinha porque sempre tinham as que gostavam, né! Então essas coisas que precisa fazer, mas não cheguei a brigar com nenhuma por causa disso".

No salão, os olhares entre as mulheres entrecruzavam-se. Olhar vigilante, da Antonieta e da gerente sobre as mulheres; olhares de vigilância, de controle. Olhar

destas últimas procurando deles se desvencilhar para sorrateiramente dar suas escapadelas para os quartos e bares da região.

Algumas mulheres ficaram na memória das mulheres como figuras lendárias por conseguirem fugir dos olhares e da vigilância da casa. Lurdinha se lembra que: *"tinha uma que fugia pelo buraco da cerca, essa tal de Tereza. Corria lá e pedia ao dono do bar uma pinguinha. Ela bebia pinga e ela falava que se alguma das meninas contasse que ela bebia pinga, nós íamos ver só. Falava isso para nós e ninguém contava"*.

As lembranças de Lurdinha transformam Tereza numa heroína, por sua proeza em ludibriar o cerco de olhares do salão, escapar por entre o buraco das cercas da casa e atingir o bar onde ia beber pinga.

As transgressões de Tereza, apesar de conhecidas, Lurdinha diz que não eram delatadas.

No entanto, Antonieta era perspicaz o bastante para saber tudo o que se passava com suas mulheres. Não era à toa que ficava no salão, tinha a gerente para auxiliá-la e ainda contava com a ajuda extra de algumas mulheres, que em segredo podiam fazer-lhe confidências importantes. O conhecimento que tinha de certos assuntos estão nas recordações da gerente. Ao lembrar-se de Tereza diz: *"Não sei porque cargas d'água ela (Antonieta) ficou o tempo todo com a Tereza. Não sei se porque a Tereza fazia muito movimento na casa, porque era bonita e não sei o que que ela tinha que ela tinha muita sorte com homem. Então acho que isso fez com que a Antonieta segurasse ela, porque ela fazia bem o gênero que a Antonieta não gostava"*.

As palavras pensam. Na tentativa de entender é que o entendimento se supera e acontece. A prova disso está em Iracema, ao explicar o fenômeno Tereza: se de um lado seu comportamento desgostava Antonieta, de outro essa mulher

apresentava qualidades que eram por ela apreciadas: era bonita, dava sorte com homens e obtinha o principal - movimento para a casa.

Por conseguinte, era exatamente para coibir a prática das fugas que os olhares da gerente e de Antonieta mostravam-se necessários, para que, se não eliminadas de todo, ao menos acontecessem em patamares que não prejudicassem o transcurso do papel que as mulheres deviam desempenhar nesse teatro do salão. Ainda que, muitas vezes, tivessem de fazer vistas grossas para muito daquilo que acontecia, como ficou demonstrado pelas lembranças que guardam de Tereza.

Era também com seu olhar que Antonieta verificava se o roteiro do espetáculo estava sendo satisfatoriamente cumprido pelas mulheres. A casa tinha como alvo os homens, que deviam pôr a mão no bolso e fazer despesa. O papel das mulheres era fazer com que isso acontecesse, através do consumo de bebidas. Esses propósitos convertiam as mesas em palco das representações masculinas e femininas.

A transformação das mesas no lugar onde as personagens encenavam seus papéis pode ser recuperada nas lembranças de Lurdinha e da gerente. Diz a primeira: *"Você não era obrigada a ir pro quarto com o homem. Não era obrigada (titubeia), só que a partir da hora que ele olhou, não se interessou, achou que não dava certo, não queria, sei lá o quê, ela também não podia sentar na mesa e fazer despesa. Se ela sentasse e o homem gostasse, aí ela estava quase que obrigada a ir pro quarto. Mas senão, ela não sentava na mesa e não tinha problema. Não era obrigada"*.

Diz a segunda: *"Ia se você queria. A não ser que você se sentasse na mesa, se propôs a ficar com aquele homem, ele gastou, naquele tempo, gastava o que: vinte cruzeiros, trinta cruzeiros. Eram assim as despesas, só que eram despesas altas. Então se ele queria ir pro quarto e no fim a mulher falava não, às vezes dava*

encrenca do homem querer sair sem pagar as despesas. Tinha essas coisas todas, mas se você estava sentada, o homem nem te convidava para sentar e você não foi com a cara dele, (do homem, achou que não dava certo, você não ia sentar não; dizia: "não, não quero sentar aí!!...", pronto! não tinha bronca, não tinha obrigação nenhuma. Não era obrigada".

As lembranças de ambas revelam o conhecimento, tanto dos homens quanto das mulheres, dos muitos significados contidos no ato de uma mulher aceitar o convite de um homem para sentar em sua mesa para lhe fazer companhia e da maneira como o papel de cada um devia transcorrer. A transgressão às regras por uma das partes ao longo desse teatro entre os pares dava à outra motivos para que conflitos se iniciassem.

O convite do cliente e sua aceitação pela mulher davam início ao primeiro ato do teatro entre os pares.

Entre o momento da aceitação da companhia masculina e que podia culminar num outro convite - a ida para o quarto, há um espaço vazio que pode ser preenchido com as lembranças que falam das práticas de alguns frequentadores: *"tinha homens que iam para conversar e dançar. Não chegavam nem a falar em ir pro quarto com a mulher, ele queria conversar, às vezes estava nervoso, com alguma coisa, ele sentava lá, conversava, batia um papão, dançava e no fim da noite dava boa noite e ia embora. Tinha muito disso!", lembra a gerente. "Eu cansei de ver médicos, dentistas, gente da sociedade. Vinham para conversar com a D. Antonieta, depois vinham as mulheres, conversavam com eles e às vezes pagavam três, quatro, cinco doses de bebidas para uma menina, dançavam umas músicas porque tinha compromisso e ia embora. Só iam lá para passar aquelas horas", diz Lurdinha.*

Era assim que os pares viam a noite passar: com muita conversa, dança e bebida, tendo a mesa como seu referencial.

Um aspecto interessante que emerge nas lembranças das mulheres é o fato de os homens as procurarem para dividir seus problemas ou compartilhar de momentos para poder deles se esquecer.

Ao procurarem pelas mulheres e ter tal contato numa casa de prostituição, as conversas e as danças afiguram-se como significativas para se conhecer outras modalidades de relacionamentos íntimos, que podiam ser tão prazerosos quanto os sexuais, pelo caráter lúdico que a elas subjaz.

No caso, a intimidade da conversa e da dança, suprimindo outras necessidades de contato que tinham seus contornos previamente estabelecidos ao redor do quarto e sexo, tinha como princípio o que era ditado pelo roteiro previsto pela casa, segundo o qual os relacionamentos ali dentro deviam sempre passar pelo sentar e conversar no salão, sacramentando tudo com muita bebida.

Esta forma de intimidade, entrevista pela conversa e a dança, se vê reforçada pelas lembranças de Bete: *"quando um cliente chegava, ele ficava nas mesas, tomando alguma bebida. Às vezes, nos convidavam para dançar e daí podia acontecer do programa acontecer"*.

De acordo com Bete, o ritual da dança, ao condensar um aspecto da intimidade, também podia incentivar, pelo contato dos corpos e pela conversa de pé de ouvido, que a proposta do programa sexual para o quarto fosse feita.

Estas lembranças nos colocam diante de práticas, em que as conversas e as danças podiam servir para satisfazer a alguns homens que a elas se limitavam, como, para serem usadas, por outros, de meio e estímulo para se encorajarem a assediar a mulher com o convite sexual propriamente dito, usando, portanto, desta intimidade, para que dela emergisse o desejo sexual.

Contribuindo para facilitar esses momentos de conversa, estimulando a intimidade e reprimindo a timidez, estavam as bebidas. Essa leitura pode ser feita quando confrontamos as lembranças da gerente com a do garçom que trabalhou durante décadas no salão.

bebida
A gerente se reporta ao que era apregoado por Antonieta às suas mulheres: "*a bebida que vem para vocês, não é para embriagar, nem prá nada, é para dar lucro*".

Já o garçom se lembra que: "*bebia-se muito, mas bebia muito mesmo!.. Elas queriam beber, estavam ali dançando, estavam junto com a pessoa de quem gostavam ou estavam com quem não gostavam e daí bebiam de raiva. Outras bebiam exclusivamente para dar lucro para a dona da casa, sabiam que o cara tinha bastante dinheiro e daí caíam matando em cima dele*".

Embora a casa definisse para as mulheres que o objetivo com o consumo de bebidas fosse o lucro e esse propósito estivesse presente quando bebiam com os homens, fazendo-os gastar, as lembranças revelam que o ato de beber tinha sua importância e significado no teatro dos relacionamentos. Os indícios estão nas lembranças da gerente nas quais a bebida para as mulheres devia ser interpretada como um artifício para um jogo de cenas - não era para embebedarem-se, somente provocar a impressão que se bebia. Nas do garçom, que afirma que bebia-se e muito, os motivos iam para além da questão do lucro, atribuindo aos sentimentos a razão pela qual se bebia. Bebia-se por felicidade ou tristeza, por puro e simples interesse financeiro, ou seja, por razão pragmática ou subjetiva.

A novidade contida nas lembranças do garçom está exatamente em mostrar que nesses momentos as mulheres, ao beberem, convertiam os sentimentos que estavam vivenciando em energia para o papel que tinham de representar junto aos homens, transformando os papéis a representar em maneira de viver a vida.

bebida para as mulheres - estrangeiros selecionados

Estas impressões do garçom são confirmadas pelas lembranças de Carmem e Selma. A primeira diz: *"Sofríamos nossas paixões bebendo"*. Selma escreveu no diário: *"Estava alegre, tomei 3 vinhos e um cuba, meu amor chegou", "bebi bastante me lembrando de alguém", "fiquei doida, chorei, fui para o salão dancei muito triste, bebi"*.

Materializavam, nas bebidas, os sentimentos que as consumiam, para a eles dar vazão, consumindo-os. Mas, embebedando-se, viviam outros sentimentos, achando dentro do roteiro a ser desenvolvido outros papéis também necessários a representar. Isto é evidenciado por Selma na confidência que faz a seu diário: *"Eu fiquei muito aborrecida. (...) Sentei na companhia de um boliviano por nome Carlos, eu já tinha bebido três vinhos e o Moacir me ofereceu uma taça de champanhe na mesa do Carlos. Tomei três cubas e comi uns salgados, fiquei um pouco alta, dormi com ele. Esta foi a minha noite"*.

Com Selma somos levados a conhecer de maneira mais próxima a maneira como as bebidas conseguiam liberar as mulheres para que estabelecessem os necessários envolvimento com os homens. Movida por certos sentimentos particulares vai para o salão e bebe. Esses sentimentos são, portanto canalizados para bem representar seu papel. Os brindes com os vinhos, o champanhe e as cubas, a deixam *"um pouco alta"* liberando-a para relacionar-se com os clientes.

Neste último caso, seu relato é suficientemente capaz de retratar a forma como as mulheres representavam durante os relacionamentos com os homens no salão, ao referir-se ao ato de sentar à mesa, do oferecimento da bebida e de seu fim de noite, que é marcado pelo ato de dormir com seu acompanhante de noitada.

Entre os vinhos, o champanhe e as cubas libres há um compasso ditado por certos tipos de bebidas e formas de consumo. A idéia de materialização nas bebidas dos sentimentos e suas muitas transformações encontra correspondência

nas lembranças das práticas da casa quanto às bebidas que podiam ser consumidas pelas mulheres: "Ali era whisky, vinho, cerveja de jeito nenhum. Só dose, só dose mesmo! Só dose...", lembra-se Vera. "Era só whisky e cuba libre que a gente podia tomar", diz Iracema.

Com as lembranças do garçom⁷⁷ essas práticas ganham precisão: "Para os clientes era servida a bebida, tinha cerveja, mulher não bebia cerveja, mas tinha Whisky, Campari, Cuba-libre, Martini, Vinho. Vendia muito vinho licoroso branco. Geralmente quem começava a tomar uma bebida, tomava uma só-tomava whisky".

As lembranças confluem para um ponto: na casa, beber era algo ritualizado. Às mulheres era permitido apenas o consumo de bebidas que podiam ser servidas em doses e aos homens, também a cerveja. Eram nas doses e doses de bebidas, nos tragos e tragos que, aos poucos, ao longo da noite, as mulheres podiam expressar e vivenciar seus sentimentos.

Na descrição dos objetos que compunham o bar, e nas lembranças das mulheres e do garçom, são as bebidas e o estilo de serviço oferecido pela casa que emergem: as "bandejas", o whisky, "medidor de whisky", os "copos de whisky", "os baldes para gelo", o champanhe e as "as taças com pé", as demais bebidas e os "copos comuns".

Quando centramos nossa atenção nas práticas da casa com relação às bebidas, lembrando qual era o interesse que Antonieta nelas tinha e justapomos a maneira como as mulheres vivenciavam o teatro do seu consumo, concluímos que delas se deprendiam diversos sentidos. No caso das mulheres, ainda que o ato de beber tivesse o sentido do lucro, nele é possível encontrar muitos outros.

São os diversos sentidos contidos nesta prática, cuja constituição estava em como era vivenciada, que afloram com nitidez nas lembranças do garçom: "Quando

77- Garçom: entrevista realizada em 1992.

misturávamos água ou guaraná às bebidas tinha algumas que contavam para os caras. A Tereza mesmo era feroz nisso, viu!!(risos). Ela falava: "se eu pôr...."e, tinha que pôr. A gerente é que pedia : 'Não põe forte não, põe fraquinha, o homem paga bastante, quer dizer.....'".

As reticências contidas nas frases e que acompanham suas lembranças são expressivas dos dilemas e conflitos de interesses vivenciados por ele quando servia ao salão. As vozes lembradas podemos extrair os muitos significados que tal prática produzia. Na voz da gerente, que representava os interesses da casa, o lucro era importante, adulterar as doses era um meio eficaz para majorar os ganhos, a água e o guaraná possibilitavam isso. Ao mesmo tempo, no entanto, denota-se a preocupação com a integridade física das mulheres. A mistura era um meio de protegê-las do alcoolismo. Na voz de Tereza, reivindicando a bebida em seu inteiro teor e tal qual era paga pelo cliente, podemos recuperar quais eram os desejos das mulheres ao beberem, ao pressionar o garçom para que esquecesse o solicitado pela casa com ameaças de delatá-lo ao cliente. Pondo em risco as estratégias da casa, cuja prática de mistura de bebidas não devia ser conhecida. Finalmente o cliente, que é lembrado como pressionado por ambos os lados, a tudo submentendo-se e pouco reivindicando, nada reclamando e tudo pagando.

Antônio **2- as músicas e as danças**

No espetáculo noturno no salão da Casa da Antonieta o que não faltava era música para dançar.

O diário de Selma revela estes compassos noturnos: "*Dia 16.05.59 (...) fui para o salão fiquei dançando até as 12 horas e 15 minutos* "; *Domingo 28 (..) Eu fiquei muito aborrecida, dancei até as 3 horas da manhã*"; "*segunda-feira dia 6*

(...) às 11 e meia eu estava sentada e chegou o Carlos. Me tirou para dançar".
"Segunda 17 (..) a noite fui para o salão dancei bastante com o polaquinho". "Sexta feira 28 (...) a noite fui para o salão, dancei bastante".

Porém, é num outro momento de seu relato que este universo de sons ganha precisão quanto aos compassos musicais praticados na casa e é revelador aquilo que se ouvia e se dançava na casa em 1.959: "Domingo dia 12 (..) "dancei uns tangos com o Português". Com estas lembranças, podemos imaginar Selma nos braços de seu companheiro, compassando o andar e rodopiando pelo salão.

Assim é, que ao som de tangos, homens e mulheres viam-se envolvidos pela aura das músicas. Mas não era tão somente os tangos que faziam parte do estilo musical da casa. Lurdinha se lembra das "músicas românticas, boleros, valsas , eram essas as músicas que os homens gostavam de dançar".

Para dotar a casa desta tão essencial acústica do salão e de um repertório musical variado que pudesse agradar aos ouvintes e dançarinos, havia em 1960 a vitrola, seus apetrechos e os discos.

A existência da música no salão da Casa da Antonieta, dando o tom das noites e instigando a dançar ficou registrada nos anais da Justiça.. O depoimento contido num processo-crime aponta para isso: Regina Maria Amice, assim afirma: "que em dia que não se recorda, dançava-se na pensão Maximé, de Antonieta Detílio, nesta cidade e Jorge de Freitas, dançava com Maria de Lourdes da Silva".⁷⁸

Tanto na primeira como na segunda casa, a música e a dança sempre foram uma tradição nas noites da Casa da Antonieta, bem como em outras casas de prostituição, daí esses lugares serem recordados como de festa e alegria.

78- CEDRAU - UNESP/ Assis, cx. 289.

Na memória de Bete ficaram as opções musicais que faziam parte da discoteca da casa: *"tinha de tudo, desde samba, músicas românticas, boleros, rock, tango, valsa, enfim, de tudo mesmo"*.

Segundo Lurdinha, os fregueses gostavam de vários gêneros musicais: *"uns gostavam daquelas músicas sentimentais (risos), outros boleros, outros já gostavam daqueles sambas como aqueles do Mandarin⁷⁹"*.

Afora estas noites, em que o som dos discos ditava o ritmo do salão, vez por outra, conforme as mulheres dizem, a vitrola era substituída por shows de cantores, ao vivo. *"De vez em quando ela (Antonieta) contratava um cantor para vir aqui dar show, então lotava a casa. Naquele dia dava muito movimento"*, diz Iracema.

O movimento destas noites era diferente do de todos os dias. A inspiração da noite vinha da apresentação destes artistas e a dança se fazia com música ao vivo. Dentre os artistas lembrados, está o "Mandarin", que conforme afirma Lurdinha, fazia *"shows por aqui"*; tinha também o *"Noite Ilustrada, nessa época"*.

Juntamente com os discos e os shows ao vivo, algumas práticas das mulheres levam a que se perceba de que maneira seu gosto musical foi se definindo. Selma, por exemplo, fala de um meio pelo qual as mulheres tomavam contato com aquilo que estava povoando a música, suas novidades e acontecimentos: ela informa que lia a *"revista semanal do rádio"*.

A leitura de determinadas revistas, cujo objetivo da publicação era o de informar aos leitores as principais ocorrências no meio artístico, fomentava o conhecimento e a apreciação de determinados cantores e suas músicas, servindo, assim, como guia para a elaboração dos gostos musicais e da contratação de alguns deles pela Antonieta.

79- "Mandarin" é o pseudônimo do cantor Cláudio Reis.

O acompanhamento do universo musical da época, feito através dos meios de comunicação a que se tinha acesso, como revistas ou rádio; sua influência e os gostos por determinados estilos músicas que desenvolviam e que passavam a ser consumidos no território da casa, são aspectos que podem ser demonstrados por outras anotações de Selma: *"Sábado dia 4. (...) '(Ele) me deu 5 long Play, isto é tango, feito para dançar: buquê de melodias: galeria de sucessos, etc.."*

Havia uma diferença entre o espetáculo de todas as noites no salão da Casa da Antonieta e estes shows com artistas ao vivo. Para as mulheres esses eventos eram vividos como "baile", para os freqüentadores da casa, além de servir para as danças, normalmente com seu lugar reservado, serviam também como entretenimento.

É na memória de Lurdinha que os bailes são lembrados com este caráter, de serem usados pela casa para oferecer outras formas de diversão. Diz: *"Então a D. Antonieta, quando vinha alguém cantar, dizia para cada uma das meninas fazer um vestido bem bonito e vamos fazer um desfile de vocês. Então, cada uma mandava fazer um vestido bem bonito. Depois, ficávamos todas no corredor em fila e a sala já cheia e ela mandava o rapaz anunciar no microfone; 'vou apresentar para vocês..' vamos supor, a Mazilda, né! Aí, toda de salto (imita o jeito que a moça deveria entrar e andar)...com elegância. Aí agora a Bete. Chamava pelo nome todas elas, então fazia o desfile e as meninas iam sentando. Depois dançávamos e era anunciado quem ganhou em primeiro lugar. Era concurso, onde os homens é que elegiam, porque eram eles que estavam olhando. Aí ficávamos lá, dançávamos. Aí a mulher ganhava um premiozinho, um anelzinho, um brinco, porque naquele tempo, jóia era barata".*

Desta forma, os bailes com artistas serviam como instrumento para a casa mostrar suas mulheres que desfilavam sob olhares atentos e examinadores dos

homens.

Festas

Esta associação de Lurdinha entre os bailes e esse desfile feminino, como um espetáculo dentro do show, vai adquirindo formas com a junção das lembranças que permanecem como memória das festas. Para Vera, *"tinha baile com eleição de misses: 'A menina mais bonita', 'A menina que ficasse mais bem de chapéu'. Isso aí, tinha sempre! 'A menina mais bem vestida'. Teve uma vez de lenço - 'A menina que ficasse melhor de lenço'. Ela (Antonieta) é quem elegia e a gerente. Os homens votavam em papéizinhos e elas contavam os votos"*.

Carmem se lembra: *"Festas eram constantes. Inventava-se festas. Festas de Rainha da Simpatia, inventava-se motivos para dar festas, concursos de danças, etc... Quem elegia, por exemplo, a miss simpatia, eram os homens que freqüentavam. Fazia eleição e apuração, ganhei como Miss Simpatia e Toalete. Eu me vestia bem"*.

Nestas lembranças não são os shows dos artistas que são ressaltados pelas mulheres. Ao se lembrarem dos desfiles, das eleições, das competições de danças, o lembrado são os motivos pelos quais se apresentavam e desfilavam para os homens. Lembram-se da realização dos bailes, portanto, como pretexto para a promoção das mulheres.

Festas

Nesta memória dos bailes, concorrendo com os shows ao vivo e os concursos, estão as festas juninas. Iracema se lembra: *"As festas, tinha a junina que era tradicional porque era o aniversário da Antonieta. Acho que era 29 de junho. Não me lembro a data ao certo, mas era em junho. Então fazia fogueira, todo mundo fazia trajes típicos, ia sanfoneiro, ia tudo. Então estourava pipoca, amendoim, aquela coisa toda. Isso era servido para todo mundo e tinha movimento a mesma coisa, a bebida era da casa. Era aquela festa"*.

O garçom que por anos a fio trabalhou na casa, se lembra: *"Teve muitas festas boas, festa de Santo Antonio era aquele colosso, era aniversário da Antonieta né! e ela comemorava no Dia de Santo Antonio, ela pintava a chacinha, pintava os pés de eucalipto, tudo de branco. Varria aquilo tudo, enfeitava com bandeirinhas, enfeitava o salão, ia para São Paulo buscar artista e tinha baile. Era um negócio".*

Junto destas lembranças é que se colocam as de Bete: *"o dia do aniversário dela não era neste dia! Ela fazia aniversário no dia vinte e um de abril..... Não tinha nada com São João e ela fazia a festa de aniversário dela nesta data".*

O que amálgama estas lembranças das festas juninas é a vinculação feita pelas mulheres entre sua realização e o dia em que era comemorado o aniversário da Antonieta. Embora na informação de Bete o aniversário de Antonieta seja descaracterizado enquanto data em que era comemorado, o que se descobre pelos outros depoimentos é que, na memória das mulheres a festa junina era sinônimo de comemoração do aniversário da Antonieta.

Porém, se estas lembranças caracterizam tais festas como práticas festivas, para outras mulheres, como Lurdinha, suas recordações se referem às comemorações típicas dos santos juninos: *"festas, era a de São João, São Pedro. Vestíamos de caipira e andávamos pelas casas todas, entrando e saindo, dançando quadrilha e depois terminava lá".*

Na costura dessas lembranças, o que se obtém é a imagem de uma festa, onde seus elementos a configuram como sendo aquela vivida no imaginário como junina: as bandeirinhas enfeitando o salão, a contratação de um sanfoneiro para o baile; a lida com as iguarias a serem servidas, a tradição da pipoca e do amendoim, e as mulheres vestindo trajes típicos.

aniversário

Nesses eventos não faltavam danças caipiras. No registrado por Selma em seu diário, o retrato das festas juninas promovidas pela Casa da Antonieta é assim finalizado: *"Dia 11.06.59. (...) 'as 4 hora fui ençaiar(sic) a quadrilha'. 'Dia 12.06.59 (..) 'Fui para o quintal ensaiei a quadrilha' . 'Dia 13.06.59. (...) 'Era o dia do aniversário da Mma. Antonieta De Tilio'. Meu amor veio almoçar comigo, passei uma tarde maravilhosa dancei o baile caipira".*

Como não se pode falar em festa na Casa da Antonieta sem fazer remissão às suas danças; dançar a quadrilha no aniversário de sua proprietária talvez representasse a homenagem das mulheres a uma aniversariante muito exigente e cheia de caprichos. A preocupação de Selma em ensaiar a quadrilha a ser apresentada no dia do aniversário demonstra que, em atitudes como estas, Antonieta podia vislumbrar a atenção das mulheres para com aquilo que se referia à sua pessoa.

A apresentação da quadrilha à Antonieta e ao público presente era o espetáculo oferecido pelas mulheres neste dia. E é ainda Selma que rotula, de forma significativa, o acontecimento destas noites aparece: o *"baile caipira"*.

Portanto, para diferenciar uma noite e outra, elas eram designadas pelas mulheres como "noites de baile". Alguns dos outros motivos para a realização destes bailes situam-se em outras datas comemorativas do calendário coletivo. Na memória de Vera, os bailes destacados são os de Carnaval. Diz: *"Era maravilha! Carnavais, quantos carnavais. Ela dava muitos bailes de carnavais"*.

Com estes bailes, Antonieta outorgava às mulheres opções para se divertirem sem que saíssem da casa e suas imediações. A explicação para que assim procedesse, principalmente no caso dos bailes de carnaval, estava no peso que recaía sobre os ombros destas mulheres. Prostituta, numa cidade pequena e com pouca oferta de lugares para diversão nestes dias, tinha problemas para freqüentar

os clubes da cidade onde estes eventos aconteciam. A casa cedia então seus espaços para que o baile fosse realizado, permitindo assim que tudo o que pudesse ser desfrutado pelas pessoas da cidade em seus clubes, acontecesse também ali.

Fugindo dos bailes que povoavam o universo coletivo das comemorações, estavam os que representavam a vida na casa. Trata-se dos bailes promovidos pelas próprias mulheres para comemorar os seus aniversários. Um desses dias é relatado por Selma: *"Domingo 28 (...) Era o dia do aniversário da Lurdinha. Tinha baile. Eu fiquei muito aborrecida, dancei até as 8 horas da manhã, sentei na companhia de um boliviano"*.

Este registro de Selma dos bailes comemorativos dos aniversários das mulheres ganha credibilidade pelas lembranças de Carmem: *"aniversários também eu gostava. Eu me lembro muito do aniversário da Valdú, do aniversário da Aurora. Eu gostava muito. Nos aniversários, nós nos divertíamos. Eu e a Aurora, fazíamos aniversário quase juntas, eu faço num dia, ela faz no outro. Não me lembro que dia ela faz, sei que é questão de dias. Várias vezes nós fizemos festas juntas"*.

Concedendo também às mulheres a oportunidade de realizar na casa suas festas de aniversário, Antonieta estreitava, com gestos como estes, os laços entre elas, para que sentissem, enquanto estivessem na casa, que podiam fazer daquele lugar seu canto no mundo.

Contudo, dado o tipo de vida que levavam, ora aqui, ora acolá, a autorização que Antonieta dava às mulheres para a realização das festas, parece condicionada ao vínculo estabelecido por algumas, que permaneceram mais tempo na casa como Carmem e as outras citadas, Valdú e Aurora.

Esta impressão de que as mulheres mais antigas na casa gozavam de maior intimidade com Antonieta e eram favorecidas nesta práticas comemorativas é

confirmada por Iracema, que diz: *"não havia bailes comemorando o aniversário das mulheres. Pelo menos no meu tempo, não!"*.

Talvez, no caso de Iracema, seja o fator esquecimento a determinar este comentário. Contudo, o que ficou na memória das mulheres, inclusive de Iracema, são principalmente as noites em que ocorriam as festas com músicas e danças, entrecortadas por outras, as noites dos bailes, em que muito se dançava e festejava. Para algumas mulheres, como Carmem, estas noites representam os bons momentos vividos na Casa da Antonieta: *"sempre que tinha festas, eu gostava, achava bom!"*.

5.4 -O Segundo ato

1- A alcova silenciosa

Conforme as mulheres se recordam, nas mesas e nas doses e doses de bebidas, entremeadas por vezes com danças, o pacto entre os pares ia se construindo e desenvolvendo no salão, até que um segundo convite fosse feito pelos homens às mulheres: o programa sexual.

Com essa atitude masculina e a concordância feminina tinha início a segunda parte do teatro: o do relacionamento sexual e a transformação do quarto em cenário dos acontecimentos.

Entretanto, se há um assunto que as mulheres pouco abordaram ao se lembrarem do passado foi esse: o que acontecia entre os casais nos quartos.

As lembranças das mulheres expressam essas dificuldades. Para ilustrar e matizar seu teor podemos tomar os relatos de algumas mulheres sobre o primeiro encontro sexual vivenciado na Casa da Antonieta. Bete diz que: *"Ah!....quase*

programas sociais

Dificuldades das mulheres em assumir o passado

morri do coração....eu falava ... eu não vou nada!!! O que é isso! Eu vim aqui para trabalhar! Aí ... nós fomos acostumando né!? Foi entrando na cabeça, aonde que eu... me dei conta de onde que eu tava.... O primeiro foi o Luís⁸⁰... um coronelzão lá da.... do pedaço. Um moreno bonito. Mas a mulher que chegava ele estreava. Quase morri do coração... foi educado comigo né!!! Não foi da primeira vez também, ele foi devagarinho... ficou uma porção de dias comigo até conseguir".

As mulheres não tinham a mesma liberdade de escolha

Vera narra que: "Eu cheguei lá porque eu larguei do meu marido e não tinha condições ... dois filhos e tinha que tratar, fui para a roça sofrer apanhar algodão, capim, né! Depois um dia a Antonieta me viu e falou: Oh menina o que está fazendo, vamos lá para casa e eu pensei que fosse trabalhar de doméstica e eu nunca imaginei que fosse aquela vida lá. E eu cheguei lá... as meninas e tudo aquilo e eu me assustei. A primeira vez que você vê, você assusta. Daí me levaram e me arrumaram e falaram: "você vai trabalhar, mas vai trabalhar à noite no salão. E fui prá lá, me arrumaram e eu fui para o salão. Mas me assustei. No primeiro dia você assusta né! Fiquei lá arrumada uns par de dias, uma semana mais ou menos, fiquei quieta, não queria nada. Depois começou, daí encontrei um senhor bacana que foi devagarzinho, me ajudando e tal e conseguiu me levar. Foi a primeira vez. Depois do marido é duro né! Aí me levou e fiquei tempo com ele, daí foi....".

Nas histórias contadas o marco de suas chegadas estava no momento em que iniciaram a vida na casa como prostitutas, o que aconteceu com homens experientes e com as qualidades necessárias para aquele objetivo.

As dificuldades de as mulheres assumirem o passado prostitucional ressona nas lembranças de diversos modos. Ambas se justificam, alegando que

80- Luís: nome fictício.

desconheciam o lugar em que pisavam e aquilo que vivenciariam numa casa de prostituição, que aos poucos foram assimilando a realidade com a qual se depararam e a ela se acostumando.

A forma como contam sua história tem sua lógica se considerarmos os muitos receios que com elas permanecem de exporem sua vivência, como conhecedoras que são dos muitos preconceitos que recaem sobre a prostituição. → *Memoire*

Os indícios para a compreensão das espécies de medos e receios que têm em falar sobre determinados assuntos podem ser achados nas lembranças. A gerente diz que: *"Nós, Antonieta e eu, sabíamos as preferências dos homens e já indicávamos quem gostava e eles se acostumavam com aquelas. Havia muitos homens que tinham preferências por práticas diferentes. Tinha alguns até que nem conheciam, mas porque outro comentou, queria ver como é que era, saber como era e daí procuravam. Era jogo aberto"*.

Segundo a gerente, acontecia muitas vezes em que a casa, através dela ou da Antonieta mediar os encontros entre os pares, apontando para os homens a mulher indicada para seus objetivos sexuais.

Porém, ao tornar-se mediadora dos relacionamentos, a casa tanto passava a conhecer as preferências masculinas, como o correspondente feminino. Nisso é que se situavam alguns problemas para as mulheres, se atentarmos para a maneira como algumas são lembradas.

A própria Iracema se lembra que: *"Não sei de onde saíam as idéias para o sexo, porque tinha algumas que faziam de tudo! A Gina, meu Deus do céu!, ela mesmo falava: 'nada de papai e mamãe". Então ela era muito procurada, porque fazia de tudo!"*.

Para outras, como Bete, as lembranças de algumas das mulheres que passaram pela casa são significativas e oferecem uma imagem mais clara de como se dava a

convivência entre elas a partir do conhecimento que se tinha de suas práticas sexuais: " *A Yolanda foi a mulher mais vagabunda que apareceu na zona, a primeira. É a única mulher que fazia sacanagem! Ela foi a primeira que..... Nós tinha nojo dela!!! Nossa senhora! Essa era... a perdição!*"

Nas lembranças que algumas mulheres têm de outras podemos perceber a maneira como as informações podiam vir a ser exploradas por elas mesmas, desencadeando certos preconceitos e vitimando algumas. Revelam, assim, nas imagens que tecem, os muitos medos e receios que tinham de que a vida íntima fosse conhecida.

A necessidade de preservação da imagem, ainda fala alto no presente, podendo ser observada em algumas avaliações feitas, como a que realiza a gerente quando se recorda de qual era o comportamento de algumas mulheres com relação ao quarto e ao sexo: "*tinha muitas que gostavam do que faziam, mas tinha outras que não! A Bete era uma que não gostava. Ela fazia sala, mas nunca ia pro quarto com homem nenhum, entende? A Suzi não gostava, tanto que ela foi embora quando teve a filha dela, porque não queria criar a filha nesse ambiente. Foi trabalhar em São Paulo. Ela era moça que tinha estudo. Tinha muitas que não gostavam, a Isaura era uma moça que não gostava. Ela dava tudo para não ter que ir no quarto com homem. E tinha outras que sim. Essa Tereza mesmo era apaixonada: "Ah! como ela gostava de ir pro quarto, três, quatro vezes na noite. Gostava mesmo, não reclamava!"*

Essa é a versão que ficou para a gerente do passado, essa é a inferência que realiza após muitos anos. Pouco importa que o dito concorde com o que as mulheres vivenciaram na casa, o que fica evidente é a necessidade de constituir uma imagem para as pessoas sem colocar nenhuma delas em situações complicadas. Vale notar que a separação que faz entre as que gostavam e não de

intimidade sexual com os homens, foi feita preservando as que continuam a morar na cidade.

As lembranças de Carmem vêm a complementar a avaliação da gerente: *"tinha umas que gostavam e outras que não, a maior parte, sabe como é!? Elas gostavam, mas dependia da pessoa. Não era com qualquer um que aparecesse, a pessoa mais conheciãa, que teve mais vezes conversando e fazendo amor, elas preferiam mais. Era bom de fazer amor, quem fizesse carinho, beijos, agradasse uma mulher. Se não era bom, nós falávamos em nossas conversas. A gente gostava mais dos mais agradáveis, mais educados, né!.....Porque tem homem muito bruto, eu já digo!..."*.

Carmem faz uma distinção entre as mulheres que gostavam e não dos encontros sexuais, confirmando deste modo as inferências da gerente. Entretanto, quando confrontamos as lembranças constatamos que o sentido de preservação fala de maneira diferente com Carmem: ela afirma que as mulheres gostavam de estar com alguns dos homens que freqüentavam a casa. A intimidade sexual vê-se assim tingida com as cores do envolvimento afetivo, mesmo aquele desenvolvido pelas conversas ouvidas a respeito da pessoa.

Da narrativa de Carmem não é a imagem da prostituta que pratica o sexo com homens sem identidade apenas para ganhar dinheiro que emerge, mas a mulher afetiva que gostava de estar com alguns dos clientes, que com alguns tinha intimidade com prazer. Descaracteriza-se, assim, a versão da prostituta sem escrúpulos que faz tudo por dinheiro, incessantemente trabalhada no imaginário social.

Em outro momento de sua narrativa, Carmem abandona o distanciamento das imagens que elabora para mostrar como se posicionava frente aos encontros sexuais: *"eu gostava de estar com os homens. Eu gostava daquilo que eu fazia,*

tratava bem. Teve muitos que me balançaram (risos). Tantos, minha filha, que eu me dava muito bem, gostava. Não dava para sentir a mesma coisa com todos. Tinha os selecionados (risos)".

Carmem foi a única que teve a coragem de olhar para o passado sem receio de expôr o que sentia. Fato isolado quando conjugamos o dito por várias mulheres.

As reservas e cuidados que perpassam as lembranças da maioria das mulheres, por vezes falaram através de algumas alegorias, como as contidas nas representações elaboradas pela gerente para o quarto: "*O salão era longe dos quartos e o barulho do salão dificilmente se escutava o que acontecia nos quartos. Eu ficava sempre andando por ali, olhando e ouvindo se acontecia alguma coisa*".

Uma memória visual e auditiva norteia a lembrança de Iracema dos lugares da casa. Enquanto o quarto é lembrado como uma alcova silenciosa, onde por mais que fossem acurados os ouvidos e observadores os olhos, pouco ou nada se via ou ouvia, o salão é representado como barulhento. No presente, a memória tem esse cômodo - o quarto: silencioso, impenetrável.

As lembranças falam que os cômodos tinham barulhos, ainda que diferentes e não audíveis, como o quarto. Com os ruídos que as lembranças mostram é possível restituir as pessoas aos lugares e escutar alguns dos barulhos.

Referindo-se aos homens Carmem diz que: "*Eles pediam para fazer coisas diferentes com a gente e não sabiam se a mulher fazia ou não. Eles perguntavam: você topa? Se ela topasse, ela falava, se não topasse, ela também falava*".

No salão, acobertados pelo volume da música e de outros sons ou na intimidade de um quarto, essa conversa era em tudo favorecida e garantida enquanto assunto privativo do casal.

É ainda Carmem que fornece os indícios de como as mulheres lidavam com o assédio masculino, quando do convite feito pelos homens para as práticas sexuais propostas: *"acontecia de às vezes não estar muito a fim e depois gostava"*.

Carmem fala nesses dois momentos de maneira velada, nada diz sobre quais eram as propostas recebidas e com as quais relutava mas acabava por aceitar. Apenas diz que eram feitas, sendo algumas aceitas e prazerosas.

Essa forma elíptica de narrar de Carmem pode ser observada com outras mulheres quando teceram comentários sobre os vários aspectos relativos as práticas sexuais, como é o caso do valor que recebiam pelos programas sexuais que faziam: Vera diz: *"o preço do programa era tabelado, mas sempre assim, eles dava(sic) mais, sempre um pouquinho mais. Mas tinha sim, aquele preço, "era x", mas sempre a gente ganhava mais. A gente agradava e.... sempre quem ia também tinha condições, então a gente ganhava sempre mais um pouquinho"*.

Carmem se refere aos homens que iam à casa como conhecedores do quanto iam pagar pelos programas: *"os homens já sabiam. Quando iam já sabiam, porque iam sempre. Às vezes davam um dinheiro a mais, às vezes não. Os melhores, os melhores mesmo para pagar eram os fazendeiros. Os outros também pagavam, mas os melhores eram eles em tudo. Bebidas, sabe!"*.

Os programas sexuais são lembrados como permitindo sempre um ganho a "mais". Este "mais" por elas aventado, é bastante sugestivo e significativo, indicando que era o que se passava nos quartos que determinava o quanto os homens pagavam pela intimidade sexual. Portanto, era ao longo do intercursos sexual que o preço se definia, com os *agradados feitos*. O "tabelado" devia ser a base sobre a qual podiam negociar.

Principalmente com Carmem podemos observar como ela desconversa: após dizer que às vezes ganhavam uma quantia acima do estipulado, ela afirma que os

fazendeiros eram os "melhores em tudo", acabando por escamotear: "bebidas, sabe!", como meio para forjar o entendimento daquilo que se pretende ocultar.

Ao que parece esses agrados femininos tinham seus limites, conforme insinuam esses comentários: *"Havia homens que combinavam uma coisa e depois queriam outras. Nós reclamávamos e daí não tinha nada. Quando isso acontecia, nós não pedíamos socorro, apenas dizíamos que não queríamos e pronto"*, diz Carmem.

Vera diz que: *"Tinha sexo fora do normal, se passasse do normal, a gente cobrava. Eu nunca trabalhei desse tipo, era o certo, só papai e mamãe. Agora, tinha as meninas que já....., por exemplo: 'Ah! me dá uma menina completa!'. Ah!, já indicava. A gente tinha a recepcionista, ia lá e buscava a menina.' É essa aqui!'. Naquele tempo, não tinha muitas meninas completas. Devia ter umas quatro, cinco, era muito"*.

Baseada no que as mulheres dizem é de se presumir que o que acontecia nos quartos com os homens dependia de vários fatores e interesses em jogo, onde tanto podiam vir a aceitar as propostas feitas ou recusarem-nas terminantemente.

O controle das situações vivenciadas nos quartos, ao que tudo indica, dependia totalmente das mulheres, tanto na tomada de decisões como nas modificações que o relacionamento podia vir a ter. O primeiro tópico é confirmado por Carmem, que afirma: *"Eu fazia o que queria, se eu não quisesse eu não ia com os homens" (...)* quando eu estava menstruada, eu não fazia, mas tinha algumas que mesmo assim faziam, elas colocavam uma tal de buxinha que tinha antigamente para fazer, mas eu não fazia não, porque eu tinha medo, porque aquilo sempre dá inflamação, essas coisas".

As lembranças das mulheres de que ficava a critério de cada uma decidir quais propostas recebidas aceitar e que praticavam o sexo de acordo com seus

desejos e vontades, validam-se através de comentários como os de Carmem: *"Dependendo do dia, se tinha três, quatro, relações. Tinha dia que era mais. Tinha que dar um tempinho. Não era assim, entrava e saía. A gente ainda sentava na mesa, tomava qualquer coisa, conversava e depois ia para o quarto. No quarto podia ficar qualquer tempo. A pressa era da gente, se tivesse muitos fregueses. Uns demoravam um pouco, outros eram rápidos. Assim!!... tinha que ter paciência com todos eles (...)* Esse negócio de estar assim, duas, três por noite, eu não ia me matar".

Carmem destaca que a determinação da quantidade de relacionamentos sexuais ao longo de uma noite era das mulheres e que o compasso como atendiam aos fregueses nos quartos era variável, dependendo do homem a atender e da pressa que tivessem para estarem com outros. Acrescentando, ainda, que não se matava para atender a demanda masculina.

No entanto, quando justapomos o que diz Carmem com o que fala Bete e Vera, uma outra face é mostrada: diz a primeira: *"tinha tempo para ficar no quarto. Quem controlava era a Iracema, que era gerente. Se a moça dormisse com o cara, ele tinha que pagar multa. A multa era pequena"*.

Com Vera, esse tempo é determinado nesses termos: *"se no salão acontecesse o encontro, no quarto, no máximo ficávamos vinte minutos, meia hora, se demorasse muito, aí!!... Quem controlava tudo isso era a gerente. Se a gente ficasse meia hora, uma hora, a gerente já ia bater. Batia na porta e falava: 'Ôh!!!' "*

Com ambas, ao se lembrarem que o tempo do programa sexual era controlado pela gerente, obtém-se uma representação dele diferente da que faz Carmem. No fluxo do discurso essas lembranças confluem para esse ponto comum: por haver essa concordância entre lembranças é de se concluir que nos quartos as mulheres

tinham certo tempo para permanecer com os homens, cronometrado pela figura da gerente.

Quando lembramos qual era o propósito da casa com o teatro que todas as noites tinha por palco o salão da Casa da Antonieta, cuja prioridade era conseguir fazer com que as mulheres ficassem com homens bebendo para obtenção de lucro, a permanência das mulheres nos quartos com tempo controlado pela gerente faz sentido.

Muito embora, conforme foi frisado, as mulheres pouco tenham falado sobre as questões que envolvessem o aspecto da intimidade sexual e que quando o fizeram foi de maneira tímida, através do dito por elas pudemos encontrar indícios que permitiram o conhecimento de alguns tópicos relativos as práticas sexuais, como, por exemplo, as conversas que as preambulavam, que no quarto o ganho das mulheres era determinado e que o programa sexual tinha tempo cronometrado.

Completando o quadro e para uma idéia mais nítida de alguns dos sentimentos vivenciados na intimidade sexual é que se colocam lembranças como essas: *"Assim, tinha que ter paciência com todos eles. Eles nem percebiam que não se estava a fim. Finge né! Não dando demonstração está tudo bem! Nunca ninguém percebeu".*

Uma expressão bastante usada por Carmem ao lembrar-se da maneira como vivenciava seus relacionamentos sexuais é "paciência". Quando associamos menção como essa à de que as mulheres preferiam o relacionamento sexual com os homens conhecidos, com os quais tivessem algum tipo de intimidade prévia, somos levados a entender a maneira como lidavam com a variedade dos que freqüentavam uma casa de prostituição, a todos dispensando bom tratamento. A paciência e o fingimento encontra sentido dentro dessa realidade.

A prática da encenação feminina quando na intimidade sexual é confirmada por Vera como um comportamento aprendido: *"a gente aprendia, não era bem com a gerente, era com as meninas que estavam ali há mais tempo, então as que iam entrando.... Elas diziam: 'Ah! tem que fazer assim, tem que agradar, você não pode maltratar, você tem que fingir, mesmo que você não queira nada, você tem que fingir'. E conseguíamos. Elcs se encantavam e dali dois dias estavam procurando de novo. Eles acreditavam. Eles achavam que a mulher estava gostando e não era nada daquilo. Eles não pensavam e acho que sempre foram enganados, mas gostavam. Acho que eles nunca pensaram que não era nada daquilo, eles pensavam que era real mesmo".*

A eficácia do teatro praticado junto aos homens está na narrativa de Vera: os homens acreditavam naquilo que vivenciavam com as mulheres, tanto que voltavam a procurá-las. Sua última frase resume tudo.

Carmem faz a mesma leitura dos homens que procuravam pelas mulheres: *"Ríamos daqueles que eram tontos, bobão, que pensava que as mulheres estavam apaixonadas, que estavam agradando, estas coisas.... Aí dávamos risadas!... Pensa que fulana gosta dele, gosta nada, gosta do dinheiro".*

Nota-se que, se de um lado, alguns aspectos da intimidade sexual aparecem nublados pelos subterfúgios usados pelas mulheres - imagens evasivas e dúbias, principalmente para evitar que se expusessem, de outro, ao se lembrarem dos homens, as representações feitas são mais diretas e objetivas, tornando possível o conhecimento e compreensão de como objetivavam os homens quando preparavam suas armadilhas e quais eram os resultados obtidos. Por conseguinte, somente quando teceram representações para a figura masculina, ganha vigor a figura da prostituta fatal, que enlaçava os homens, deixando-os abobados.

O fato de as mulheres estarem suscetíveis a essa realidade - o atendimento de muitos homens numa única noite, levava a que adotassem certas práticas com relação ao corpo. Vera diz que: *"você se vestia, ia para o salão, quando você ia para o quarto e voltava, era outra roupa. Então você tinha que ter muita roupa. Não podia vir com a mesma roupa. Então você tinha que ter mesmo, muita roupa, muito sapato, calçado, meia"*.

Ao lembrar do retorno para o salão, Vera fala da aparência renovada com as roupas. Entretanto, entre uma ida e outra para o quarto com os homens há um interstício que é completado com as lembranças das práticas que integravam a renovação da aparência. Carmem diz que: *"Depois das relações, era tomar banho, fazer lavagem interna. Tinha uma seringa e a gente punha água com desinfetante próprio, a gente punha e soltava aquilo tudo e estava limpo"*.

Esta higiene íntima confirma-se com Lurdinha: *"tem higiene que nem as moças de hoje não sabem que ela (Antonieta) ensinava a gente. Era assim, a gente comprava um lavadorzinho higiênico, um desinfetantizinho que tem na farmácia para vender, então, colocava água e colocava na porta da vagina e lavava tudo por dentro. Duas vezes, né!. Então ficava bem limpinha. Não tinha mal cheiro e ela ensinava tudo isso para a gente. É importante, né! Cada vez que tinha relação sexual, tinha que fazer essa limpeza. Se alguma não fizesse e o freguês reclamasse, ela chamava com a maior educação as meninas né!, e aquilo tudo, logo aprendia. Era tudo com higiene"*.

As mulheres contam em detalhes como era o ritual de limpeza feita no corpo e destacam que para que a higiene fosse completa, era imprescindível o uso de determinados apetrechos e produtos disponíveis à época nas farmácias, para que fossem realizadas as lavagens internas.

A importância e o sentido que essas práticas tinham para as mulheres falam de diferentes maneiras. Os indícios dos outros significados contidos na lavagem interna podem ser achados em comentários como esses, feitos pela gerente: *"O cuidado para não engravidar era feito com camisinhas, comprimidos. Tinha homem que aceitava a camisinha, tinha outros que não. Se viravam bem. Outras tinham filhos. A Norma mesmo, nunca evitou, acho que teve quatro ou cinco"*.

A resistência de alguns homens quanto ao uso de preservativos ou os deslizos femininos quanto a métodos contraceptivos aumentava mais a necessidade de as mulheres tomarem certos cuidados. As lavagens internas encontram justificativa numa ou noutra causa, para eliminar resíduos ou evitar uma gravidez indesejada.

Pela maneira como as práticas higiênicas eram realizadas, o banheiro instituiu-se como lugar representativo, se considerarmos que o sentido de limpeza iniciava-se com água, com a qual eram realizados os procedimentos lembrados. E a água era encontrada no banheiro, em sua pia ou chuveiro à serpentina e, provavelmente, em outras peças que o compunham: no bidê, em sua bacia ou na banheira⁸¹. Água esta, que limpava e purificava o corpo, retirando seus resíduos.

Entretanto, as lembranças da gerente sugerem que as práticas higiênicas a que as mulheres submetiam o corpo após os contatos sexuais iniciavam-se no quarto: *"Eu ficava olhando, se a mulher estava arrumada, a cama como estava, se o quarto ficava em ordem. As toalhinhas que eram usadas eram tiradas do quarto. Cada uma cuidava da sua cama, eu olhava se estava em ordem, porque não podia ficar bagunça. A Antonieta não permitia uma cama desarrumada, a bagunça. Eu passava, dava uma olhada, tudo em ordem, a mulher já tinha tomado seu banho e tinha algumas que até faziam lavagem com a ducha higiênica. Era tudo muito limpo, tudo muito organizado"*.

81- Cf. documento de Arrendamento.

Enquanto as mulheres se referem à higiene íntima com certos apetrechos como se fosse prática geral, a gerente diz que "tinha algumas que até faziam lavagem com ducha higiênica", mostrando, assim, que nem todas tinham esse tipo de cuidado. No entanto, o que deve ser retido é que esses cuidados higiênicos integravam as práticas femininas e se não tomados por todas, era o ideal de limpeza almejado que expressava.

Com a gerente o apetrecho usado quando da realização da limpeza não era seringa ou lavadorzinho, mas ducha. A menção da retirada das toalhas dos quartos e da obrigatoriedade da arrumação da cama, levam-nos também, a conhecer outras práticas femininas com relação ao sexo praticadas na casa.

O quarto, pelo que se recorda a gerente, juntamente com o corpo, devia ser objeto de certos cuidados após o intercuro sexual, principalmente a sua cama. Redundante dizer que a mobília comum a todos os quartos de uma casa de prostituição era a cama e na Casa da Antonieta, além desse móvel, havia acompanhando-a dois criados mudos.

A justaposição entre as práticas recordadas pela gerente com o mobiliário faz supor que dado o uso que faziam de algumas peças que guardavam em seus armários e gavetas, alguns devessem ficar mais a mão, como era o caso das toalhas e dos criados-mudos.

Eliminados os resíduos corporais pelo banho e pela lavagem interna, retirado do quarto qualquer vestígio que indicasse uma anterior presença masculina, como as toalhas usadas ou a cama desarrumada, estavam as mulheres aptas para o início de novos contatos com os homens a fim de levá-los aos seus quartos.

Retornando ao salão, reiniciavam o roteiro do espetáculo.

2- Os panos da alcova.

Nesses momentos, ao transformarem o quarto numa alcova para receber os homens, a cama em centro dos acontecimentos que nele tinha palco com o casal, era alvo dos principais cuidados, devia mostrar-se sempre arrumada para o recebimento os sucessivos clientes.

São nas lembranças que falam das roupas de cama que podemos ter uma idéia da espécie de cuidados que tinham para com ela, visando exibí-las aos homens. Lurdinha se lembra que *"as minhas roupas de cama tinham aqueles bordados, lençol de baixo com aquelas viras, aquelas colchas lindas! Vich!, eu fico sonhando com isso até hoje"*.

Carmem menciona que *"as roupas de camas eram todas nossas, comprava feita ou mandava fazer. Conforme a pessoa a gente trocava as roupas de cama, se fosse uma pessoa limpa, aí dava para duas vezes. Tínhamos todos os cuidados"*.

A importância da beleza e higiene que a cama devia revelar está nas lembranças. Os artifícios usados visando a boa impressão eram muitos - estavam nos lençóis bordados ou na reutilização dos mesmos, desde que não denunciassem esse reaproveitamento.

A necessidade e o significado dos cuidados da cama ficaram inscritos na memória das mulheres e na da casa, no inventário. Em meio à descrição dos cômodos, há um item que trata especificamente das roupas de cama, sendo declarados cinco jogos completos, compreendendo dez lençóis e dez fronhas, treze cobertores e três colchas comuns.

O quesito roupas de cama da Casa da Antonieta arrola os tipos de peças e sua quantidade. Quando comparamos essa descrição com as lembranças de Lurdinha, que conta como eram seus lençóis, detalhando que eram bordados, temos uma riqueza de detalhes que leva a pensar que, para as mulheres, arrumar suas camas, tinha a finalidade de, utilizando certas peças, produzir imagens que pudessem significar para os homens limpeza e beleza e, principalmente, que no quarto era a cama o lugar de aconchego da alcova.

Esse sentido de aconchego podia ser vislumbrado pelos homens nos panos que recobriam as camas e nas cortinas. Consta do inventário que existiam nos quartos *"nove cortinas, cores diversas, nas janelas e quatro cortinas grandes, em cetim vermelho, de cabeceira"*.

Nas paredes da memória das mulheres, os quartos são recobertos pelos panos das cortinas: é o que ficou na memória das mulheres e que vem realçar a importância da decoração dos quartos: *"cortinas eu tive várias - salmon, amarelo-ouro, tive outras"*, refere-se Carmem. Já Lurdinha diz que: *"tive tudo o que podia ter tido de ilusão, sabe o que eu fazia, eu pregava na parede do quarto assim cetim, outra outra estampado"*.

A necessidade de usarem desses artifícios na decoração dos quartos, criando a aura de uma alcova silenciosa e aconhegante, revela-se no fato de que os panos das paredes e das camas ficaram na memória.

Considerações finais

Os estudos realizados no Brasil sobre a prostituição têm ampliado consideravelmente o horizonte do conhecimento histórico do fenômeno prostitucional. Orientadas principalmente pelas reflexões foucaultianas duas tendências podem ser observadas: a questão da medicalização da prostituição, desenvolvida junto às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo e uma outra, representada pelo último trabalho de Margareth Rago, que discute o problema das referências morais e da subjetivação que nortearam os comportamentos femininos na cidade de São Paulo entre fins do século XIX e início do XX⁸².

O trabalho que realizamos insere-se no debate historiográfico pela preocupação que norteou uma de suas partes. (2a. Parte). A questão da medicalização da cidade e da constituição da subjetividade da população foi abordada, ao verificarmos como se deu em Assis o processo de definição e redefinição espacial, quando buscamos entender como foi o convívio entre prostituição e sociedade.

Entretanto, enquanto a maioria dos trabalhos tem sido realizada com os discursos produzidos sobre a prostituição por médicos-higienistas, juristas, criminologistas, literatos e jornalistas, captamos a discursividade das lembranças para discutir essas questões, o que representou a possibilidade de evidenciar como

82- ENGEL, Magali - *Meretrizes e Doutores* - Saber médico e Prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). op. cit.; SOARES, Luiz Carlos - *Rameiras, Ilhoas, Polacas*: a prostituição no Rio de Janeiro do Século XIX. op. cit.; RAGO, Margareth - *Os prazeres da Noite*. op. cit..

os fantasmas construídos pelos imaginários científicos e literários ressonaram na consciência de uma cidade, como foram articulados para adequar-se à sua cultura, vindo a constituir os seus imaginários e seus lugares de memória.

A história da prostituição em Assis, que traçamos, ao focar essas questões insere-se, na perspectiva da história do imaginário. Evidenciamos as imagens que foram elaboradas por uma cidade para tratar do assunto prostituição, para perceber as modalidades desenvolvidas por uma sociedade para imaginar, reproduzir e renovar o imaginário prostitucional e suas modalidades de acreditar, sentir e pensar a prostituição⁸³.

Na história da prostituição que escrevemos, mediante os materiais da memória, mostramos de que forma, em Assis, memória e imaginário foram articulados para conferir significado à prostituição. Nas imagens produzidas (memória jornalística e judiciária) para mostrar e nomear a prostituição, encontramos os indicativos de como uma cidade trabalhou com pontos de referência materiais existentes na memória da população para designar a prostituição e como, ao imprimir neles marcas prostitucionais veio a constituir lugares de memória da prostituição, tais como a Rua J. V. da Cunha e Silva. Pudemos perceber, nas imagens, a maneira pela qual a prostituição foi, ao longo de sua história na paisagem da cidade, abordada ou problematizada, como era o convívio entre prostituição e a cidade, onde medos, receios e preconceitos, misturavam-se a sentimentos cristãos ou de receptividade para com os universos prostitucionais. Pudemos observar, também, como as imagens da prostituição, ao serem integradas à vida cotidiana de pessoas de uma cidade ao longo de sua história, demandaram a mudança da sensibilidade da população para que viesse a conviver com essa realidade. Vimos, ainda, como

83- Ver BACZKO, Bronislaw - "A imaginação social". In: *Enciclopédia Einaudi*, v.5, (Antrophos-Hoem), Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985.

essa sensibilidade, acompanhando a história da prostituição, foi solicitada para incorporar novos valores e atitudes.

Foi a constituição da subjetividade da população de Assis para com o fenômeno prostitucional que abordamos, ao retratarmos a vida cotidiana de mulheres através das lembranças femininas. Tivemos a oportunidade de mostrar as modalidades de visibilidade desenvolvidas pelos universos prostitucionais, que contribuíram para que a população constituísse seu elenco de representações, cujos resquícios estão na memória, e em como se recorda da Casa da Antonieta.

Os passeios das mulheres pela cidade, em charretes ou carros, a frequência com que iam a certos lugares da cidade - como a cabeleireira e a costureira, dentre outros, possibilitavam certas formas de contato delas com a cidade, fornecendo elementos pelos quais as pessoas podiam elaborar certos conceitos e imagens sobre a prostituição na cidade, através das cenas que esse contato permitia observar e imaginar.

Como eram as casas, o que continham e como eram vistas pelos seus frequentadores, são aspectos que também ofereciam elementos para que imagens fossem criadas. Em sua arquitetura, objetos e móveis estava a estética de uma época, que ajuda a entender as representações que são feitas, hoje, no sentido de que a casa da Antonieta teria sido requintada e luxuosa.

Um outro aspecto que evidenciamos ao abordar o cotidiano das mulheres; foram suas práticas de cuidado com o seu corpo e com os quartos - sua higiene e embelezamento. Ao serem mostrados limpos e arrumados, mas principalmente belos, à apreciação pública ou privada, eram fomentadores de imagens que também auxiliam no entendimento do que os homens de outrora viam e que permitem, hoje conceituar o lugar como pródigo de mulheres bonitas, lindas etc., e a casa "como uma das melhores da região".

Entretanto, conforme adverte Evelyne Patlagean *"O domínio do imaginário é constituído pelo conjunto das representações que exorbitam do limite colocado pelas constatações da experiência e pelos encadeamentos dedutivos que esta autorizam"*⁸⁴.

Portanto, dada a importância que tem a imaginação na produção de imagens e que o domínio do imaginário vai para além das verificações empíricas, não consideramos as modalidades de visibilidade desenvolvidas pelos universos prostitutionais como causa e efeito das representações coletivas. O que quisemos mostrar foi como as imagens no passado faziam e ainda fazem imaginar.

Em se considerando também que cada época e sociedade possuem seu imaginário e que este é constituído, conforme Patlagean, por um conjunto de representações, o que procuramos obter das lembranças foi uma agenda de representações feitas para a Casa da Antonieta. Em nome desse propósito, procuramos evidenciar, na organização do cotidiano, aqueles que eram os temas mais recorrentes na memória das mulheres: a beleza e o luxo que apareciam associados a rituais de higiene e embelezamento do corpo, passando por roupas, jóias, perfumes; os móveis, objetos; os lugares da cidade - para compras e lazer; as emoções e sentimentos; as pessoas e envolvimento afetivos. Enfim, o elenco de representações estava nessa mistura fragmentária, desconexa, contraditória de concepções e imagens. Eram esses os ingredientes que compunham o imaginário da Casa da Antonieta, presentes nas memórias, mas que não tinham sentido único e fixo, desdobrando-se e multiplicando-se em cada lembrança, em várias outras representações.

⁸⁴- PATLAGEN, Evelyne - "A história do imaginário". In: *A História Nova*. (org) LE GOFF, Jacques - SP: Martins Fontes, 1990, p. 291.

Um outro aspecto a destacar do trabalho é a vertente explorada da intimidade de mulheres no contexto de uma casa de prostituição. As lembranças das mulheres, ao mostrarem faces de vivências e convivências entre elas e os homens, nos espaços da Casa da Antonieta colocaram importantes questões aos estudos realizados sobre prostituição.

Captar essa experiência feminina para inserí-la na historiografia, representou a possibilidade de um confronto entre as idéias que se tem a respeito da prostituta. Ao contarem sobre seus afazeres cotidianos, seus sonhos, fantasias e expectativas de vida, seus amores e suas frustrações, a maneira como se relacionavam com os clientes, a imagem que obtivemos da figura da prostituta, vem questionar antigos mitos prostitucionais, tais como o da mulher desavergonhada, sem pudores, cujo único objetivo é o dinheiro, construída pelos imaginários sociais e científicos para implantar o medo e o pavor nas consciências femininas.

Essa maneira de transmitir sua experiência teria sido a forma encontrada pelas mulheres entrevistadas para driblar os preconceitos sociais, onde, ao tecerem representações para o passado estariam, no presente, buscando resgatar o significado da imagem ideal de mulher concebida como honesta, sentimental e romântica, cujo anseio era o casamento, era encontrar o príncipe encantado?

Qualquer que seja a resposta, o relevante é que problemas como esses aparecem quando se permite que os atores sociais falem das experiências sobre as quais recaem muitos preconceitos. Volta-se, assim, à questão da utilização de evidências orais para a captação do passado e seus limites, que, ao mesmo tempo em que se mostra como um poderoso instrumento de luta contra visões cristalizadas de grupos marginais e minoritários, como as prostitutas, mostra também as dificuldades encontradas por eles para lidarem com antigos tabus e preconceitos.

FONTES

1- História oral

Entrevistas realizadas: Vera, Carmem, Bete, Iracema e Lurdinha⁸⁶.(1991-1994)

2- Arquivo Judicial:

Centro de documentação e Recursos Audiovisuais - (CEDRAU), UNESP/ Câmpus de Assis.

Processos-Crimes do "Primeiro e Segundo Cartório de Notas e Ofícios da Comarca de Assis": 1940 -1977.

3- Arquivo privado:

Diário íntimo de Selma: 1959.

Inventário de Arrendamento da casa da Antonieta, feito em 1960.

4- Arquivo jornalístico

Jornal de Assis: 1945- 1953

A Gazeta de Assis: 1953 - 1978

Folha de São Paulo: 1982.

Voz da Terra: 1978 -1982.

86- Pseudônimos usados.

Porém, em que pesem todas as influências e interditos, a contribuição do trabalho realizado está em permitir que uma outra imagem da prostituta aparecesse, a qual, ao mesmo tempo que desmistifica alguns dos mitos prostitucionais, reifica outros, como o do sentimentalismo e romantismo feminino.

Finalmente, é preciso destacar que recuperamos a memória da Casa da Antonieta através das lembranças, para compreender como foi o convívio entre cidade e prostituição e, concomitantemente, entender como foram constituídos memória e imaginário. No desvelamento da intimidade de mulheres, verificamos, pela combinação entre costumes e práticas femininas, as que existiam na casa da Antonieta. Pudemos, também, estabelecer algumas diretrizes para pensar as relações e as múltiplas influências entre público e privado⁸⁵, contextualizando as lembranças no tempo e nos espaços onde as casas estiveram estabelecidas na paisagem da cidade.

Nesse jogo entre lembrança e esquecimento, e o desvelamento, pelas lembranças, de um passado morto e de uma operação historiográfica presente⁸⁶, que pretendia restituir, mediante a narrativa, o passado ao presente, escrevemos a história da prostituição em Assis e da Casa da Antonieta.

É este passado presentificado neste trabalho através das lembranças que, conferindo sentido ao vazio da paisagem onde existiu a casa da Antonieta, lhe restitui o significado, ao mesmo tempo em que, nesse reencontro, remete ao seu futuro: no lugar, onde existiu a casa, foi afixada uma placa anunciando a instalação de uma igreja católica, cujo nome, por ironia do destino, é "Sagrada Família".

⁸⁵- Sobre os conceitos de público e privado, ver: SENNET, Richard - *O declínio do homem público*. Cia das Letras, 1998.

⁸⁶- Ver CERTEAU, Michel - *A Escrita da História*. RJ: Forense Universitária, 1982.

BIBLIOGRAFIA

ALBINO, Celina e WERNECK, Nísia - "Anotações sobre Espaço e Vida Cotidiana". **Espaço e Debates**. (São Paulo), n.17, Ano VI, p.33 a 43, 1991.

ARIÈS, P. e BÉJIN, A. (orgs) - **Sexualidades Ocidentais**. 3a.ed., SP: Brasiliense, 1987.

BACHELARD, Gaston - **A Poética do Espaço**. SP: Martins Fontes, 1993.

BACZKO, Bronislaw - "A Imaginação Social". In: **Enciclopédia Einaudi**. v.5, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p.303-330, 1985.

BENJAMIN, Walter - "A imagem de Proust". In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas, 4a. ed., SP: Brasiliense, p.36-49, (1a.ed. 1985).

_____ - "Teses sobre a filosofia da história". **Grandes Cientistas Sociais**, SP: Ática, p.153-164, 1985.

BERGSON, Henri - **Matéria e Memória**. SP: Martins Fontes, 1990

BRESCIANE, Maria Stela - (ANPUH - UNICAMP). Comunicação Pessoal, 05 set. 1994.

BOSI, Ecléa - **Memória e Sociedade: lembranças de Velhos**. 2a.ed., SP: T.A. Queiróz, 1987.

BRUCKNER P. e FIENKRAULT A.- **A Nova Desordem Amorosa.**
SP:Brasiliense,1981.

CARENA, Carlo - Ruína, Restauo. In: **Enciclopédia Einaudi**, v.1 (Memória - História), Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, p.107-129, 1984.

CERTEAU, Michel - **A Escrita da História.** RJ: Forense Universitária, 1982.

CHAUÍ, Marilena - **Repressão Sexual essa nossa (Des)conhecida.**
SP:Brasiliense, 1988.

_____ - **Convite à Filosofia.** SP: Ática, 1995.

CHALLOUB, Sidney, **Trabalho Lar e Botequim.** O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. SP: Brasiliense, 1986.

CLELAND, John - **Fanny Hill ou Memórias de Uma Mulher de Prazer.**
SP:Estação Liberdade, 1989, 2v.

COSTA, J. Freire - **Ordem Médica e Norma Familiar.** RJ:Graal,1979.

CORRÊA, Mariza - **Morte em Família.** RJ:Graal, 1989.

ENGEL, Magali - **Meretrizes e Doutores - Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro (1.840 a 1.890).** SP:Brasiliense, 1.989.

FREYRE, Gilberto - **Modos de homem & modas de mulher.** RJ:Record, 1986

FOUCAULT, Michel- **Microfísica do Poder**. 5a.ed. RJ:Graal, 1985.

-**História da Sexualidade: A vontade de Saber**. 10a.ed.,
RJ:Graal, 1988.

-**História da Sexualidade: O Uso dos Prazeres**.
RJ:Graal, 1988.

-**História da Sexualidade: O Cuidado de Si**. RJ:Graal,
1988.

GAGNEBIN, Jeanne Marie - "O Início da História e as Lágrimas de Tucídides"
In: **Revista Margem**. SP:PUC/EDUC, n.1, 1992.

GEERTZ, Clifford - **A Interpretação das Culturas**. RJ: Guanabara Koogan
S.A, 1989.

HALBWACHS, Maurice - **A Memória Coletiva**. SP: Vértice, 1990.

HUNT, LYNN - **A Nova História Cultural**. SP: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques - **A História Nova**. SP: Martins Fontes, 1990.

LE GOFF, Jacques - **Memória, História**. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa,
Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre - **História: Novos Objetos**. RJ: F.Alves, 1976.

MACHADO, Maria Clara Tomaz - "Além da Moral Burguesa - Um misto de resistência e conformismo". In: **Revista História & Perspectiva**. MG:Uberlândia, v.1, n.1, jul/dez, p. 37-53, 1988.

MARIANI, Bethânia Sampaio Correa - "Os primórdios da Imprensa no Brasil (ou:de como o discurso jornalístico constrói Memória)". **O Discurso Fundador**. (org) ORLANDI, Eni P. Campinas: Pontes, p. 31-41, 1995.

MENESES, Adélia Bezerra de - "Memória e Ficção". In: **Revista Resgate**, UNICAMP, n.3, p. 9-15, 1991.

MONTENEGRO, Antonio T. - **História oral e Memória: a Cultura popular revisitada**. SP:Contexto, 1.992.

NORA, Pierre - "Entre Memória e Historie: a problemática dos lugares". trad. KHOURY, Yara Aun - **Revista do Programa de Pós graduação em História da PUC/SP**, n.10, p.7-27, dez.1993.

PATLAGEN, Evelyne - "A História do Imaginário". In **A História Nova**. (org) LE GOFF, Jacques; SP: Martins Fontes, p. 291-316, 1990.

PERROT, Michelle - **Os excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. RJ: Paz e Terra, 1.988.

_____ - "Práticas da Memória Feminina". In: **Revista Brasileira de História**. SP, v.9, n.18, p. 9 -18, Ag.89/Set 89.

PESSANHA, José Américo Motta - "Bahcelard e Monet: O olho e a mão". In: (org) Adauro Novaes, **O Olhar**. SP: Cia das Letras, p. 149-165, 1992.

POLLAK, Michel - "Memória, esquecimento, silêncio". In: **Estudos Históricos**. RJ, v.3, n.2, 1.989.

POMIAN, K. - Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**, v.1 (Memória - História), Lisboa: Imprensa Naciona - Casa da Moeda, 1984, p. 51-86.

PROUST, Marcel - **Em Busca do Tempo Perdido**. RJ Globo, 1988.

QUEIROZ, Maria Isaura de - "Relatos Oraís: do "indizível" ao "dizível". In: **Experimentos com História de Vida: Itália: Brasil**, org. Olga de Moraes V.Simson. SP: Vértice-Revista dos Tribunais, 1.988.

RAGO, Margareth - **Do Cabaré ao Lar. A Utopia da cidade disciplinar - Brasil, 1.890 - 1.930**. RJ: Paz e Terra, 1985.

_____ - "Prazer e Perdição: A representação das cidades nos anos Vinte. In: **Revista Brasileira de História**. SP: ANPUH/ Marco Zero, v.17, n.13, p.77-101, set. 1986 - fev. 1987.

_____ - "Amores Ilícitos na Paris de Emile Zola" In: **História & Perspectivas**, Uberlândia, vol.1, n.1, p. 5 - 33, jul-dez 1988.

_____ - **Os Prazeres da Noite**. RJ: Paz e Terra, 1991.

SENNET, Richard - **O declínio do homem público**. Cia das Letras, 1.988.

SCOTT, Joan - " História das Mulheres", in **A Escrita da História: novas perspectivas**. (org) Peter Burke, SP: EDUNESP, 1992.

THOMPSON, Paul - **A Voz do Passado: História Oral**. RJ: Paz e Terra 1992.

VEYNE, Paul - **Como se escreve a História**. Brasília:UNB, 1982.

VERDUM, Ricardo - "Refletindo sobre a memória com Maurice Halbwachs".
Ciências Humanas em Revista. UNFG:Goiânia, v.5, n.2. jul./dez.1994,
p.141- 149.